

**PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

CARLOS AUGUSTO SILVEIRA ALVES

**O CAMINHO DAS MISSÕES E SEUS PEREGRINOS:
NOVA MODALIDADE DE PRODUTO TURÍSTICO
NA REGIÃO DAS MISSÕES**

Porto Alegre

2007

CARLOS AUGUSTO SILVEIRA ALVES

**O CAMINHO DAS MISSÕES E SEUS PEREGRINOS:
NOVA MODALIDADE DE PRODUTO TURÍSTICO
NA REGIÃO DAS MISSÕES**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Prof. Dr. Ricardo Mariano

Porto Alegre

2007

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A474c Alves, Carlos Augusto Silveira
O Caminho das Missões e seus peregrinos: nova
modalidade de produto turístico na Região das Missões /
Carlos Augusto Silveira Alves. Porto Alegre, 2007.
178 f.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) –
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS.
Orientação: Dr. Ricardo Mariano.

1. Sociologia. 2. Turismo sustentável. 3.
Missões Guarani-jesuíticas. 4. Peregrinos. 5. Turismo
místico e religioso. I. Mariano, Ricardo. II. Título.

CDD 380.8

Bibliotecária Responsável

Isabel Merlo Crespo
CRB 10/1201

CARLOS AUGUSTO SILVEIRA ALVES

**O CAMINHO DAS MISSÕES E SEUS PEREGRINOS:
NOVA MODALIDADE DE PRODUTO TURÍSTICO
NA REGIÃO DAS MISSÕES**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em _____ de _____ de 2007.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ricardo Mariano
Orientador – PUCRS

Prof. Dr. Airton Luiz Jungblut
PUCRS

Prof^a. Dra. Carmem Regina Dorneles Nogueira
Universidade Regional Integrada - URI

AGRADECIMENTOS

Aos empreendedores do Caminho das Missões, Gládis, Romaldo, Marta e Cláudio que, gentilmente, sempre, me forneceram dados da empresa, lista de clientes, me apresentaram peregrinos e disponibilizaram para que, em todos os momentos que fosse preciso, eu estivesse na saída ou chegada de algum grupo ou pudesse caminhar com eles.

Aos hospedeiros e hospitaleiros do Caminho das Missões, não somente pelos momentos em que caminhei e me hospedei em suas casas, mas também quando precisei entrevistá-los.

Aos peregrinos do Caminho das Missões que gentilmente responderem os questionários, aos que foram entrevistados, aos que caminharam dias comigo e aos que, além disto, me entusiasmaram e demonstraram interesse pelo resultado deste trabalho.

A todos os que me auxiliaram de alguma forma e me incentivaram: colegas da URI – Universidade Regional Integrada – Campus de Santo Ângelo, colegas do SEBRAE, IPHAN, das Associações de Turismo que presido, os agentes públicos das missões, companheiros de sonhos, aos meus sócios Ronnie e José Roberto, aos meus funcionários, estagiários, alunos e colaboradores, ao Fábio, Adair e Simone.

A minha família, mãe, irmãos e filha.

A Lúcia pelo que representa pra mim e pelas cobranças permanentes e produtivas para a concretização deste trabalho.

Em especial, ao meu orientador, professor doutor Ricardo Mariano, pela qualidade da orientação recebida e disponibilidade permanente, é o maior responsável pelos acertos deste trabalho e inocente dos meus erros.

RESUMO

A dissertação tem como objeto de estudo o turismo na região das missões, localizada a noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, focando, especialmente, um novo produto turístico: o Caminho das Missões, uma rota de turismo a pé efetuada por peregrinos. O trabalho é um estudo de caso, baseado numa pesquisa de campo, a partir da realização de observação participante, entrevistas gravadas e aplicação de questionários com os sócios da empresa mantenedora do Caminho das Missões, os prestadores de serviços de hospedagem e alimentação, os agentes públicos do turismo regional e dirigentes católicos envolvidos com o produto turístico. O Caminho das Missões tem como característica o uso de toda a cadeia produtiva do turismo, envolvendo as áreas de hospedagem, alimentação, artesanato local, entre outras atividades econômicas da região. Estruturado em três capítulos, o trabalho analisa a formatação, as estratégias de venda e a construção da identidade do produto turístico Caminho das Missões, num contexto local em que o turismo passa a ser tratado pelos agentes políticos e privados como opção para o desenvolvimento regional. Reconstitui a narrativa histórica das missões, seus símbolos, crenças e práticas religiosas e, em seguida, analisa sua reapropriação e ressignificação pelos empreendedores do referido produto turístico. Analisa a apropriação e recriação da identidade missioneira a partir da configuração do produto turístico Caminho das Missões em turismo cultural, místico e religioso. Nesse intento, investiga os conflitos e divergências entre os agentes públicos do turismo e os mentores e empresários do negócio. Discorre sobre o papel dos prestadores de serviços, o perfil social dos clientes - os chamados peregrinos - e sua avaliação dos diferentes aspectos do produto. Por fim, analisa o produto no quadro de uma proposta de desenvolvimento sustentável do turismo através de quatro eixos reflexivos: econômico, político, social e histórico-cultural.

Palavras-chave: Missões Guarani-jesuíticas, turismo sustentável, peregrinos, turismo místico e religioso.

ABSTRACT

The present dissertation aims at studying the region of the Missions, located in the northwest of the state of Rio Grande do Sul, focusing especially in a new tourist product: the Missions Route, a tourist route which is done on foot by pilgrims. This work is a case study based on a field research, through participative observation, recorded interviews and questionnaires with the partners of the company which maintains the Route, the people who provide food and bed, public parties from the regional tourism and catholic personnel involved with the tourist product. The Missions Route characterizes the use of all tourism productive chain, involving areas of hostelling, food and local craft, amongst other economic activities in the region. Structured in three chapters, this work analyses the format, sale strategies and the construction of the identity of Missions Route in a local context, in which the tourism starts to be treated by the politic and private agents as an option for the regional development. It reconstitutes the historical narrative of the missions, its symbols, beliefs and religious practices and then analyses its re-appropriation and re-meaning by entrepreneurs of the referred tourist product. It also analyses the recreation of the missionary identity from the configuration of the tourist product Missions Route in cultural, mystical and religious tourism. Thus, it investigates the conflicts and divergences among the tourist public agents and the mentors and businesspeople. It describes the role of the service providers, the social profile of the clients – the so called pilgrims – and its evaluation of different aspects of the product. All in all, it analyses the product in the sense of a sustainable development proposal of the tourism through four reflexive means: economic, politic, social and historic-cultural.

Key-words: Guarani-Jesuitical Missions, sustainable tourism, pilgrims, mystical and religious tourism.

LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS

Figura 1 – Mapa da região das Missões	16
Figura 2 – Mapa dos Trinta Povos	21
Figura 3 – Mapa do Caminho das Missões	52
Gráfico 1 - Distribuição dos peregrinos por faixa etária.....	78
Gráfico 2 - Distribuição dos peregrinos por grau de instrução.....	79
Gráfico 3 - Distribuição dos peregrinos por estado civil	80
Gráfico 4 - Distribuição dos peregrinos por Estados onde vivem.....	82
Gráfico 5 - Distribuição dos peregrinos por tempo de dedicação ao trabalho	84
Gráfico 6 - Distribuição dos peregrinos por freqüência de viagem	86
Gráfico 7 - Distribuição dos peregrinos por critérios de escolha do destino de Viagem	87
Gráfico 8 - Distribuição dos peregrinos por preferência em viajar.....	88
Gráfico 9 - Distribuição dos peregrinos por fonte de informações sobre o roteiro..	89
Gráfico 10 - Distribuição dos peregrinos por meio de transporte usado para chegar às Missões.....	90
Gráfico 11 - Distribuição dos peregrinos por vivência de experiência religiosa ou mística no Caminho das Missões	94
Gráfico 12 - Distribuição dos peregrinos por razão de escolha do roteiro	98

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição dos peregrinos por Estado de origem.....	81
Tabela 2 - Distribuição dos peregrinos por atividade profissional	83
Tabela 3 - Distribuição dos peregrinos por atividades de lazer	85
Tabela 4 - Distribuição dos peregrinos por religião	91
Tabela 5 - Roteiros já realizados pelos caminhantes	99
Tabela 6 - Avaliação, pelos peregrinos, de aspectos estruturais do Caminho das Missões	106

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 HISTÓRICO DAS MISSÕES E O TURISMO NA REGIÃO MISSIONEIRA.....	16
1.1 OS GUARANI E A TERRA SEM MALES	17
1.2 OS JESUÍTAS E O LEGADO HISTÓRICO DOS SETE POVOS.....	19
1.3 A REDESCOBERTA DAS MISSÕES: PATRIMÔNIO MUNDIAL	23
1.4 SÍMBOLOS, CRENÇAS E PRÁTICAS RELIGIOSAS NA REGIÃO MISSIONEIRA	26
1.5 A ATIVIDADE TURÍSTICA NAS MISSÕES E OS AGENTES PÚBLICOS LOCAIS	32
1.6 O DESAFIO DO TURISMO COMO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL.....	36
1.7 O TURISMO RELIGIOSO COMO MÍSTICO-CULTURAL	40
2 O CAMINHO DAS MISSÕES	47
2.1 O PRODUTO TURÍSTICO CAMINHO DAS MISSÕES	47
2.2 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE MÍSTICA DO CAMINHO DAS MISSÕES	54
2.3 ESTRATÉGIAS DE VENDA DO PRODUTO TURÍSTICO CAMINHO DAS MISSÕES	59
2.4 OS HOSPEDEIROS	62
3 OS PEREGRINOS DO CAMINHO DAS MISSÕES.....	77
3.1 PERFIL SOCIAL DOS PEREGRINOS	78
3.2 LAZER E ATIVIDADES TURÍSTICAS DOS PEREGRINOS	84
3.3 RELIGIÃO E CRENÇAS DOS PEREGRINOS	90
3.4 A AVALIAÇÃO DOS PEREGRINOS SOBRE O CAMINHO DAS MISSÕES.....	96
3.5 SER PEREGRINO NO CAMINHO DAS MISSÕES	108
CONCLUSÃO	114
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	132
ANEXOS	138

INTRODUÇÃO

A estrutura da sociedade atual está embasada, em grande parte, na organização das regras do mercado econômico. O turismo – nas últimas décadas - tem sido sua mais recente aposta, rica de possibilidades e com uma diversidade de segmentos (MONTEJANO, 2001), de tal forma que hoje é a indústria que mais emprega no mundo e tem a maior ramificação de setores em atividades diversas, gerando uma transformação social e econômica de grande impacto. Dentro da generalidade que se pode compreender o turismo, está o encontro com um fenômeno que marca a humanidade em geral, o patrimônio histórico-cultural e religioso.

Há milênios, a peregrinação é um fenômeno marcante. Bastou, entretanto, cair nas malhas do mercado de consumo para ter seu sentido transformado e tornar-se uma modalidade de turismo. Esse encontro transformou o sentido de peregrinação, compreendido agora como turismo religioso.

Vem crescendo o número de locais identificados como rotas ou destinos de turismo religioso e também místico-cultural no Brasil e no mundo. Concorre ainda para este fenômeno a possibilidade de desenvolvimento social e econômico para estas regiões, já que o turismo tem a capacidade de gerar recursos e empreendimentos que, muitas vezes, transformam a região turística.

A região das Missões, localizada no noroeste do estado do Rio Grande do Sul, tem na agricultura o principal meio de geração de recursos, setor que enfrenta problemas em razão das condições climáticas desfavoráveis dos últimos anos. Na região, não há nenhum tipo de indústria para compensar cada vez que a produção agrícola declina. O turismo e o produto turístico Caminho das Missões apresenta-se

como nova oportunidade que se criou para vários municípios que fazem parte do roteiro. Por enquanto uma empresa privada mantém o monopólio do produto, oferecendo pacotes de caminhada, sendo ela e os hospedeiros os únicos beneficiados financeiramente. O caráter incipiente, a pequena demanda e os poucos recursos investidos na divulgação e infra-estrutura contribuem para que não tenha se concretizado ainda como um setor de maior renda e para um número maior de pessoas.

A região das Missões é, atualmente, considerada pelos principais órgãos nacionais e internacionais que regulam o setor, uma área de grande potencial turístico. Está próxima de comemorar 400 anos de história, desde a chegada do padre Roque Gonzalez de Santa Cruz em 1626 para fundar a missão de São Nicolau. Os chamados Sete Povos das Missões, conjunto arquitetônico que abrigou uma experiência político-religiosa sem precedentes em sua época, contribuiu para que a região das Missões se configurasse em uma das maiores riquezas históricas e culturais do Brasil.

Contando com um atrativo turístico-cultural perene, o sítio arqueológico de São Miguel das Missões, reconhecido no ano de 1983 pela Unesco como Patrimônio Cultural da Humanidade, tornou-se o grande responsável pela crescente visitação à região. Apesar da expansão do turismo na região, as Missões continuam, em pleno século XXI, em sua busca por uma identidade que permita, a seus agentes de desenvolvimento, a adequada exploração turística deste legado, razão de inúmeros projetos voltados à divulgação de seu potencial e definição de uma matriz econômica centrada na prestação de serviços decorrentes da atividade.

Mesmo com o estabelecimento, especialmente no final da década de 1990, de equipamentos turísticos dedicados à qualificação dos municípios da região nas áreas de hotelaria, gastronomia e atividades complementares, como a valorização do artesanato local e a elaboração de projetos voltados à formação de mão-de-obra qualificada para o atendimento do crescente público visitante, ainda não foi realizada uma ação integradora dos agentes públicos e privados para difundir o turismo na sociedade missioneira.

Neste sentido, o lançamento, em 2002, do produto turístico Caminho das Missões, centrado na figura do turista-peregrino, é uma verdadeira inovação para o

modelo de captação de visitantes. Fez surgir, entre as lideranças da região, a visão de uma base conceitual sobre a qual construir, efetivamente, a identidade do setor, atendendo à crescente demanda por esta modalidade de turismo em todo o mundo.

Vários estudos acadêmicos foram realizados tendo as Missões como tema, contemplando as mais diversas áreas e os mais variados pontos de vista: histórico, antropológico, arqueológico, arquitetônico, econômico e sociológico. Nos últimos anos, trabalhos na área de turismo ganharam espaço em monografias de conclusão de cursos de graduação, dissertações e teses, tratando especificamente da redescoberta da região das Missões com o turismo e a integração das missões jesuíticas num circuito internacional de turismo e como produto do Mercosul.

O presente trabalho tem por objetivo geral pesquisar e analisar o fenômeno social ocasionado na região missioneira, tendo como base o conhecimento científico produzido sobre sociologia do turismo e o turismo sustentável, a partir da formatação, viabilização e identidade do produto turístico Caminho das Missões, produto existente e comercializado permanentemente, com tarifário e cadastro de clientes e que tem como característica fundamental ser um produto que contempla, além de cinco municípios, num exemplo de integração, áreas urbana e rural, numa autêntica cadeia produtiva de turismo.

O desenvolvimento do trabalho tem diversos objetivos específicos: o reconhecimento do potencial turístico das Missões e seu histórico de organização sócio-econômico e político voltado ao setor; a análise do produto turístico denominado Caminho das Missões, enquanto resultado de uma estrutura organizacional definida e seus reflexos na definição de um novo paradigma para o turismo missioneiro; considerar as motivações dos peregrinos que participam do Caminho das Missões, sua visão a respeito da estrutura organizacional oferecida pela empresa e análise do equipamento turístico local, como subsídio para o delineamento de cenários futuros para o setor na região; analisar as interações sociais, estratégias de ação, conflitos, processos de gestão e relações de poder entre os gestores públicos do turismo, através de suas organizações políticas, empreendedores e fornecedores do produto Caminho das Missões e, por último, apontar alternativas de desenvolvimento a partir da inserção do setor público,

descentralizando a organização do espaço turístico, atualmente em poder de uma empresa que detém a patente do produto.

O trabalho é um estudo de caso e se baseia numa pesquisa de campo, que consiste na coleta de dados diretamente no local de ocorrência dos fatos, sendo desenvolvida a partir da realização de entrevistas e aplicação de questionários (levantamentos). Para a coleta de dados, foram realizadas entrevistas gravadas, com questões abertas e aplicados questionários, enviados e recebidos por via eletrônica, no período de setembro de 2005 a março de 2007. Primeiramente, foram entrevistados os empresários do “Caminho das Missões Operadora Turística Limitada – ME” e seus contratados ou conveniados, pequenas empresas formais e informais, que hospedam e oferecem alimentação aos chamados peregrinos. Cento e quinze peregrinos, o correspondente a 16,03% de um universo de 717 registrados até o mês de março de 2007, responderam a um questionário com respostas diretas e outras discursivas, analisando e opinando sobre a estrutura turística do produto, hábitos e motivações para realizarem o Caminho.

Como observador participante, entrevistei peregrinos em pleno Caminho das Missões, em duas oportunidades, em 2005 e 2006, quando efetuei o roteiro, convivendo com eles e com os prestadores de serviços que vivem, parcialmente, dos recursos obtidos com o Caminho, através da Empresa mantenedora. A partir desta experiência, procurou-se analisar o peregrino e sua interface com o turismo religioso, buscando entender o aspecto cultural e místico nas motivações para realizarem o Caminho.

A análise do produto turístico Caminho das Missões e seus peregrinos tem como base os conceitos consagrados do Turismo Sustentável, afirmado categoricamente por diversos autores e pela Organização Mundial do Turismo (OMT) e confrontados com eventuais problemáticas geradas pelo turismo, tendo como foco o turismo religioso, tido como um dos que mais cresce no momento, e sua interface com um turismo de massa, radicalmente oposto ao turismo sustentável. Sobre a participação da Igreja Católica na viabilização deste produto, foi entrevistado o padre responsável pela Igreja Angelopolitana, local de chegada dos peregrinos e o Bispo Emérito da Região Missioneira.

Procurei analisar os conflitos ocasionados por este produto na Região das Missões, tida como uma das mais pobres do Estado: os empresários, donos do empreendimento, os prestadores de serviços, esperançosos pelo aumento da demanda e os agentes públicos e suas instituições representativas, criadas para desenvolver o turismo.

No total, foram realizadas 23 entrevistas gravadas, com os quatro sócios da empresa mantenedora do Caminho das Missões, os dois religiosos, os quatorze prestadores de serviços de hospedagem e alimentação e os três agentes públicos, tidos como líderes do turismo na região.

A centralidade das entrevistas e dos debates está na necessidade de uma maior demanda para o produto turístico Caminho das Missões em benefício de todos: empreendedores do negócio, os prestadores de serviços - principalmente os hospedeiros, que acreditam na proposta do Caminho das Missões e que sonham com o recebimento de grupos diários ou semanais, tornando-a sua fonte de renda primordial - e os agentes públicos, representados por uma fundação, criada e mantida por prefeituras municipais de 24 cidades da região, com a finalidade da gestão e estruturação do turismo local. O aumento do fluxo de turistas e a mudança de paradigma no tipo de turismo praticado na região nos últimos 40 anos poderá trazer benefícios econômicos e interessar outros empreendedores mas que, segundo autores, poderá influenciar negativamente na vida e nos costumes locais.

Por residir na região das Missões há sete anos e ser professor da Universidade local - URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Campus de Santo Ângelo, no curso de Projetos e Empreendimentos Turísticos, possuo uma relação muito próxima do fenômeno pesquisado e interesse particular, pois sou sócio-proprietário de um dos pontos de hospedagem do Caminho. Além disto, sou responsável pelo primeiro plano de desenvolvimento turístico da região das missões, realizando inventários turísticos em todas as cidades da região, cursos e palestras de sensibilização para o turismo, através de uma parceria da Associação dos Municípios das Missões (AMM) com o Serviço Nacional de Apoio as Micro e Pequenas Empresas do Rio Grande do Sul (SEBRAE-RS).

Estas considerações são necessárias para expressar minha imensa dificuldade em analisar o fenômeno turístico da região, como um observador isento, neutro, imparcial.

O trabalho está estruturado em três capítulos. O primeiro faz um relato histórico das missões, da experiência secular jesuítico-guarani, da construção do imaginário missionário, traduzido pelos seus símbolos, crenças e práticas cotidianas e o aproveitamento turístico destes valores. Trata da redescoberta das Missões por meio de sua declaração pela Unesco, como Patrimônio Mundial e do envolvimento de diversos agentes em busca do desenvolvimento pela atividade turística, principalmente o turismo místico e religioso. Também, neste capítulo, trabalham-se os conceitos do turismo sustentável em contraponto com o turismo místico, religioso e de massas. O segundo capítulo discorre sobre o produto turístico criado por uma empresa de Santo Ângelo, inspirado no Caminho de Santiago, na Espanha, e que está modificando o perfil do turista da região missioneira. Estuda-se a construção da identidade mística do produto e suas estratégias de venda, finalizando com a participação dos hospedeiros neste processo. No terceiro capítulo, avalia-se o cliente deste produto, denominado peregrino: seu perfil social, suas crenças e motivações turísticas e, principalmente, sua avaliação sobre diversas questões relativas ao produto. Na conclusão, procuro fazer uma apreciação das principais descobertas realizadas pela pesquisa, a partir de quatro eixos reflexivos do turismo sustentável: econômico, político, social e histórico-cultural.

1 HISTÓRICO DAS MISSÕES E O TURISMO NA REGIÃO MISSIONEIRA

Este capítulo tem por objetivo configurar um histórico da região das Missões, situada no Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, onde foi realizada a pesquisa de campo sobre o produto turístico Caminho das Missões, do qual, em seguida, procuro apresentar a gênese e a trajetória de sua realização. Parte-se dos elementos históricos constituintes da cultura local, fortemente enraizada na vivência do povo guarani e na experiência missionária jesuíta, que conferiu à região posição de destaque no cenário político brasileiro há mais de trezentos anos. Além da cultura do povo guarani, os remanescentes arquitetônicos edificados no período de seu encontro com a cultura jesuítica são cruciais para a elaboração do imaginário turístico missioneiro. A atração primordial do Caminho das Missões são as características culturais, místicas e religiosas da região.



Figura 1 – Mapa da região das Missões

Fonte: http://viagemeturismo.abril.com.br/edicoes/128/brasil/conteudo_135519.shtml.

1.1 OS GUARANI E A TERRA SEM MALES

Vários estudiosos colaboraram decisivamente no esclarecimento da questão da “Terra sem Males”, expressão centralizadora da cultura guaranítica. Destacam-se vários pesquisadores de diferentes nacionalidades, dentre eles estão: Egon Schaden, do Brasil; Curt Unkel, da Alemanha; León Cadogan e Bartomeu Meliá, do Paraguai. Curt Unkel publicou, em Berlim, um estudo sobre os mitos da criação e destruição do mundo como fundamentos da vivência espiritual do povo guarani¹. Inseridos em meio aos povos guarani do Paraguai, Cadogan² se destacou na compilação das palavras sábias (Ayvú rapytá) e Schaden³ se deteve na sistematização dos aspectos fundamentais da cultura indígena.

O pesquisador mais reconhecido nesta causa é Bartomeu Meliá. Sua relação com a cultura guaranítica não se restringe à atividade de pesquisa, porque esta se revelou como um ideal de vida, expresso em suas importantes obras, das quais se destaca o “El Guaraní conquistado y reducido: ensayos de etnohistoria”. Conforme o autor, não se pode falar dos guarani sem a referência explícita a sua busca incansável e profética da “Terra sem Males” (MELIÁ, 1989, p. 334-335). Tal busca inspira-se no mito⁴ “Terra Sem Males”, que tem uma das versões mais conhecidas recolhida por Unkel.

Quando Nhandervuçu (nosso grande Pai) resolveu acabar com a terra, devido à maldade dos homens, avisou antecipadamente Guiraypoty, o grande pajé, e mandou que dançasse. Este obedeceu-lhe, passando toda a noite em danças rituais. E quando Guiraypoty terminou de dançar, Nhandervuçu retirou um dos esteios que sustenta a terra, provocando um incêndio devastador. Guiraypoty, para fugir do perigo, partiu com sua família, para o Leste, em direção ao mar. Tão rápida foi a fuga, que não teve tempo de plantar e nem de colher a mandioca. Todos teriam morrido de fome, se não fosse seu grande poder que fez com que o alimento surgisse durante a viagem. Quando alcançaram o litoral, seu primeiro cuidado foi construir uma casa de tábuas, para que quando viessem as águas, ela pudesse resistir. Terminada a construção, retomaram a dança e o canto. O perigo tornava-se cada vez mais eminente, pois o mar, como que para apagar o grande incêndio, ia engolindo toda a terra. Quanto mais subiam as águas, mais Guiraypoty e sua família dançavam. E para não serem tragados pela água, subiram no telhado da casa. Guiraypoty chorou, pois teve medo. Mas sua mulher lhe falou: “Se tens medo, meu pai, abre

¹ UNKEL, K. **As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-guarani**. São Paulo: Hucitec, 1987.

² CADOGAN, R. **Tupã Kuchuvi Veve**: un profeta en el firmamento Guarani. Asunción: Fundación “Leon Cadogan”, 1998.

³ SCHADEN, E. **Aspectos fundamentais da cultura guarani**. 3. ed. São Paulo: EPU, 1974.

⁴ O uso deste termo significa de antemão impor categorias interpretativas exteriores à própria carga de sentido *acerca daquilo* expressado como “Terra sem Males”.

teus braços para que os pássaros que estão passando possam repousar. Se eles sentarem no teu corpo, pede para nos levarem para o alto”. E, mesmo em cima da casa, a mulher continuou batendo a taquara ritmadamente contra o esteio da casa, enquanto as águas subiam. Guiraypoty entoou então o *nheengaraí*, o canto solene guarani. Quando iam ser tragados pela água, a casa se moveu, girou, flutuou, subiu... subiu até chegar à porta do céu, onde ficaram morando. Esse lugar para onde foram chama-se *Yvy marã ey* (a “terra sem males”). Aí as plantas nascem por si próprias, a mandioca já vem transformada em farinha e a caça chega morta aos pés dos caçadores. As pessoas nesse lugar não envelhecem e nem morrem e aí não há sofrimento (UNKEL, 1987, p. 155-156).

Para Meliá, é o guarani que faz a sua terra. Este fazer é a expressão da harmonia que o homem guarani tem com a natureza, que ultrapassa a dimensão meramente naturalística. A terra guarani vive com os guarani que nela vivem. É o lugar onde vivem segundo seus costumes (MELIÁ, 1989, p. 340). O termo “Tekohá” (=terra) refere-se à centralidade que a terra ocupa na constituição do modo de ser guarani. É o lugar onde se dão as condições que lhe possibilitam realizar seu modo de ser.

Na sua concepção, os guarani nunca vêem o mal da terra como um fenômeno natural, nem uma circunstância meramente ecológica. Ele está ligado ao modo de ser religioso que se deteriorou, permitindo que a maldade ganhasse corpo, impossibilitando o próprio exercício de qualquer *canto*, uma *reza* e menos ainda a convocação de uma *feira*. Conforme Meliá (1989), o fundamento da boa terra guarani não é a natureza em si, mas o ato religioso que lhe dá princípio e sustenta. Este ato litúrgico precisa ser constantemente vivenciado, através de rituais, cânticos e danças religiosas.

A terra boa (“terra sem males”), a que produz festa e a palavra comunicada, é a mesma terra que traz consigo a perfeição e a plenitude: *aguyjé*. O povo guarani que busca a terra boa procura um estado de perfeição, para o qual confluem várias condições, meios e até técnicas psico-religiosas: sair da terra má, chegar a um lugar de abundância, poder realizar banquetes e festas, alcançar experiências místicas extraordinárias. O guarani que alcançou grau de perfeição passou a “viver naquela terra sem males onde as plantas crescem por si sós e em abundância, onde o banquete e a dança não conhecem fim nem cansaço” (MELIÁ, 1989, p. 342). Para padre Rosalvo Frey⁵,

⁵ Padre Rosalvo Frey é o atual pároco da Igreja Santo Anjo da Guarda, Catedral Angelopolitana, em Santo Ângelo, que recepciona os peregrinos no final da caminhada.

O índio se comunica muito com a terra, ele parece que se identifica melhor com a terra do que nós... nós usamos a terra para negócio, para explorar, só em último caso para viver da terra... hoje, infelizmente é assim... então esses rituais todos, que os índios fazem, que os afros fazem, dentro da cultura, dentro do contexto deles, acho que tem que ser respeitado e valorizado (FREY, Rosalvo. Entrevista concedida).

Inspirados no 'mito' e guiados por seus líderes, os guarani partem em busca contínua da "Terra sem Males" (DALCIN, 1993). É um peregrinar⁶ constante. Todos podem participar da busca, mas "o caminho só é percorrido com êxito por quem esteja física e espiritualmente preparado. A preparação requer meditação, dança e cantos religiosos na parte espiritual" (QUEIROZ, *apud* GRIEBELER, 2002, p. 22)⁷.

A dimensão do 'mito' da "Terra sem Males", contudo, foi ignorada no encontro com a cultura europeia por portugueses, espanhóis e até mesmo pelos padres da Companhia de Jesus. O conquistador português e espanhol converteu a terra guarani em campo de batalha, até a destruição de tudo quanto representasse o mundo vivido guaraní. É justamente o logro desse modo de ser transfigurado que fez emergir o que se compreende como legado histórico-cultural jesuítico dos Sete Povos. Esta cultura ainda tem traços indígenas, sobretudo, como presença de transformação das Missões pelo trabalho orientado pelos padres. Para qualquer análise da descendência europeia, os aspectos negativos para os habitantes primevos tendem a ser amenizados, considerando apenas o surgimento de uma nova cultura desse encontro.

1.2 OS JESUÍTAS E O LEGADO HISTÓRICO DOS SETE POVOS

A emergência da experiência missionária em solo rio-grandense se mostra plena de conflitos sociais, culturais, econômicos e religiosos. Neste sentido, além de registrar a trajetória histórica que incluiu, sob o mesmo ideário, europeus e ameríndios (os guarani), interessa, sobretudo, identificar as tensões e os avanços coletivos que, de uma maneira ou de outra, foram responsáveis pela constituição do "ser missionário", construção identitária estrategicamente manipulada e valorizada

⁶ O ponto incisivo nesta questão é salientar a conexão de sentido com o peregrino do Caminho das Missões.

⁷ Carlos Griebeler é professor do Instituto Missionário de Teologia e doutorando pela EST, São Leopoldo. Sua tese, em elaboração, versa sobre a "Construção do imaginário missionário nas *Cartas de Viagens* de Antônio Sepp".

como fator de atração turística para a região. Questionado sobre a compreensão de “consciência missioneira”, Dom Estanislau Amadeu Kreutz⁸ afirma:

Não ver apenas as ruínas como algo histórico passado e como um capítulo da história dos indígenas, com a qual nós não temos nada a ver, porque nós somos imigrantes, tanto brasileiros, que vieram de São Paulo, como açorianos e como os europeus, de diversas etnias, que aqui vieram. Isso seria algo estranho, mas a consciência missioneira consiste nisso. E todos nós que moramos aqui, e mais ainda os que nasceram nessa região, não de considerar e levar em conta que são filhos desta terra, e que têm o privilégio de ter um patrimônio, um dos mais belos e mais ricos de toda a história da humanidade. De maneira que essa consciência precisa crescer, e então há de se valorizar tudo isso, com vistas, também, à renovação da própria sociedade. Porque aqui tivemos um testemunho ímpar de uma sociedade fraterna, justa e solidária. É sabido que nessas reduções não havia um menino de rua, não havia uma viúva abandonada, não havia um doente relegado, e todos tinham casas iguais, confortáveis, boas, e todos se sentiam bem, felizes. Ora, uma sociedade dessas é um modelo inspirador. Nós não haveremos de repetir historicamente a forma que, evidentemente, está ultrapassada, e hoje há formas modernas, há muito mais conforto, há tantos meios... (KREUTZ, Estanislau. Entrevista concedida).

Para melhor compreender o sentido e o alcance das reduções, faz-se necessário entender o que ocorria em meados do século XVI no Paraguai e na Argentina. Nesta época os espanhóis ocupam as terras dos guarani e, pelo sistema da “encomienda”, impõem trabalhos forçados que destroem seu modo de vida e a reciprocidade do sistema. Com isso, condenam os guarani à morte. Os jesuítas do Paraguai, como outros religiosos e bispos católicos na América do Sul, se levantam em defesa dos índios e contra a “encomienda”. Queriam os índios vivos e para isso propuseram-se a fundar cidades só de índios, proibidas aos brancos e distantes dos centros de conquista, com autonomia econômica, política e religiosa.

Desde o século XVI, estavam os padres da Companhia de Jesus entre os índios do Paraguai e Argentina. Em 1626, o Pe. Roque Gonzales de Santa Cruz atravessou o rio Uruguai e iniciou a fundação do povo de São Nicolau, junto com seus companheiros Pe. João de Castilhos e Pe. Afonso Rodriguez. Estes foram martirizados em 1628 pelos índios chefiados pelo pajé Nheçú. José Roberto de Oliveira⁹ afirma:

⁸ Dom Estanislau Amadeu Kreutz é bispo emérito da Diocese Angelopolitana e autor do livro “Missões Jesuítico-Guarani”, publicado recentemente.

⁹ José Roberto de Oliveira é atual vice-prefeito de São Miguel das Missões e está escrevendo livro intitulado “A importância das Missões Jesuíticas dos guarani para a humanidade – um pedido de perdão!”.

Mesmo com o início do período reducional a grande luta dos jesuítas era exatamente contra este coordenador espiritual, que como no caso do Padre Roque Gonzalez, Padre Afonso Rodriguez e Padre Juan de Castillos, foram mortos e martirizados ao comando do Xamã Nheçú, que comandava espiritualmente uma vasta região da área que atualmente chamamos de Missões (OLIVEIRA, José Roberto. Entrevista concedida).

Mesmo com estas mortes, ainda foram fundados vários povoados no Rio Grande do Sul, mas de curta duração. As expedições de Antonio Raposo Tavares (1636), André Fernandes (1637) e Fernão Dias Pais (1638) terminaram com os povoados do primeiro ciclo missionário, causando a dispersão dos índios para o outro lado do Rio Uruguai. A ação predatória dos bandeirantes paulistas tinha como objetivo caçar índios para o trabalho escravo. Essa situação perdurou até 1641 quando, com a licença do rei da Espanha, os jesuítas muniram os índios com armas de fogo e conseguiram impor aos bandeirantes uma fragorosa derrota na batalha de M'Bororé^{10[1]}, no leito do rio Uruguai. Essa derrota e o término da União Ibérica (1640) possibilitaram, anos depois, a fundação de novos povoados, com o chamado segundo ciclo dos povos missionários.

No segundo ciclo missionário, as reduções dos Sete Povos das Missões¹¹, povoamentos fundados entre os anos de 1682 a 1706, faziam parte de um território formado por 30 povos, abrangendo terras pertencentes hoje ao Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai.

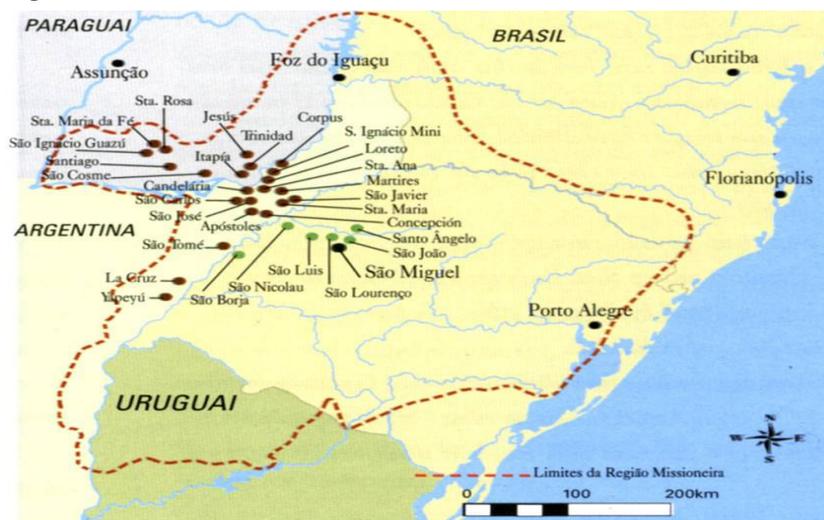


Figura 2 – Mapa dos Trinta Povos

Fonte: <http://www2.uol.com.br/mochilabrasil/missoes.shtml>

^{10[1]} É conhecida a lenda da casa de M'Bororé. Muitos indicam a batalha no leito do Uruguai como fonte inspiradora da lenda. (Esta lenda será objeto de estudo no final deste capítulo).

¹¹ São Francisco de Borja é o primeiro dos Sete Povos. Neste segundo ciclo são fundados todos os Sete Povos, isto é, São Francisco de Borja, São Nicolau, São Miguel Arcanjo, São Luís Gonzaga, São Lourenço, São João Batista e Santo Ângelo Custódio.

As reduções protegiam os guarani dos invasores que queriam escravizá-los, ao preço da cristianização do ameríndio. Por isso, por um lado, as reduções formavam a concentração de índios em pequenos povoados para convertê-los à fé Católica reformada, conforme definido pelo Concílio de Trento (1545-1563). Por outro lado, significavam a possibilidade de superar a escravidão do colono espanhol ou português. Esta leitura é reforçada por Dom Estanislau Amadeu Kreutz, segundo o qual:

Bem, ali houve interpretações que são inspiradas pelo Marquês de Pombal e companhia, e ali houve alguns, claro que na época já escreviam obras contra os missionários, contra os jesuítas, caluniando inclusive, e interpretando maliciosamente a sua atuação apostólica missionária e missionária. Entretanto, a bem da verdade, devemos dizer que esses missionários não deixaram suas terras, suas pátrias, onde tinham conforto bem maior, que estavam bem, para se embrenharem aqui por nossos campos, sem terem nada, puramente por amor a esses povos, e sem nenhum outro interesse falso. E, quem maliciosamente interpreta, de uma forma negativa, acho que não merece nosso crédito. Além disto, há também pessoas que não têm todo o condão, e a capacidade de interpretar corretamente a história. Se nós olharmos os métodos e os avanços da ciência até pedagógica, e a própria missionariedade de hoje, e com essas luzes nós avaliarmos aquilo que ocorreu há três séculos, eu acho que nós estamos interpretando anacronicamente a história, não somos verdadeiros historiadores. Deveríamos situar-nos na época, naquele tempo, e ver todo aquele... o avanço que tiveram, e fizeram o máximo e o melhor possível, do que estava ao alcance deles (KREUTZ, Estanislau. Entrevista concedida).

Depois de muitos ensaios de “povoados de índios”, surge a experiência jesuítica na região, principalmente no começo do século XVII, em território da nação guarani. Por que os índios receberam os jesuítas como amigos e aceitaram sua tutela? - pergunta-se Alfred Mestrouse, um dos melhores analistas da prática jesuíta.

A resposta a esta questão não é simples. A política dos jesuítas triunfara por diversos motivos. Porém, se lemos atentamente cartas e relações que nos descrevem seus primeiros contatos com uma tribo selvagem, notaremos o papel primordial que o ferro desempenha nisso (MESTROUSE, *apud* PUHL e SUÁREZ, 1998, p. 51).

De fato, machados de ferro e redução aparecem com freqüência estreitamente unidos. Uma vez introduzidos na idade do ferro, em nenhum caso volta-se à idade da pedra. Um dos guarani, o instigador da morte do padre Roque Gonzales, o índio Potivara, teria dito:

A liberdade antiga vejo que se perde... porque estes sacerdotes estrangeiros nos amontoam em povoados, não para o nosso bem, senão para que escutemos a doutrina tão oposta aos ritos e costumes de nossos

antepassados”. Implanta-se uma utopia “colonial”, um cativo, disfarçado de guarani. Era só um espaço para defendê-los do poder dos “encomendeiros” do oeste e dos “bandeirantes” do leste. ‘Por acaso, que outro patrimônio nos deixaram nossos pais, senão a liberdade? A própria natureza que nos isentou do peso de estranha escravidão, não nos fez mesmo livres de viver presos a um sítio? Não foi, até agora, nossa habitação comum tudo que rodeia estes montes, sem que nos prenda o vale mais do que a mata? Pois, por que consentes que o nosso exemplo sujeite a nossos índios e, o que é pior, a nossos descendentes, a este disfarçado cativo de reduções de que nos desabrigou a natureza?’ (PUHL e SUÁREZ, 1998, p. 51).

A redução, orientada para a praça e esta para a igreja, oferecia uma estrutura apropriada para o que poderia chamar-se uma sociedade socializada em cada momento e ação. Chamava a atenção dos visitantes de fora e dos eclesiásticos a rigorosa disciplina da situação de toda a vida reducional. Era um convento que se transformara em cidade. Era a única concepção que podia ter um padre.¹²

Nas reduções, os índios viviam em regime de comunidade primitiva. Arregimentados pelos padres, passaram a trabalhar sob a orientação e fiscalização dos jesuítas em regime comunitário. A terra, assim como todos os meios de produção, pertenciam à comunidade. Havia lavouras demarcadas para as famílias e outras para a comunidade. Nas terras da comunidade todos eram obrigados a trabalhar determinados dias da semana a fim de garantir o sustento das pessoas incapacitadas (órfãos, viúvas, e doentes) e ocupantes de cargos administrativos.

1.3 A REDESCOBERTA DAS MISSÕES: PATRIMÔNIO MUNDIAL

No decorrer do século XVIII, estas reduções, criadas em território rio-grandense, passaram a se constituir numa linha de expansão rumo ao sul, praticamente independente da lusitana ou espanhola. Criando unidades economicamente desenvolvidas, quase autônomas, as reduções juntamente com a Companhia de Jesus constituíram-se pouco a pouco uma ameaça. Generalizou-se a idéia de que a ordem jesuítica se constituía num “Estado Teocrático independente dentro da América Hispânica” (BACK, 1983, p. 46). Outros autores, ainda, exaltam a experiência jesuítico-guarani reducional da seguinte forma: para Kern (1982, p. 223), “em 1648 surgiu, pela primeira vez, a indicação de que estariam organizando um

¹² O exposto neste parágrafo foi escrito por um eminente estudioso e religioso da Companhia de Jesus, Bartomeu Meliá, exilado no Brasil pelo governo do Paraguai. De volta a Assunção, em 1986, publicou o livro “El Guaraní Conquistado y Reducido”, já citado anteriormente.

estado independente”¹³ e Mallmann (1986, p. 359) também fala no “Primeiro Estado Teocrático do Mundo”.

Em 1750 foi imposto aos índios guarani o Tratado de Madrid, acordo entre Espanha e Portugal obrigando os índios a abandonar suas terras, moradias, plantações e rebanhos em troca dos interesses destes dois Reinos Ibéricos. Com isso, os Sete Povos Missionários deveriam passar dos domínios espanhóis para portugueses, em troca da Colônia de Sacramento. Assim, os guarani perderiam suas terras e a sociedade construída e organizada nas Missões.

Os índios, contudo, não aceitaram essa imposição e lutaram por suas terras e aldeias, com a chamada Guerra Guaranítica, organizando forças a partir de “São Nicolau, São Luiz Gonzaga, São Miguel, São João Batista e Santo Ângelo Custódio, tendo como seus comandantes Sepé Tiaraju e Miguel Taimacay” (PIPPI, 2006, p. 07). Numa carta escrita pelos líderes indígenas ao governador de Buenos Aires, José Adonaegui, expressaram sua inconformidade com o acordo e sua disposição para lutar por suas terras. Transcrevem-se abaixo partes dessa carta:

(...) para não perder sem razão o amor de Deus que temos, por amor das virtudes que tem nossas almas, não executaremos a mudança, lembrando-os das palavras do rei nosso Senhor Felipe V, e do que nos escreveu. Portanto, senhor Governador dom José Adonaegui, cumpre isso para conosco, sendo vontade de Deus. Todos somos criaturas de um só Deus. Por ventura ama Deus mais aos espanhóis do que aos pobres índios? (...) Vês aqui a amostra de nosso trabalho, o que temos empenhado, e o que temos vencido e feito com muitíssimo suor e grandes trabalhos. Isso temos feito neste Povo de Santo Ângelo onde estamos. (...) Porque, pois dás Sete formosos Povos em paga da Colônia, que é Um e Povo pobre? Portanto, não teremos o mal que nos queres fazer, ainda que traga teus canhões, não temeremos. Somente Deus Nosso Senhor, sendo nós uns pobres índios, nos ajudará muito e o Santo Anjo, também será nosso ajudador e protetor. (...) Não erramos em coisa alguma (...) estamos sós em nosso Povo, onde estamos bem. Por isso se vieres, teremos guerra. (...) em chegando tu, Deus cuidará de nós pobre índios. Só em Deus é que sempre confiamos grandemente. A Deus, sim, tememos mais do que a ti, sendo ele o dono das nossas vidas. O que farás, não é coisa. Dizemos-te isso, senhor Governador. Que Deus te guarde e dê saúde (PIPPI, 2006, p. 08).

Apesar da disposição para lutar por suas terras, os índios foram vencidos pelas forças dos espanhóis e portugueses em 1756, em Caiboaté, município de São

¹³ Esta compreensão também foi ressaltada pelo Jornal Nacional, da Rede Globo, apresentado ao vivo do sítio arqueológico de São Miguel das Missões, quando, no dia 31 de Julho de 2006, estreou o projeto da Rede Globo “Caravana JN”. A vida reducional foi definida como “Império Teocrático na América”. DVD à venda nas bancas de revistas de todo o Brasil.

Gabriel. Com a destruição das reduções ou dos Sete Povos, a fronteira colonial continuou em disputa mesmo depois da independência do Brasil e demais repúblicas da América Latina. Para assegurar o território desta província, o Império brasileiro estabelece uma política de ocupação militar. Procura atrair portugueses paulistas, lagunenses, açorianos e até soldados alemães. Distribui sesmarias de terras nos campos abertos do Rio Grande do Sul. Era preciso, a partir da Revolução Farroupilha, criar um efetivo populacional favorável ao governo central do Império e que pudesse contrabalançar a força dos agropecuaristas na fronteira da província.

Com o declínio da experiência missionária, suscitado pelas sucessivas transferências de poder entre Portugal e Espanha, que foram determinantes para a expulsão dos jesuítas, tanto da Europa quanto do território brasileiro, a região ficou descaracterizada após 1768, quando um novo comando alheio à cultura guarani e jesuíta passou a administrá-la. Aos poucos perdeu relevância no país, só tendo sua história resgatada, efetivamente, nas últimas décadas do século XX, quando as autoridades locais perceberam seu potencial turístico. Dom Estanislau alegra-se com o avanço da consciência missioneira:

Porque os primeiros anos, ela era relativamente débil, ainda, particularmente nos próprios locais de visitaçao, como São Miguel, principalmente. A própria igreja e também agentes de pastoral, e todos, procuramos, simultaneamente, com a sociedade divulgar mais o grande valor do patrimônio histórico, sócio-cultural e religioso dos trinta povos das Missões, e nomeadamente dos Sete Povos (KREUTZ, Estanislau. Entrevista concedida).

Diante da história missioneira, o turismo nas Missões tem como objeto um amálgama de experiências culturais diversificadas, nem sempre estruturadas em torno de um núcleo comum, os Sete Povos. As políticas públicas, para explorar economicamente os remanescentes históricos da região, atrair visitantes e estimular a criação de opções concretas de participação no cenário turístico nacional, têm como base a experiência missionária jesuítica. Tal proposta, contudo, ainda está num estágio inicial. Visa explorar seu senso de identidade resultante de mais de trezentos anos de povoamento e de vivências multiculturais que, se não contempla de igual maneira os descendentes de índios e europeus, resiste por meio, sobretudo, de um legado arquitetônico capaz de transpor o próprio tempo. Dom Estanislau afirma que a Igreja:

Longe de estar contra, está a favor plenamente que se realize, e vê com alegria a iniciativa, de maneira que nós podemos trabalhar de mãos dadas, quem sabe enriquecer muito o sentido religioso, por um lado, e turístico ao mesmo tempo, para que as pessoas leiam mais, estudem mais e conheçam mais a fundo a verdadeira história (KREUTZ, Estanislau. Entrevista concedida).

Elemento imprescindível à caracterização do imaginário missioneiro tem sido a historiografia escrita. Esta permitiu que a região das Missões ressurgisse e superasse o esquecimento governamental. Ao analisar o primeiro conflito bélico ocorrido no noroeste gaúcho, Franco (2004, p. 23) assinala que “a destruição do que a historiografia convencionou chamar de ‘nação guaranítica’ foi bastante traumática para a região”, mas não resultou no fim da estrutura organizacional dos jesuítas, uma vez que as Coroas ibéricas tiveram que colocar outro modelo em seu lugar.

Apesar de inúmeros esforços, contudo, as bases culturais jesuítico-guarani da região, aos poucos foram perdendo suas forças e relegadas ao anonimato. Durante mais de dois séculos esse tesouro histórico foi abandonado a sua própria sorte. Foi somente a partir de 1983, quando o conjunto arquitetônico jesuítico de São Miguel das Missões foi tombado pela UNESCO como Patrimônio Histórico da Humanidade, que as atenções do poder público e privado começaram, novamente, a convergir para o território missioneiro. Contando com o apoio de instituições federais, como o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Arquitetônico Nacional), o legado da experiência jesuítico-guarani passa, então, a ocupar, paulatinamente, os espaços de mídia, mobilizando esforços públicos e privados voltados à exploração turística da região.

1.4 SÍMBOLOS, CRENÇAS E PRÁTICAS RELIGIOSAS NA REGIÃO MISSIONEIRA

O valor criativo do imaginário foi discutido por Baczko (1985) em sua obra “Imaginação Social”. Para ele, o imaginário constitui importante recurso social que os diferentes grupos sociais utilizam. Os ritos, símbolos, mitos, alegorias são recriados e redefinidos por grupos sociais e estes constituem elementos poderosos de projeção de modos de ser, interesses e aspirações. Como afirma Bourdieu (2001, p. 41), os “diferentes universos simbólicos, mito, língua, arte, ciência” devem ser vistos como instrumento de conhecimento e de construção do mundo dos objetos.

Da experiência jesuítico-guarani, uma grande diversidade de símbolos, crenças e ritos passou a fazer parte da cultura, religiosidade e costumes do povo missioneiro. Na região das Missões, nas últimas décadas do século XX, especialmente no final dos anos 80, as imagens que se referem à experiência jesuítico-guarani passaram a adquirir valor e visibilidade muito grande. A revalorização está ligada, em boa medida, a estratégias e objetivos políticos e empresariais.

Diversos remanescentes da experiência jesuítico-guarani são objeto atual do imaginário e da construção identitária do modo de ser e viver missioneiro. Várias das atuais cidades dos Sete Povos desenvolve-os intensamente com a história, a memória e a cultura. Destacamos alguns dos principais signos missioneiros: Ruínas de São Miguel, Catedral Angelopolitana, figuras de Sepé Tiaraju e dos padres Roque González, Afonso Rodriguez e João de Castilhos, a Cruz Missioneira e a lenda da casa de M'Bororé. Merece destaque igualmente a presença e influência do Xamã, espécie de benzedor, na cultura missioneira. Eles formam um conjunto que referencia as Missões como um todo.

As ruínas de São Miguel e a Catedral de Santo Ângelo são representadas de diversas formas pelo povo missioneiro. Isto pode ser observado nos mapas turísticos da região, em placas sinalizadoras de nomes de ruas em cidades, na linguagem de desenhos em geral e fotografias, em folhetos e impressos, sobretudo, presentes nos meios de comunicação social. As ruínas são fundadoras de um imaginário histórico, são marcas concretas e visíveis da experiência jesuítico-guarani e testemunham também o tipo de arquitetura desenvolvida. São fontes valiosas para estudos da arqueologia, da história, da arte, portadoras de significados cultural e religioso e objeto de empreendimentos turísticos. A Catedral de Santo Ângelo, construída no mesmo espaço da Igreja da redução de Santo Ângelo Custódio, foi completamente restaurada externamente e, atualmente, está sendo restaurada internamente, com apoio financeiro dos fiéis da região e do Ministério do Turismo.

De seus personagens históricos os mais difundidos entre a população são o índio guarani Sepé Tiaraju e os padres Roque González, Afonso Rodriguez e João de Castilhos, mártires do Caaró. Do índio Sepé Tiaraju sobressaem os ícones, monumentos em praça pública, as formas trabalhadas por escultores da região,

representações em pinturas, contos e versos populares. Sobressai, em especial, a sua representação como protótipo do herói defensor da terra. Cumpre distinguir a figura histórica de Sepé de sua figura heróica criada pela literatura e pela historiografia. As narrativas históricas e heróicas (míticas) geraram muitas polêmicas entre as correntes historiográficas do Estado. Contudo, destaca-se, no imaginário popular, a figura histórica e lendária de Sepé que luta destemidamente pela “terra sem males”.

Em razão disso, a imagem de Sepé é valorizada pelos movimentos sociais que se identificam fortemente com sua luta, por sua resistência e sua defesa da posse indígena da terra. Nesse sentido, sua imagem é apropriada sobretudo pelo Movimento dos Sem-Terra e pela Comissão Pastoral da Terra. “Não foi por acaso que o assunto escolhido para a primeira Romaria da Terra¹⁴ foi a questão indígena, e o local tenha sido Caiboaté, onde Sepé morreu” (JUSTEN, 2002, p. 13). A Romaria da Terra constitui-se, atualmente, num significativo espaço de reivindicações dos pequenos agricultores do Estado e da região.

É do seio da vida reducional, com vantagens e limites, que surge a figura de Sepé e sua luta em favor dos povos indígenas das Missões. Educado na tradição indígena e cristã do sistema da redução, Tiaraju lutou bravamente pela causa de seu povo até a morte. Opôs-se ao Tratado de Madrid assinado entre Portugal e Espanha, exigindo a desocupação dos Sete Povos das Missões. Essa é a razão pela qual Sepé e seus irmãos¹⁵ não apenas são monumentos, estandartes, versos ou contos da história missioneira, mas também inspiradores de movimentos e lutas pela causa da defesa da terra. Por isso, mesmo “nestes tempos dos 250 anos da sua morte, incentivou-se a idéia de canonização de Sepé Tiaraju. Esta ação vem sendo coordenada pelo Irmão Sechim, que trabalhou anteriormente na Santa Sé, na área de canonizações” (OLIVEIRA, José Roberto, entrevista concedida). Sua voz ainda hoje clama por justiça, conforme diz a letra do Hino a Sepé, de autoria do músico, compositor e folclorista Barbosa Lessa:

¹⁴ Neste ano, 2007, realizou-se a 30ª Romaria da Terra.

¹⁵ Além de Sepé Tiaraju, a resistência e a bravura de vários outros chefes militares guarani ficaram registradas na historiografia: caciques Joaquim Neesã, Inácio Acanguipé, Miguel Curayú e Miguel Poti, que tombaram, como Sepé Tiaraju, na Batalha de Caiboaté, em 1756. (Cf. PIPPI, Gládis, Revista das Missões, n. 13, novembro, 2006. Ed. Comemorativa aos 300 anos da fundação da Redução de Santo Ângelo Custódio).

Nas Missões dos Sete Povos nasceu um dia Sepé
Trazendo uma cruz na testa, cicatriz sinal de fé.
Quando o sol batia nele esta cruz resplandecia
Por isto lhe deram o nome: Tiaraju, a luz do dia (bis)

Quando o exército de Espanha e Portugal chegou aqui
Pra expulsar dos Sete Povos toda a gente Guarani
Tiaraju que era Cacique reuniu os seus guerreiros,
E sem medo dos canhões, atacou só com lanceiros (bis)
Tiaraju morreu peleando no arroio Caiboaté
Mas depois noutro combate todos viram São Sepé
Que vinha morrer de novo junto à gente Guarani
Pra embeber seu sangue todo, neste chão onde eu nasci.

Mais um valente guerreiro a morrer pelo seu pago
É por isto que o seu nome pro Rio Grande é sagrado
São Sepé subiu ao céu sua cruz ficou no azul,
Cai a noite ela rebrilha, ele é o Cruzeiro do Sul (bis)

Sepé Tiaraju! Sepé Tiaraju! Sepé Tiaraju!

Outro aspecto que envolve fortemente o imaginário das pessoas acerca dessa experiência em solo missioneiro são os Santos Mártires das Missões: padres Roque González, Afonso Rodriguez e João de Castilhos, mártires do Caaró¹⁶. Beatificados por Pio VI, em 1934, e canonizados por João Paulo II, no dia 16 de maio de 1988, os mártires das Missões desencadeiam constantes manifestações e devoções religiosas. Um dos aspectos que mais promove a devoção aos mártires das Missões é o que seria o coração do padre Roque González, retirado das cinzas por índios cristãos da redução de Candelária: “extraordinário foi, invariavelmente, em toda a parte, o afluxo de fiéis e a demonstração de profunda veneração popular a esse coração” (KREUTZ, 2007, p. 24). Desde 1936 ocorre anualmente a tradicional Romaria do Caaró, inspirada na doação dos santos mártires em favor do anúncio da Boa Nova ao povo Guarani.

A Cruz Missioneira¹⁷ é, juntamente com a fachada da igreja de São Miguel, o símbolo que mais caracteriza a região missioneira e até mesmo a Diocese de Santo Ângelo. Está presente em liturgias, celebrações e documentos oficiais da Diocese de Santo Ângelo, tornou-se logotipo da região, peça de artesanato largamente

¹⁶ Caaró faz parte das reduções do primeiro ciclo. “No dia primeiro de novembro de 1628, Roque, acompanhado pelo Pe. Afonso Rodriguez, instalou sua derradeira redução, em Caaró” (KREUTZ, 2007, p. 22).

¹⁷ A Cruz Missioneira é semelhante à Cruz de Lorena e à Cruz de Caravaca que também possuem dois braços duplos, com diferenças, entretanto, nas extremidades. Contudo, como ela veio parar aqui nas Missões guarani, se vinda de Lorena ou Caravaca, passa a ter significado menor diante dos novos sentidos que o tempo empresta ao velho símbolo.

comercializada em forma de relíquia peitoral, em camisetas, em diversos trevos da região, entre tantos outros. A cruz faz referência, na região missioneira, à presença jesuítica nos Sete Povos e em todo o patrimônio cultural do qual a população se sente herdeira. A cruz, com suas duas hastes, tem recebido interpretações diversas. Popularmente, é interpretada como uma representação da fé redobrada. Entende-se, também, que uma das hastes carrega em si o Cristo crucificado e a outra os povos guarani crucificados ao longo da história. Outra interpretação vê as duas hastes como referência à terra missioneira e missionária.

Símbolo místico da presença dos jesuítas entre os povos indígenas da América. Representa a força do cristianismo e era usado como um símbolo do bem contra todos os males. A sua forma de dois braços representa a simbologia da fé redobrada. A prática do uso da cruz missioneira tem demonstrado que ao ganhar ou comprar o usuário deve fazer um pedido íntimo a Deus, sem contar às outras pessoas, para que o desejo seja realizado. A cruz missioneira tem sido usada como protetor espiritual (amuleto) em residências ou junto às pessoas que a carregam no seu dia a dia. (Texto anexado à cruz missioneira vendida aos turistas em toda a região das missões).

Cumpra assinalar a presença da Cruz Missioneira no ritual de abertura do Caminho das Missões. Marta Benatti, sócia proprietária do Caminho das Missões, durante o ritual de abertura, enfatiza:

Agora vocês vão receber papéis ou bilhetes com os nomes de cada um de vocês, escolham um deles. O nome que vocês receberam virá a ser o afilhado de cada um de vocês no 'Caminho das Missões'. Conseqüentemente, você será o padrinho desta pessoa e você vai batizá-la com a Cruz Missioneira". Marta continua a reflexão falando do valor da Cruz Missioneira para o Caminho das Missões: "hoje a Cruz Missioneira já ultrapassou o símbolo de religiosidade das Missões (...) Hoje ele é um ícone e a nossa é feita por um artesão de São Luiz Gonzaga e a gente não vende e não repõe (...) que cada uma carregue a Cruz da forma que quiser, que cuide da sua Cruz". E falando do sentido das duas hastes, Marta diz: "nós, do 'Caminho das Missões', trabalhamos muito o significado da Cruz, que é a fé redobrada, por isso a Cruz haver dois braços (BENATTI, Marta. Ritual de abertura, gravado pelo pesquisador em setembro de 2006).

Uma das lendas presentes no imaginário do povo missioneiro é o mito dos tesouros escondidos, da casa de M'Bororé, sem portas e sem janelas. O mito tem vários significados para as pessoas da região. É associado à cidade e ao templo, como espaço ordenado e fechado, símbolo do cosmo ou da ordem cósmica. Pode simbolizar o cosmo missioneiro, como uma espécie de mundo separado e, conforme se sabe, de fato os povos missioneiros assim se constituíram. Também o próprio

nome M'Bororé é muito familiar, local onde ocorreu a batalha que foi decisiva para a expulsão dos bandeirantes paulistas que assolaram as Missões do Tape, em 1641.

Outro aspecto marcante da cultura missioneira é a presença dos benzedores, herança milenar dos guarani. Antes da vinda dos padres Jesuítas, os índios tinham suas crenças e práticas religiosas comandadas por um Xamã ou benzedor. Eles estão presentes até os dias atuais nas aldeias guaraníticas do Brasil. Atualmente, na aldeia "Tekoá Koenjú", isto é, aldeia Alvorecer, de São Miguel das Missões, os métodos religiosos e a liderança espiritual continuam sendo regidos por seu Xamã. Essa cultura religiosa indígena pode encontra-se presente no dia-a-dia da população missioneira, conforme é expresso por José Roberto de Oliveira:

Em 2006 e 2007 ocorreram dois encontros em São Miguel das Missões. O primeiro, encontro local de rezadores e benzedores e, o segundo, Encontro Estadual de Rezadores e Benzedores e Mateiros (quem trabalha com ervas medicinais do mato). Em ambos encontros, centenas de pessoas que trabalham com os benzimentos e uso da fitoterapia nativa estiveram reunidas, sempre com a presença dos benzedores guarani, e realizaram uma série de benzimentos e tentativas de cura (OLIVEIRA, José Roberto. Entrevista concedida).

Considerando-se essas imagens da ruína, da Catedral de Santo Ângelo, da casa de M'Bororé e da Cruz Missioneira e as várias representações de Sepé Tiaraju e dos padres mártires das Missões, pode-se observar o quanto o imaginário missioneiro atual toma por referência central a experiência jesuítico-guarani. Além de sua presença em artes visuais, são encontradas na vasta literatura produzida na região¹⁸, nas produções culturais¹⁹, como no teatro, na música, no cinema, no carnaval. Constituem os elementos principais que vêm sendo manipulados e ressignificados por diversos agentes sociais, sobretudo, historiadores, religiosos, políticos e empresários, para recriar a memória da região das Missões e de seu povo e, assim, definir a identidade do povo missioneiro.

¹⁸ Destaca-se aqui os estudos realizados na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai das Missões, em especial, através de seu Centro de Estudos Missionários. O Instituto Missioneiro de Teologia tem publicado muitas reflexões e estudos em torno dessa experiência, podendo seus resultados ser encontrados em monografias, livros e artigos publicados na revista Missioneira.

¹⁹ Merece destaque especial dois grupos teatrais do município de Santo Ângelo: "A turma do Dionísio" e "Cia Sarx de teatro-dança". Uma importante produção cultural também é o "Som e Luz", reproduzida todos os dias no sítio arqueológico de São Miguel das Missões.

1.5 A ATIVIDADE TURÍSTICA NAS MISSÕES E OS AGENTES PÚBLICOS LOCAIS

O destaque assegurado pela exposição internacional fomentada pela UNESCO, entretanto, não foi suficiente para promover o desenvolvimento turístico regional. Diante do desafio de explorar o potencial turístico oficialmente reconhecido, as instâncias governamentais da região das Missões viram-se diante de uma série de problemas estruturais, causados tanto pelos rumos da economia nacional quanto pela inaptidão de seus representantes políticos em angariar os recursos necessários à viabilização do setor turístico. Mário Simon²⁰ aponta os principais obstáculos ao desenvolvimento do turismo nas Missões:

Primeiro, a questão do fluxo. Segundo, eu acho que Ijuí também despertou e levou uma bela fatia do turista que dormia aqui em Santo Ângelo, por causa de hotéis que eram referências maiores, e uma outra questão grave, que é a divulgação dos nossos recursos aqui, que não entrava nos panfletos, apenas como um nome, mas sem a categoria. E nós ainda não temos um aeroporto digno de receber aviões grandes e pesados, e o referencial aeroporto – sempre programado e nunca executado – acaba por fazer com que vão se adiando trabalhos de agência de viagem que teriam interesse aqui, isso desde 1985. Veja bem, lá se vão mais de vinte anos (SIMON, Mário. Entrevista concedida).

Em 1988, a emancipação político-administrativa do município de São Miguel das Missões (sede do sítio arqueológico de São Miguel Arcanjo, sobre o qual se congregavam os esforços de apropriação turística após o tombamento pela UNESCO), anteriormente pertencente a Santo Ângelo, fez com que o desenvolvimento do potencial turístico da região se tornasse uma bandeira permanente dos governantes locais. Conforme Mário Nascimento²¹, já na primeira gestão do Município de São Miguel começou-se “a tratar o turismo como alternativa econômica; foi criada a secretaria de turismo do município; o turismo era visualizado como geração de emprego e renda, mas sem uma sistematização adequada”.

Na esteira do exemplo de São Miguel das Missões, o século XXI teve início com forte movimentação em torno da instalação, na região, de equipamentos turísticos orientados à melhoria das condições de atendimento aos visitantes.

²⁰ Mário Simon é historiador e empresário. Entre as décadas de 1970 e 1990, ocupou postos ligados ao desenvolvimento do turismo no município de Santo Ângelo, principal pólo administrativo das Missões.

²¹ Mário Nascimento foi prefeito de São Miguel por dois mandatos (8 anos), é empresário e um dos principais articuladores da AMM (Associação dos Municípios das Missões).

Aliando subvenções públicas a investimentos privados, os governos municipais da região – prioritariamente aqueles detentores de sítios arqueológicos jesuíticos – passaram a ver no turismo uma perspectiva econômica capaz de reverter o quadro de carência associado à ênfase na monocultura e às sucessivas quebras de produção vividas pelo setor primário. Tais esforços resultaram na criação de entidades voltadas ao desenvolvimento regional, nas quais o turismo, enquanto atividade econômica, passou a ocupar espaço privilegiado.

Assim, surge, em 2001, a FUNMISSÕES (Fundação dos Municípios das Missões), entidade que, a partir de uma segmentação calcada em turismo e agronegócios, áreas vistas como complementares, concentra os esforços regionais de desenvolvimento. Segundo Mário Simon,

O que sobressai quanto à FUNMISSÕES é a efetiva captação de recursos que a entidade permitiu, desde a sua criação, e os projetos que já desenvolveu, [além do] direcionamento de recursos estaduais e federais, a fundo perdido, para a promoção, divulgação, capacitação em torno do turismo (SIMON, Mário. Entrevista concedida).

Fruto do mesmo processo de valorização do turismo missioneiro que, em anos anteriores, fora experimentado, em escala reduzida, no município de São Miguel das Missões, é a implementação, em novembro de 2002, do “Projeto Rota Missões” – parceria entre a FUNMISSÕES e o SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio à Pequena e Média Empresa). Trouxe, dessa forma, novo ímpeto para a identificação da região com o turismo. Capaz de suscitar expectativas de êxito, mesmo em agentes locais de desenvolvimento acostumados à descontinuidade de projetos voltados ao turismo regional, o “Rota Missões”, efetivamente, configura-se como um marco no processo de qualificação da mentalidade empreendedora turística dos missioneiros.

Não existem dados estatísticos precisos sobre o número de turistas que visita as missões anualmente. Os agentes públicos de turismo da região divulgam **cem mil turistas/ano**, calculados a partir dos números registrados pelo Sítio Arqueológico de São Miguel das Missões, de propriedade do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), que realiza controle diário e permanente de ingressos no local.

Segundo os dados oficiais do IPHAN, em 2006 48.865 pessoas visitaram o sítio arqueológico, numa média diária de 134 ingressos. Os meses de pico ocorrem em setembro e outubro, quando atinge o número médio de 400 pessoas diárias, devido, sobretudo, às excursões escolares.

Outro dado oficial é o fornecido pela Prefeitura Municipal de São Miguel das Missões, com base na bilheteria do espetáculo de Som & Luz, que ocorre todas as noites no sítio arqueológico. Esta bilheteria registrou o ingresso de **36.324 pessoas** em 2006. Provavelmente, são as mesmas pessoas que visitaram o sítio arqueológico nos turnos da manhã ou tarde, mas os dados diferem pelo fato de as bilheterias e destinos do valor arrecadado serem distintos. Entre setembro e dezembro, meses de maior visitação, chegam a ser apresentados até três espetáculos de Som & Luz (sessões especiais) em razão do número de pessoas com ingressos exceder a capacidade física do local.

A partir dos dados fornecidos pelo IPHAN, somam-se os turistas de eventos e de romarias. A Fenamilho (Festa Internacional do Milho), realizada anualmente em Santo Ângelo, registrou, entre 28 de abril e 6 de maio de 2007, mais de 200 mil ingressos, a maior parte de pessoas de cidades da região. As romarias de Assunção do Ijuí e Czestochowa, realizadas em agosto nos municípios de Roque Gonzales e Guarani das Missões, respectivamente, e a do Caaró, em novembro, no município de Caibaté, recebem cada, mais de dez mil romeiros. A romaria do Caaró, efetuada em homenagem ao Santo Roque Gonzales, santo padroeiro do Paraguai, recebe dezenas de caravanas daquele país vizinho. Além disso, as cidades da região missioneira realizam uma grande festa que consegue mobilizar visitantes de outras cidades e regiões.

O Projeto Rota Missões – FUNMISSÕES - SEBRAE/RS apresentou, em seu último relatório de atividades, relativo a 2006, o atendimento a 283 empresas através de associações locais, principalmente agentes de viagens, hotéis, bares e restaurantes, pequenos fornecedores caracterizados como agronegócios e pessoal do artesanato. Além do trabalho de qualificação, foram realizadas diversas ações de acesso ao mercado, como a participação em feiras de turismo e patrocínio de folheteria.

Apesar destes números, o grande problema do turismo nas missões continua sendo em relação a demanda, pois todos são turistas de um só pernoite e se concentram em apenas duas cidades: Santo Ângelo e São Miguel das Missões. São raríssimos os turistas que efetuam mais de um pernoite nas missões ou que visitam outros municípios da região.

Mesmo com a inserção e permanência, no contexto missioneiro, de elementos dedicados ao desenvolvimento regional (como a estrutura extra-governamental referente à FUNMISSÕES e o projeto “Rota Missões”), pouco se avançou quanto à garantia de geração maciça de recursos originados do setor turismo. Reflexo desta situação são as análises empreendidas por organismos estaduais e federais no âmbito da região, as quais apontam para um quadro de empobrecimento da população, derivado da aposta em matrizes econômicas historicamente inadequadas à elevação da qualidade de vida dos missioneiros. Em termos atuais, de acordo com estudo promovido pelo CONSAD (Consórcio de Segurança Alimentar e Desenvolvimento Local Missões), órgão vinculado ao programa Fome Zero, do governo federal,

A região das Missões é formada por [...] uma base econômica dependente do setor primário, em processo de crise conjuntural contínua, e que vem apresentando acentuada estagnação econômica, principalmente nos últimos 20 anos. As conseqüências são visíveis na agricultura que, em larga escala, dispensa mão-de-obra em função do processo de mecanização e estimulando a monocultura da soja. Resulta desse processo que as cidades igualmente acumulam estatísticas de desemprego e de uma crescente economia informal, além dos déficits de moradias e serviços públicos em geral. Desta forma, o enfrentamento dos desafios à promoção do desenvolvimento regional demanda a organização de uma estrutura permanente que dê suporte ao trabalho conjunto dos governos e da sociedade, colocando-se como estratégia para a região (CONSAD Missões, 2005, p. 3-4) [grifos nossos].

Ao analisar o papel da Associação dos Municípios das Missões (AMM), o CONSAD constata que a mesma, através da FUNMISSÕES,

É um espaço no qual os governos municipais têm exercido o poder de decisão de forma majoritária. Sua estrutura interna de departamentos representa espaços de participação em campos específicos e está aberta para representações de parceiros da sociedade civil e das demais esferas de Governo (CONSAD Missões, 2005).

Segundo este mesmo órgão, contudo, "as deliberações ainda se dão em Assembléia de prefeitos, sem um espaço real de compartilhamento de decisões com os segmentos da sociedade civil" (CONSAD Missões, 2005, p. 6-7). Avalia-se necessária a convergência de iniciativas de âmbito governamental e da sociedade civil visando formular, negociar e implementar projetos de desenvolvimento local e de combate à fome.

Finalmente, e com base no mesmo material, são evidenciadas as potencialidades da região das Missões quanto à sua capacidade de empregar o turismo como prática econômica eficaz na conquista de novos patamares de desenvolvimento. Tal como disposto no documento publicado pelo órgão federal, em sua representação naquele contexto regional:

A área do turismo é outra na qual se identifica um potencial de crescimento econômico, geração de emprego e renda nas Missões/RS. As articulações mais recentes em torno do Projeto Rota Missões vêm possibilitando estudos no sentido de conhecer o potencial turístico da região e como melhor explorá-lo. A Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI também executa projetos e parcerias para a criação de um roteiro turístico de escala internacional, envolvendo as Missões Guaraníticas do Brasil, Argentina, Paraguai e Bolívia, visando a ampliar o potencial de expansão do turismo na região (CONSAD Missões, 2005, p. 9-10).

A emergência de um processo de articulação inter-institucional, no âmbito da região das Missões, é uma contingência que merece especial atenção. O contexto regional atualmente parece carente de iniciativas que, de maneira concreta, permitam a discussão das perspectivas de desenvolvimento. Em meio a esse cenário regional até aqui descrito, o produto turístico denominado Caminho das Missões constitui uma das novas apostas para captação de recursos originados do turismo.

1.6 O DESAFIO DO TURISMO COMO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

O turismo, neste século XXI, se impõe, cada vez mais, como uma das principais atividades econômicas do mundo globalizado. É um dos setores que mais emprega pessoas e gera alterações econômicas, políticas, culturais, sociais e ambientais nos municípios que recebem turistas. O desenvolvimento da atividade turística apresenta enormes perspectivas de expansão para os próximos anos

devido ao aumento do tempo livre das pessoas, resultante da diminuição da jornada de trabalho e do avanço tecnológico dos meios de transporte e das comunicações.

Em sua mensagem por ocasião do XXII Dia Mundial do Turismo, o Papa João Paulo II disse:

Na atual humanidade globalizada o turismo se tornou no mais importante fator de mundialização, capaz de provocar mudanças radicais nas culturas das comunidades que recebem. [...] O turismo põe em contacto distintas formas de viver, distintas religiões, distintas formas de ver o mundo e a sua história. Isto leva o homem a descobrir-se a si mesmo e aos outros, imersos na vasta história da humanidade, herdeiros e solidários de um universo familiar e ao mesmo tempo desconhecido. O turismo faz surgir uma nova visão dos outros, que liberta do risco de permanecer fechados em si próprios (Portal da Família, Artigo 082).

Segundo Ruschmann (1999), só a partir da Segunda Guerra Mundial é que se desenvolveu o conhecimento do turismo de um ponto de vista científico. Esse desenvolvimento acompanhou o surgimento e crescimento do turismo de massa, ou seja, “o deslocamento de grande número de pessoas para os mesmos lugares nas mesmas épocas do ano”. Para Pellegrini (1993), o turismo de massas é “aquele cujo fluxo ultrapassa os limites da capacidade de recepção de um local em determinado tempo”.

A aceleração do processo de globalização em todos os setores, da comunicação à economia, levou o turismo a apresentar um desenvolvimento surpreendente. A atividade turística tornou-se um espaço privilegiado de produção de rentabilidades econômicas e de comunicação. O turismo faz parte de um processo de desenvolvimento motivado pela estabilidade de alguns países, das melhorias das condições de vida de parte da população, dos avanços tecnológicos, do acesso facilitado à educação, que acarreta o interesse de conhecer outras culturas e lugares.

No nível social, o turismo tem papel importante de propagação do diálogo entre os povos e as nações. A alta tecnologia dos meios de comunicação facilita o deslocamento de milhões de viajantes em busca de repouso, contato com a natureza, conhecimento de outras culturas. A indústria turística multiplica a oferta de itinerários, oferecendo a possibilidade de novas experiências. Praticamente caíram

as barreiras que isolavam os povos e os tornavam desconhecidos uns aos outros, tornando o mundo cada vez mais interdependente.

Por outro lado, gerou, também, uma forma de subcultura que degrada quer o turista quer os autóctones, por uma tendência instrumentalizadora que se centraliza em fins comerciais, os vestígios de civilizações primitivas, as culturas regionais e os aspectos místicos e religiosos. Sob o estímulo do consumismo pode transformar em bens de consumo estas especificidades, que se empobrecem cada vez mais para responder aos desejos de um maior número de turistas. A satisfação destas exigências incumbe uma "etnicidade reconstruída", contrariando a idéia de um diálogo entre as civilizações, respeitador da autenticidade e da realidade de cada um.

Diante deste questionamento é que se especifica a tese de que o setor privado impulsiona e desenvolve o turismo nas regiões em potencial, mas que precisa da inserção de políticas públicas para se tornar um turismo sustentável. O setor público não compete com o setor privado e nem o limita, mas colabora e ao mesmo tempo mantém a vigilância da disparidade ou equidade social e cultural dos povos e do respeito no aproveitamento do ecológico como produto turístico. É esta proposta de desenvolvimento que se propõe para o Caminho das Missões, como turismo sustentável.

Para Swarbrooke (2000, p.14), o turismo sustentável estimula uma compreensão dos impactos causados pelas demandas nos ambientes natural, cultural e humano; incorpora planejamento e zoneamento assegurando o desenvolvimento do segmento adequado à capacidade de carga do ecossistema; demonstra a importância dos recursos naturais e culturais e pode ajudar a preservá-los.

O planejamento turístico deve ordenar as ações do homem sobre o território a fim de evitar que este cause danos irreparáveis para o meio ambiente, através de construções inadequadas que destruam a atratividade da área e também, dos impactos ambientais como pisoteamento excessivo, poluição e acúmulo de lixo.

Com esta questão se destaca a diferença conceitual entre crescimento e desenvolvimento. O crescimento não conduz automaticamente à igualdade nem à

justiça sociais, pois não leva em consideração nenhum outro aspecto da qualidade de vida a não ser o acúmulo de riquezas, que se faz nas mãos apenas de alguns indivíduos da população.

O desenvolvimento, por sua vez, preocupa-se com a geração de riquezas, mas tem o objetivo de distribuí-las, de melhorar a qualidade de vida de toda a população, levando em consideração, portanto, a qualidade ambiental do planeta.

Um planejamento participativo recupera a participação social da sociedade, de modo que o cidadão contribua na elaboração da eco-estratégia, desde a informação até a execução da ação proposta, transformando a sociedade civil num terceiro sistema, à medida que toma consciência de si mesma e começa a interpelar-se e a conhecer-se. Na elaboração da eco-estratégia do desenvolvimento, o planejamento trata de algumas dimensões de sustentabilidade, conforme as idéias de Sachs (2000 p. 85) no seu trabalho mais recente:

1. Sustentabilidade Social – é a criação de um processo de desenvolvimento civilizatório baseado no *ser* e que seja sustentado por uma maior equidade na distribuição do *ter*, nos direitos e nas condições das amplas massas da população, e achatar a distância entre os padrões de vida dos mais ricos e mais pobres.
2. Sustentabilidade Econômica - possibilita uma melhor alocação e gestão mais eficiente dos recursos e por um fluxo regular do investimento público e privado. Esta eficiência é macrossocial, reduzindo os custos sociais e ambientais, bem diferente da lógica economicista.
3. Sustentabilidade Ecológica – incrementa o aumento da capacidade de recursos naturais, limitando os recursos não-renováveis ou ambientalmente prejudiciais, reduzindo o volume de poluição, autolimitando o consumo material pelas camadas sociais mais privilegiadas, intensificando a pesquisa de tecnologias limpas e definindo regras para uma adequada proteção ambiental.
4. Sustentabilidade Espacial – é aquela voltada a uma configuração rural-urbana mais equilibrada com ênfase nas seguintes questões: concentração excessiva nas áreas urbanas, processos de colonização descontrolados, promoção de projetos modernos de agricultura regenerativa e agroflorestamento, industrialização centralizada, criação de empregos rurais não agrícolas, e o estabelecimento de uma rede de reservas naturais e de biosfera para proteger a biodiversidade.
5. Sustentabilidade Cultural – engloba as raízes endógenas dos modelos de modernização e dos sistemas rurais integrados de produção, respeitando a continuidade das tradições culturais, e até mesmo a pluralidade das soluções particulares.
6. Sustentabilidade Política – privilegia a negociação da diversidade de interesses envolvidos em questões fundamentais desde o âmbito local ao global (SACHS, 2000, p. 85).

Uma ordenação sustentável do território - que parece estar sendo interpretada e focalizada apenas e tão-somente na dimensão ambiental quando se refere ao turismo sustentável - é a que alia o desenvolvimento econômico e social com a preservação da natureza e de valores por meio de relações harmônicas.

Conforme Beni (2004) existe hoje um consenso mundial de que o turismo tem de firmar-se em quatro pilares:

1. O Ambiental: principal fonte de matéria prima dos atrativos;
2. O Social: e aí se entende em sua abrangência, a comunidade receptora, o patrimônio histórico-cultural e a interação com os visitantes, ao mesmo tempo em que eleva o padrão de vida e a auto-estima dessa comunidade;
3. O econômico, com todos os interrelacionamentos e interdependências da cadeia produtiva, permitindo sua articulação com a identificação correta de suas unidades de produção e de negócios para estabelecer uma rede de empresas a fim de atuar de forma integrada, proativa e interativa, obtendo níveis de comparatividade e produtividade para o alcance de competitividade;
4. O político, que se instrumentaliza mediante estratégias de gestão que possibilitem coordenar as iniciativas locais na criação de um entorno emulativo de produção, favorecendo o desenvolvimento sustentável.

Enfim, o turismo sustentável, em sua vasta e complexa abrangência, envolve: compreensão dos impactos turísticos; distribuição justa de custos e benefícios; geração de empregos locais diretos e indiretos; fomento de negócios lucrativos; injeção de capital com conseqüente diversificação da economia local; interação com todos os setores e segmentos da sociedade; desenvolvimento estratégico e logístico de modais de transporte; encorajamento ao uso produtivo de terras tidas como marginais (turismo no espaço rural) e subvenções para os custos de conservação ambiental.

Com isso, pode-se verificar que a Região das Missões necessita de vários incrementos para a sustentabilidade - não somente do turismo -, como também de outros setores sócio-econômicos, ampliando a visão para o desenvolvimento local e regional.

1.7 O TURISMO RELIGIOSO COMO MÍSTICO-CULTURAL

Na modernidade, a proliferação de seitas, a procura constante por alicerces de fé, crença e esperança, num mundo sem valores absolutos e estáveis, tem se intensificado. O turismo religioso é uma forma prática que ultrapassa o domínio da

religião enquanto instituição, fortalecendo e esclarecendo a amplitude da vivência da espiritualidade. Ele é uma das concretizações da fragmentação da unidade do campo religioso que iniciou com a modernidade.

Segundo Steil (2007):

A modernidade fragmentou o campo religioso e fez emergir uma diversidade de religiões dentro de um novo ordenamento e configuração do religioso, nos quais se apresentam a religião de indivíduos e a religião tradicional. A religião dos indivíduos é aquela na qual a pessoa tem uma relação com o sagrado, a partir de um processo reflexivo.

O turismo religioso constitui um novo modo de vivenciar a religiosidade num sentido mais aberto em relação à experiência do sagrado. Uma primeira forma desta prática está relacionada ao fenômeno de peregrinação religiosa, que remonta a uma tradição muito antiga (COLEMAN e ELSNER, 1995 *apud* STEIL 2003, p. 31)²².

Atualmente, a peregrinação tem sido tema de controvérsia na Igreja Católica porque tem redimensionado, em parte, a vivência da espiritualidade. No caso do turismo religioso ocorre a imersão do consumo material na dimensão da religiosidade. É sobre este aspecto que se pretende compreender o turismo religioso, tendo em foco o Caminho das Missões, que está sob o comando de uma empresa privada de turismo.

O termo turismo religioso é um termo comumente usado para expressar peregrinações e romarias, mas, segundo Steil (2003, p. 29), eles têm significados distintos e “demarcam diferenças e posições dentro de um campo de disputas de sentidos e poder, no qual estão envolvidos diversos atores religiosos e políticos, mas também os acadêmicos, que estudam esses eventos sociais”.

Uma breve incursão etimológica pela construção social dessas categorias, associada ao uso que elas adquirem no discurso nativo, pode nos revelar muitos dos sentidos e conotações dessa tríade: peregrinação, romaria e turismo. Em diferentes contextos e tempos, essas categorias estabelecem uma relação particular com a realidade a que se referem e com os grupos que as utilizam para denominar suas práticas. Os usos que se fazem desse vocabulário específico denotam, portanto, filiações

²² Transcendendo os limites da experiência ocidental, esses autores também demonstram como as outras religiões mundiais - judaísmo, islamismo, budismo e hinduísmo - vão conformando suas práticas de peregrinação como linguagens rituais para expressarem suas crenças e valores, quase sempre inscritas em seus textos sagrados, nas biografias de seus santos e heróis e nos espaços sagrados eleitos como lugares de sua manifestação privilegiada.

ideológicas, posições hierárquicas e visões de mundo diversificadas dentro de um campo heterogêneo de práticas sociais e crenças religiosas que compõem a sociedade local e o catolicismo brasileiro (STEIL, 2003, p.29).

A peregrinação é um fenômeno antigo. Já o turismo religioso é um fenômeno recente, criado para significar um tipo específico de turismo. Este conceito adquire sua significação a partir do campo social. Ou seja, seu sentido se compreende por um movimento que vai de fora, do social e econômico, para dentro do religioso. O turismo religioso é, segundo Abumanssur (2003, p. 56), um fenômeno que tem nascimento e caracterização identitária com o turismo de massa. O conceito de peregrinação acabou por ser compreendido dentro deste contexto numa subreção ao seu sentido tradicional. A prática até pode ser semelhante, mas as motivações e todo o invólucro de relações são determinados pelo conceito de turismo adjetivado como religioso.

O “turismo religioso” e o turismo de massa são crias siamesas de um mesmo processo histórico. O produto turístico religioso sofre a mesma padronização de oferta. Desse modo, ele pode ser vendido a diferentes grupos sociais de diferentes localidades. [...] As viagens com motivação ou destinação religiosa só vieram a se tornar “turismo religioso” quando o volume de pessoas envolvidas alcançou uma escala que tornasse economicamente viável o planejamento e os investimentos na área. Nesse sentido, embora qualquer peregrinação possa ser encarada pelos agentes do turismo como “turismo religioso”, não é toda peregrinação que se torna um trade (produto turístico) (ABUMANSUR, 2003, p. 56).

Romarias e peregrinações são formas de turismo religioso, mas não são sinônimos. Há distinções nos fenômenos de peregrinação, romaria e turismo religioso, conforme segue:

Acreditamos que o ponto fulcral reside no grau de imersão e de externalidade que cada uma dessas experiências pode proporcionar. Enquanto as peregrinações e romarias tendem a se vivenciadas como um ato religioso de imersão no sagrado, o turismo, mesmo quando adjetivado como religioso, caracteriza-se por uma externalidade do olhar, fundamental para que um evento possa ser considerado como turístico (AMIROU, 1995). Ou seja, se a experiência da peregrinação e romaria está centrada na participação, no sentido dado por Lévy-Brühl a essa categoria (1978), o turismo está mais associado ao espetáculo. A resistência dos agentes religiosos ao uso do termo turismo religioso para designar peregrinações e romarias se situa por sua vez dentro de uma arena de disputas lingüísticas, e também políticas e econômicas que diz respeito ao controle sobre a produção e manipulação dos bens culturais e ideológicos. De algum modo, esses agentes têm a percepção de que, ao qualificar uma peregrinação ou romaria com o adjetivo ‘turístico’, esta tende a sair do seu domínio institucional e passar para o controle do Estado e do mercado (STEIL, 2003 p.35).

Na prática do turismo religioso se percebe freqüentemente a desconsideração das motivações estritamente religiosas da viagem. Concentra-se, sobretudo, nas necessidades e na estrutura básica de hospedagem, de alimentação e de transportes que envolvem a viagem em si, que tem, em todo o caso, a designação de religiosa. O destaque nesse contato da estrutura criada pelo turismo com a indústria e a religiosidade está na importância que se atribui a esta última, que tende a constituir, enquanto turismo, uma certa emolduração ou até mesmo um apêndice dentro das atividades da prática do turismo religioso. Não obstante, pode-se dizer que o turismo religioso contribui para propagar novas formas de experiência de fé e espiritualidade e com a igreja, não circunscrita apenas às celebrações litúrgicas.

Segundo Christina Vital, pesquisadora do Instituto de Estudos Religiosos, entidade carioca que realiza levantamentos antropológicos sobre as crenças:

Quem pensa que estratégia de venda para produtos religiosos é dirigida apenas para as classe baixas se engana. Rezam tanto quem vive com um salário mínimo quanto aquele que tem um audi e TV de plasma em casa. Os estratos A e B de fato, fazem parte do público-alvo de empreendimentos turísticos e livrarias dirigidos à religião (VITAL, 2007, p. 39).

A diferença entre o turismo religioso e a peregrinação está nas motivações de interioridade e exterioridade na compreensão do turismo religioso. Locais que se tornam produtos turísticos sob a égide do sagrado, e com a extrapolação da motivação de cultivo da interioridade sacral, em favor apenas de desenvolvimento econômico (ABUMANSUR, 2003), perdem o caráter de turismo religioso, tornando-se apenas turismo.

Construir toda uma estrutura industrial do turismo em regiões ou locais com conotação de valores religiosos significa um avanço das próprias possibilidades de acesso à abertura do sagrado destes locais. A convivência de motivações espirituais com as de mercado não tem representado um problema para a preservação da sua sacralidade. O que muitos religiosos questionam é a autenticidade do sagrado quando ele se torna objeto de desenvolvimento social-econômico de uma região, quando é explorado justificando uma cripto-sacralidade e uma cripto-motivação para o desenvolvimento econômico.

Não há como negar que tanto o turista quanto o peregrino comungam da mesma estrutura que se criou em favor de tornar os santuários, por exemplo, atrações turísticas, sem, entretanto, anular as especificidades de cada um. Este é um aspecto que liga religiosidade e a indústria do turismo:

Embora ainda muitos considerem que as motivações religiosas não têm nada de turístico, quando comparadas com outros propósitos de viagens, na realidade, o viajante pode ter um envolvimento grande com o sagrado, mas continua a necessitar de descanso, alimentar-se e desfrutar momento de calma e relaxamento, pois sua condição humana assim o exige. E, ao provocar essa demanda, usufrui dos mesmos equipamentos necessários para o atendimento do viajante que o faz com fins culturais, por exemplo. Desse modo, embora com motivações de viagem diferentes, ambos os viajantes utilizam-se de serviços e produtos comuns, tornando-se, deste modo, turistas no sentido exato do termo, provocando surgimento ou desenvolvimento de inúmeras atividades econômicas que geram empregos e renda para determinada região. Esse conjunto de atividades econômicas, sustentado pelo que convencionamos denominar indústria do turismo, só existe de forma significativa em função da atividade turística (DIAS, 2003a, p.15).

Considerando as motivações da distinção de interioridade e exterioridade sob a determinação do religioso como vivência, aquilo que compreende a sua especificidade está na motivação de experienciar primordialmente a espiritualidade. Com isso não se nega que peregrinação e atividades religiosas sejam uma forma de turismo, mas, como afirma Dias, não são consideradas como meras atividades turísticas, pois o turismo religioso é:

Aquele empreendido por pessoas que se deslocam por motivações religiosas e/ou participações em eventos de caráter religioso. Compreende romarias, peregrinações e visitação de espaços, festas, espetáculos e atividades religiosas (DIAS, 2003a p. 17).

O Ministério do Turismo destaca que o turismo religioso é promovido por religiões institucionalizadas. As finalidades estão relacionadas a busca do sagrado em peregrinações, romarias, retiros espirituais, comemorações religiosas, celebrações de evangelização, visitas a locais como santuários e templos. Para o Ministério do Turismo, o turismo religioso:

Configura-se pelas atividades turísticas decorrentes da busca espiritual e da prática religiosa em espaços e eventos relacionados às religiões institucionalizadas.

O turismo religioso está relacionado a religiões institucionalizadas tais como as afro-brasileiras, espírita, protestantes, católica, as de origem

oriental, compostas de doutrinas, hierarquias, estruturas, templos, rituais e sacerdócio (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2007. Documento Oficial sobre o turismo).

Além do turismo religioso, há um turismo associado às novas religiosidades e espiritualidades não ligadas às religiões tradicionais e institucionalizadas. Para o Ministério do Turismo, as “práticas [turísticas] alternativas associadas ao misticismo e ao esoterismo” são denominadas de Turismo Místico e Turismo Esotérico e que:

Caracterizam-se pelas atividades turísticas decorrentes da busca da espiritualidade e do auto-conhecimento em práticas, crenças e rituais considerados alternativos.

Opta-se nesta definição pela utilização conjunta e não exclusiva dos termos Turismo Místico e Turismo Esotérico, uma vez que o misticismo e o esoterismo estão relacionados a novas religiosidades e suas práticas se dão, muitas vezes, concomitantemente, sendo difícil separá-los em um produto turístico exclusivamente de caráter místico ou de caráter esotérico. Neste sentido, para fins de caracterização de produtos turísticos, poderão ser utilizados os termos Turismo Esotérico ou Turismo Místico ou Turismo Místico-Esotérico (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2007. Documento Oficial sobre o turismo).

Se o turismo religioso se tornou um aliado da Igreja Católica em alguns aspectos, auxiliando-a na obtenção de novos adeptos, como forma de aumentar sua comunidade, aos poucos se percebe, com a exploração da religiosidade por empresas, a perda do monopólio de acesso, de abertura do sagrado. As pessoas encontram a sacralidade mantida institucionalmente pela igreja em outros locais, através de viagens, de excursões organizadas pelo poder privado, como é o caso no roteiro do Caminho das Missões. Neste pacote, todas as questões são de responsabilidade de uma empresa. Para a Igreja Católica resta fazer a recepção aos peregrinos no final do caminho percorrido com uma missa ou mensagem acompanhada de uma reza.

As conseqüências do turismo religioso para a religião são uma re-simbolização da sua sacralidade sob a influência do consumismo de bens materiais. No Brasil, para mencionar alguns, o Santuário de Aparecida, o Natal Luz de Canela e Gramado são exemplos desta re-significação da simbologia pelo mercado segundo fins que não os próprios da identificação religiosa institucional. Esses símbolos se tornam, segundo Bourdieu (1978), “objetos do mercado de bens simbólicos”. A perda do domínio da realidade e da promoção das manifestações e expressões do sagrado, pela Igreja, redesenha toda circulação valorativa da

simbologia tradicional da religião. O choque é grande quando se procura explicitar o que resultou desse encontro entre a indústria turística e a religião. O choque, segundo Abumanssur (2003 p. 66), é análogo ao “de duas galáxias que gera novas realidades”.

A questão que se levanta é se a melhoria da infra-estrutura da região das Missões e seus novos produtos turísticos, como o Caminho das Missões, também propiciará a transformação da religiosidade jesuítico-guarani.

2 O CAMINHO DAS MISSÕES

2.1 O PRODUTO TURÍSTICO CAMINHO DAS MISSÕES

O fluxo de turistas na região das Missões parece ter obedecido a determinados parâmetros, desde a década de 1960. Isto pode ser constatado pela simples observação dos meios de transporte empregados pelos turistas em seu deslocamento pela região. Sem que existam dados estatísticos precisos, é certo que, em sua maioria, os visitantes manifestam a preferência, até os dias de hoje, pelos passeios em grupo, em excursões, principalmente de escolas. Além do turista de eventos regionais, outro grupo de visitantes que se destaca é formado por famílias que, em férias, vão para a região, atraídas por vínculos familiares ou simplesmente pela possibilidade de conhecer uma localidade com apelo histórico e cultural, como é o caso de São Miguel das Missões.

A sede do sítio arqueológico de São Miguel das Missões, desde que foi tombado pela UNESCO, vem sendo usada como base para a exploração turística por parte dos visitantes. Também outros pontos de interesse, como as ruínas da redução de São João Batista, localizada em Entre-Ijuís, e o Santuário do Caaró, em Caibaté, localidades próximas de São Miguel das Missões, vêm recebendo um fluxo de turistas.

Já a presença de *peregrinos* é algo muito recente na região das Missões. Sua presença passa a ser constatada, efetivamente, após o lançamento oficial, em 2002, do Caminho das Missões, produto turístico formatado a partir da experiência místico-religiosa do “Caminho de Santiago de Compostela”, célebre destino de turistas de todo o mundo, localizado entre Espanha e França.

Com o lançamento do Caminho das Missões, a dinâmica de visitação dos sítios arqueológicos situados na região assume nova feição. Constituído, em uma primeira fase, pelas chamadas “caminhadas experimentais”, o roteiro do Caminho das Missões – hoje composto por três opções de trajetos, que cobrem praticamente toda a extensão da região missioneira e os principais remanescentes arquitetônicos ali instalados – foi planejado e definido a partir de um contato empírico com a região. Tal como expresso pela historiadora e empresária Gládis Pippi:

As etapas de planejamento e organização duraram dois anos. No ano de 2000 a equipe (4 pessoas) montou os trajetos, a quilometragem, os pontos de parada, contatos com prestadores de serviços, etc. Em agosto de 2001 o Projeto foi lançado para a imprensa em geral, com uma apresentação detalhada de todos os aspectos que envolvem o Caminho das Missões. As caminhadas experimentais iniciaram a partir desta data. Foram organizadas 8 caminhadas com participantes das mais variadas atividades e faixas etárias, do Rio Grande do Sul e do País. Esta fase teve como objetivos: testar o Caminho, observando os pontos fortes e fracos; consolidar a infra-estrutura dos prestadores de serviços; adequar às necessidades surgidas com a experimentação; aproveitar as sugestões de peregrinos experientes que colaboraram muito nesta fase; captar recursos para a implantação definitiva do Caminho como roteiro Turístico.

Em março de 2002 foi lançado oficialmente o Caminho das Missões, com a realização do espetáculo “Missa da Terra sem Males” na chegada de um grupo de peregrinos, em frente a catedral de Santo Ângelo. Teve início, então, a fase de divulgação e comercialização (PIPPI, Gládis. Entrevista concedida).

A partir de sua constituição, o Caminho das Missões passou a integrar a pauta das discussões sobre o desenvolvimento turístico regional, sendo responsável, inclusive, pela aposta de outros empreendedores no mesmo modelo de exploração comercial. Contabilizando mais de setecentos peregrinos – provenientes principalmente de metrópoles da região Sudeste do país – em cinco anos de atividade “oficial”, a iniciativa é percebida pelos demais agentes sociais que atuam no segmento de turismo da região como portadora de grande potencial turístico. Para Mário Nascimento, responsável pela articulação de grande parte das ações que redundaram no estabelecimento do atual estágio do desenvolvimento turístico regional, “o ‘Caminho das Missões’ é um empreendimento importantíssimo, que obtém relevância na medida em que se inclui entre as demais ações que estão sendo implementadas na região, ações complementares, fundamentais para o nosso desenvolvimento” (NASCIMENTO, Mário. Entrevista concedida).

Em relação ao potencial de resgate da história missioneira, Nascimento reforça a idéia de que o Caminho das Missões, com sua proposta centrada na exploração dos elementos religiosos remanescentes da experiência jesuítico-guarani, deva integrar um planejamento turístico que envolva outras referências religiosas presentes na região. Ele acredita que a exploração do turismo místico e religioso é fundamental para a região. Neste sentido, vê “o ‘Caminho das Missões’ como um produto turístico capaz de entrar nesse contexto, que é a nossa própria história, uma história religiosa, de jesuítas, que catequizaram os índios, que criaram

aqui uma sociedade diferenciada, integrada, participativa”. Tendo presente essa riqueza religiosa, Nascimento destaca que o turismo religioso

Representa um potencial a ser desenvolvido, especialmente no que concerne ao Santuário do Caaró, em Caibaté, e a Assunção do Ijuí, em Roque Gonzales, que não são cobertos pelo Caminho das Missões. Há um outro projeto, que é o “Caminho dos Santos Mártires”, que, do meu ponto de vista, poderia, como os outros, ser agregado ao Caminho das Missões, tal como ocorre em Santiago de Compostela, que oferece caminhos alternativos ao peregrino (NASCIMENTO, Mário. Entrevista concedida).

O Caminho das Missões surgiu como uma proposta de valorização da cultura missionária²³, a partir de uma transposição, para o contexto originalmente ocupado pelos “Sete Povos das Missões”, de um modelo de exploração turística que tem como referência o “Caminho de Santiago de Compostela”, uma das principais rotas de peregrinação da Europa. O Caminho das Missões se apresenta como um roteiro aberto à interpretação dos peregrinos. Inclui, contudo, em seus percursos elementos referentes ao simbolismo religioso agregado à história da região pela experiência colonizadora dos padres da Companhia de Jesus –, expresso, entre outras fontes, pela arquitetura e pela escultura do período, ainda presente em museus e nos próprios sítios arqueológicos –, e pela mitologia guarani, povo que, ainda hoje, possui remanescentes estabelecidos em algumas das localidades cortadas pelo produto turístico.

Conforme conversas com os empreendedores do Caminho das Missões, padre Rosalvo destaca que, quando nomeado pároco da Catedral, foi lhe apresentado:

O sentido desse projeto, que tenta resgatar um pouco da nossa história, mas também **fazer um cultivo de uma espiritualidade, uma ‘mística’²⁴ em torno desse Caminho das Missões.** (...) Então, eles queriam agregar, junto a este caminho, um pouco, não apenas uma caminhada, caminhar por caminhar, para fazer uma aventura, mas que também o ‘romeiro’, **o caminhante, pudesse também usufruir espiritualmente este caminho.** Seja de que credo fosse, mas que

²³ Aspectos apresentados no ponto 1.4 do presente trabalho: “Símbolos, crenças e práticas cotidianas na região missionária”.

²⁴ “Místico” é entendido, aqui, no sentido de vida espiritual e relação com as divindades pelos povos guarani. Não é um “místico contemplativo” com explica Weber, de “rejeição do mundo”, mas “uma compreensão de um sentido único do mundo, e nesta acepção, como repetem de forma sempre variada os místicos, de um saber *prático*”. (WEBER, M. 1982, p. 366). A idéia de mística não está relacionada a uma “fuga do mundo” e nem simplesmente de um indiferentismo ao mundo. A Mística do Caminho das Missões é aquela proveniente do mito da Terra sem Males. Cf. 1.1

pudesse ter uma dimensão espiritual, um pouco do transcendente, da busca não só de fazer uma experiência bonita, de convívio, mas também de encontrar um sentido, um pouco de uma resposta até para a sua vida (FREY, Rosalvo. Entrevista concedida. Grifo nosso).

O cuidado envolvido na articulação dos elementos históricos, culturais e religiosos, de forma a oferecer ao peregrino do Caminho das Missões uma experiência múltipla de aproximação com a cultura local, fica evidente no depoimento de Gládis:

No encontro de duas culturas (a europeia católica e a guarani animista) envolvendo conceitos e práticas religiosas executadas naquele período e que hoje apenas sugerem, através da arquitetura, dos vestígios e do imaginário popular (lendas e mitos) uma espiritualidade intrínseca a esta história, fazendo dos lugares de memória, verdadeiros espaços livres de experimentação esotérica e/ou espiritualista (PIPPI, Gládis. Entrevista concedida).

Neste sentido, Pippi diz que:

o roteiro, na sua estruturação, previu pontos de parada onde são destacados alguns aspectos da espiritualidade guarani ou da crença dos jesuítas, sempre seguindo com fidelidade à história das Missões. As experiências (espiritualizadas ou não) são pessoais, e dependem do grau de introspecção e bagagem espiritual, emocional e cultural de cada peregrino (PIPPI, Gládis. Entrevista concedida).

Uma referência ao espírito religioso é o próprio toque de sinos:

Eu me lembro que foi solicitado que a gente tocasse os sinos, e a gente tocou os sinos, e pelo que a gente soube, sempre, desse primeiro grupo, e outros grupos, esse momento de chegada, após um cansaço, chegando na frente da catedral, os sinos batendo, chamando e convidando... porque o sino, o toque de sinos, está um pouquinho no nosso inconsciente, quase como que um arquétipo... quando um sino bate numa igreja, parece que é Deus que chama... um pouco está dentro disso. Então, no final de uma caminhada cansativa, uma experiência bonita, conhecimento de cultura, ser recebido com toque de sinos, e dentro da catedral, que é uma pequena réplica das antigas igrejas das reduções, sempre tem emocionado muito os peregrinos. A gente percebia, visivelmente, a emoção nas pessoas que vinham. Então a gente, em nome da Igreja, da paróquia, a gente acolhia, dava as boas-vindas, uma rápida oração, uma bênção... Eu me lembro que a primeira vez que veio um grupo de peregrinos, eu dizia para os que coordenam o Caminho das Missões, que os primeiros cristãos, está no livro dos atos dos apóstolos, antes de se chamarem de cristãos, eles eram chamados "a turma do caminho"... (FREY, Rosalvo. Entrevista concedida).

O citado “animismo guarani” é evocado, no Caminho das Missões, por meio da realização de pelo menos um ritual, executado pelo “amigo peregrino”, o guia que acompanha cada grupo, atuando como um mediador entre a região e suas particularidades, os hospedeiros e os turistas. Marta Benatti, empreendedora responsável pelo roteiro, assim justifica a inclusão deste ritual, enfatizando o “resgate” de elementos jesuítico-guaranis. Segundo ela:

A gente queria algo mais para agregar à proposta do roteiro, então **pensamos em trabalhar o lado místico, espiritual**. Nós nos baseamos, então, na busca do índio guarani, a busca da Terra Sem Males, e **criamos um ritual simples**, onde há uma **valorização da cruz missioneira**, que a gente entrega a cada peregrino como um **talismã** (a qual é feita por um artesão de São Luiz Gonzaga, que tem mais de 70 anos, com muito carinho, muita paixão), e depois a entrega do **cajado** (que é feito pelos índios guaranis, esculpido em taquaruçu, abundante na região), e vamos trabalhando todos os aspectos, fazemos uma queimada com a **erva-mate**, procurando elevar os espíritos aos deuses, queimando as energias negativas. Usamos a **sálvia**, que era muito utilizada pelos guaranis **para afastar as energias negativas**, e sempre afirmando que a fumaça eleva os espíritos até os espíritos maiores (BENATTI, Marta. Entrevista concedida. Grifo nosso).

O Caminho das Missões oferece três opções de percurso aos turistas. O mais longo, com 328 quilômetros, com duração de 14 dias, cobre a distância entre os municípios de São Borja e Santo Ângelo (sede da empresa que dá nome ao produto turístico e ponto de partida e chegada dos peregrinos). Pelo fato deste trajeto ter sido inaugurado em novembro de 2005, dispõe, ainda, de poucos participantes. Outra opção de percurso (Santo Ângelo a São Miguel das Missões), que envolve 78 quilômetros e 3 dias de caminhada, por sua própria extensão, não surge, nos relatos dos peregrinos, como tema principal, sendo relegada, ela mesma, a uma participação menor na cartela de negócios da operadora de turismo responsável pelo Caminho das Missões. Estas duas opções de caminho não são incluídas no presente estudo, como referência imediata.

Já o itinerário responsável pelo sucesso de mídia do Caminho das Missões, compreende 180 quilômetros e vai de São Nicolau a Santo Ângelo em 7 dias. Cumprido por mais de 700 peregrinos desde o lançamento oficial do empreendimento, em 2002, além de acumular dados mais documentados, representa o foco sobre o qual se constitui o estudo de campo ora delineado. A Figura 3, abaixo reproduzida, descreve a extensão geográfica abrangida pelo

produto turístico, especificamente em relação aos percursos de 7 e 3 dias, e serve como referência para o peregrino que busca informações sobre o trajeto no *site* mantido pela empresa.



Figura 3 – Mapa do Caminho das Missões

Fonte: <<http://www.caminhodasmissoes.com.br>>

No mesmo endereço eletrônico, se encontra disponível uma espécie de “relato de viagem”, o qual destaca, em detalhes, cada aspecto do Caminho das Missões. Esse relato visa suscitar no peregrino uma impressão acerca do cotidiano de aventuras e dificuldades previstas pelo trajeto de 7 dias (São Nicolau – Santo Ângelo) e oferecer informações sobre os procedimentos necessários à efetivação da compra do pacote turístico. A descrição, apesar de longa e, por vezes, reveladora do grau de experimentação ainda presente na formulação do Caminho das Missões, é disposta na íntegra, por oferecer parâmetros para a melhor compreensão dos dados que, obtidos com os hospedeiros e peregrinos, foram produzidos pela pesquisa de campo. Assim, reproduzimos o texto tal como enunciado no *site* do produto turístico e, nos anexos deste trabalho, agrego, primeiramente em ordem cronológica, fotos do grupo de peregrinos do qual fez parte este pesquisador:

O Caminho das Missões é percorrido apenas por grupos de no mínimo 6 e no máximo 15 pessoas.

Para a inscrição em um grupo, o caminhante deve entrar em contato com alguma das agências credenciadas para efetuar a reserva ou entrar em contato diretamente com a sede do Caminho das Missões.

A preparação para o Caminho inicia às 13h 30 min do dia anterior ao início da Caminhada, na sede do Caminho das Missões, Rua Marquês do Herval, 1061 (esquina leste da Praça da Catedral), em Santo Ângelo, onde os peregrinos recebem informações sobre o Caminho. Nessa oportunidade, num ritual é entregue o cartão do peregrino, o cajado, o amuleto; são passadas noções e esclarecimentos sobre a História das Missões.

Feita a preparação, os caminhantes são levados até o ponto de partida, em São Nicolau, onde será visitada a cidade (ruínas e pontos turísticos) e servido um jantar.

Após o pernoite e o café da manhã, procedem ao alongamento e iniciam a caminhada.

Numa localidade no interior de São Nicolau será servido o almoço, e, no entardecer, está prevista a chegada no ponto de paragem (uma escola desativada, mas muito bem conservada). É importante salientar que os pontos de paragem estão em fase de estruturação e que muita coisa ainda será feita em termos de infra-estrutura. Servido o jantar, chega, enfim, o momento do merecido descanso. No dia seguinte, após o café da manhã, a jornada terá prosseguimento.

A chegada em São Luiz Gonzaga, que foi uma das Reduções dos 7 Povos, está prevista para às 13 horas, aproximadamente. Os peregrinos serão recepcionados e conduzidos ao almoço. O resto da tarde fica livre para visita dos pontos turísticos da cidade, entre eles a Catedral em estilo gótico, a praça, os museus e a gruta.

O pernoite é em uma casa adaptada para albergue, local com ótima infra-estrutura, onde é servido o jantar e o café da manhã.

No 3º dia de caminhada, em um dos pontos de paragem na estrada que ligava a Redução de São Luiz Gonzaga e São Lourenço, será servido o almoço. A chegada em São Lourenço está prevista para às 17h, onde poderá ser observado, mesmo em ruínas, a imponência da Redução de São Lourenço. O pernoite será em uma casa antiga em estilo português, neste local é servido, também, o jantar.

No dia seguinte a jornada segue, agora rumo a São Miguel das Missões. Na entrada da cidade está previsto um almoço e a chegada ao albergue às 13h30min. A tarde será visitado o Sítio Arqueológico da Redução de São Miguel Arcanjo e o Museu das Missões, na companhia de um guia turístico local.

Ao anoitecer, o Espetáculo de Som e Luz é a atração para os caminhantes, oportunidade de conhecerem e se emocionarem com a História das Missões.

O jantar em um restaurante e o pernoite na Pousada das Missões será providencial, pois o desafio no dia seguinte é de 32 km, rumo ao Carajzinho.

Seguindo a jornada, no salão da comunidade de Esquina Ezequiel, será servido o almoço. O quinto dia de caminhada termina em Carajzinho, onde é servido o jantar. O pernoite será em um albergue construído por uma família da localidade especialmente para o Caminho das Missões.

No dia seguinte, o rumo é o Sítio Arqueológico de São João Batista (município de Entre-Ijuís), local da 1ª fundição de ferro e aço do sul da América. Lá será servido o almoço num legítimo "bolicho gaúcho" (barzinho de interior). O Parque das Fontes é o local do último pernoite. No Parque das Fontes estão à disposição dos peregrinos lagos, piscinas (sugestão: inclua na mochila roupa de banho), quadra de esportes (vôlei, futebol, bocha) e grande área verde para descanso da longa jornada.

As cabanas foram construídas para abrigarem com conforto os peregrinos.

No último dia, o deslocamento é feito pela cidade de Entre-Ijuís em direção a Santo Ângelo. O rio Ijuí é a divisa dos dois municípios e a travessia é feita por balsa.

A chegada em frente à Catedral Angelopolitana está prevista para as 11h 30min, vencendo, então, os 180 km que separam São Nicolau de Santo Ângelo, finalizando o Caminho das Missões. Após a chegada, haverá um almoço de confraternização e despedida podendo, então, os caminhantes voltarem para os seus lares.

Será disponibilizado serviço de guias nas Ruínas de São Nicolau, São Miguel e São João Batista.

O Cartão do Peregrino deverá receber os adesivos em cada ponto de paragem, servindo de comprovação do percurso percorrido.

Na chegada, o caminhante recebe o Certificado de Peregrino do Caminho das Missões, apresentando o cartão corretamente preenchido, com passagem por, no mínimo, três (3) locais onde haviam Reduções.

Esta é uma idéia do roteiro completo, de 7 dias e sempre sujeito a pequenas alterações sem aviso prévio.

Para a caminhada de 3 dias segue a mesma programação, mas partindo de São Miguel até Santo Ângelo.

A Caminhada pode ser cancelada se não for completado o mínimo de 6 pessoas, com 7 dias de antecedência²⁵.

2.2 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE MÍSTICA DO CAMINHO DAS MISSÕES

O povo missioneiro tem muito presente às questões de amor a terra, expresso especialmente nas canções nativas, nos nomes de suas músicas, álbuns, CDs, livros e poesias.

O amor pelas raízes fez com que, em meados da década de 1960, Noel Guarani, Cenair Maicá, Pedro Ortaça e Jayme Caetano Braum despontassem com a formação de um novo conceito cancionista da música regional gaúcha. Estavam decididos a criar um novo modo de cantar e tocar, uma vez que a maneira como os temas do Rio Grande eram tratados na música e na poesia não lhes satisfaziam.

Os quatro – dos quais apenas Pedro Ortaça ainda é vivo – foram denominados pela mídia local como “os quatro troncos da cultura missioneira”. Cada qual com seu estilo, mas num movimento harmonioso, conseguiram criar uma nova identidade na cultura musical e poética gaúcha: a identidade missioneira, um movimento cultural de vanguarda quanto o conceito unificador do Mercosul.

O que torna a cultura missioneira destacada no Rio Grande do sul e no Brasil, diferente frente à música gaúcha, é a maneira de cantar – denunciando, protestando, registrando e levando para o futuro o passado de um povo esquecido, explorado, mas cheio de encantos e essências: o povo guarani²⁶.

²⁵ Caminho das Missões. Disponível em <<http://www.caminhodasmissoes.com.br>>.

²⁶ www.paginadogaucha.com.br

Anos mais tarde, fizeram muito sucesso em todo o Rio Grande do Sul, o grupo musical Os Angüeras, os poetas e escritores missioneiros Apparício da Silva Rillo, José Hilário Retamozzo e os músicos e compositores Mário Bárbara Dornelles, Telmo de Lima Freitas e Luiz Carlos Borges, que, separadamente, venceram inúmeros festivais de música gaúcha.

Outro aspecto da cultura missioneira está relacionado ao chamado misticismo da civilização guarani e sua peregrinação messiânica rumo a “terra sem males”. Um paraíso mítico guarani. A construção identitária mística da região missioneira pelos empreendedores do Caminho das Missões baseia-se nessas referências históricas.

Segundo José Roberto de Oliveira, que está escrevendo um livro com o título *“A importância das Missões Jesuíticas dos guarani para a humanidade – Um pedido de perdão!”*, o místico está no ar das Missões. É comum a referência de visões próximas às matas, a locais relacionados aos famosos “enterros de ouro de jesuítas” e por muitas pessoas relacionadas ao espiritismo durante o espetáculo do *Som e Luz*, em São Miguel.

Após 250 anos da morte do venerado Sepé Tiaraju, a questão do misticismo em torno desse herói indígena encontra-se no auge. Sepé é citado a todo o instante pelos habitantes da região, onde, inclusive, faz parte da tradição de oração para o Santo Sepé. Sepé é o primeiro herói riograndense. Para José Roberto, o motivo deste misticismo em torno de Sepé está na mescla com o lendário:

Esta mescla entre místico e lendário ocorre especialmente porque o seu corpo, que foi enterrado pelos portugueses e espanhóis na noite de 07 de fevereiro de 1756, foi desenterrado e levado para um lugar onde somente o sabiam, aqueles índios que foram mortos em batalha três dias depois, desaparecendo a informação, terminando a história e começando o mito, conforme Bazilissio Leite no seu livro *Generalidades das Missões Jesuíticas* (OLIVEIRA, José Roberto, entrevista concedida).

Para Romaldo dos Santos, sócio da empresa Caminho das Missões, a região missioneira apresenta um misticismo. Mas o Caminho procura trabalhar aquilo que envolve a cultura missioneira, acima de seus aspectos místicos e religiosos. Segundo Romaldo:

A Igreja em Santo Ângelo entendeu que o Caminho está acima da religião, tanto é que o padre recebe os peregrinos em frente à Igreja pelo sentido da história das missões. Neste momento, quando os peregrinos rezam o “Pai Nosso” é uma oração universal, está acima da religião. A religiosidade cristã com toda a sua carga de sentido e determinação européia, ocidental romana, acabou incorporando os aspectos culturais do encontro dos jesuítas com os povos indígenas. A região missioneira é uma construção desse encontro (SANTOS, Romaldo, entrevista concedida).

A preparação para o início da caminhada utiliza a simbologia, a religiosidade e o misticismo para compor a primeira experiência da identidade da região missioneira, formada pelo encontro da vivência jesuítico-guarani²⁷. Após uma apresentação dos peregrinos na recepção da empresa turística Caminho das Missões, todos são convidados a entrar em uma sala especialmente decorada, onde ocorre a “preparação espiritual” do Caminho. Todos, descalços, sentam em almofadas dispostas em círculo, em cujo centro apresenta-se uma pira (de ferro, de rodado de trator) com um pouco de álcool, um prato com erva-mate e folhas de sálvia e um cesto de vime com papéis. Há uma composição do ambiente voltada para um intimismo, com luz baixa e música suave ao fundo.

Façam um círculo de mãos dadas
 Fechem os olhos
 Sinta sua respiração
 Sinta a respiração pulsando em todo o seu corpo
 Percebam este sentido divino...
 Dêem um sentido a esta caminhada que está por iniciar
 Este sentido pode ser um tema de sua vida como: a perseverança, a persistência, a tolerância, a compreensão
 O que você deseja que o caminho lhe revele
 Sempre lembrando que para se ter uma percepção mais profunda de si é preciso estar com a mente e o coração abertos.
 E como na busca dos índios Guarani na busca da “Terra Sem Males” e que nós desejamos encontrar em algum lugar. Que o caminho sirva para livrar-se de suas dúvidas, vazios, arrependimentos, desamores, para substituir por uma razão maior interior que preencha suas vidas, satisfatoriamente. Que o caminho seja uma oportunidade de buscar a Terra Sem Males “de cada um”.
 Agora cada um de vocês se dirija a “PIRA” e queime as energias negativas, (simbólicas), pois estas se transformarão em positivas.
 Neste papel que vocês receberam escrevam uma mensagem para um peregrino. Esta mensagem será revelada no final do terceiro dia de caminhada.
 Agora cada um retire um papel com o nome de seu “afilhado” para entregar a Cruz Missioneira (texto básico, explorado por Marta Benatti, no ritual de iniciação à caminhada).

²⁷ Cf. Primeiro Capítulo.

O ritual de abertura é objeto de diversas interpretações pelos peregrinos entrevistados. Significa riqueza de sentido simbólico, preparação espiritual, forma de integrar o grupo, de criar apego uns com outros e de promover o afloramento espiritual dos participantes. Para José Warken, o ritual tem uma importância no conjunto da peregrinação, embora acentue que as referências místicas ultrapassam o significado do momento de abertura. Elisabeth Okada enfatiza um aspecto de descontinuidade entre o ritual e a peregrinação, já que o misticismo e a religiosidade do ritual não são preservados durante o peregrinar e não alteram o sentido da experiência pessoal desde seu início até a chegada na Catedral.

O simbolismo é bastante rico e apropriado, mas há um pouco de exagero nas referências místicas. *José Cláudio Warken, 54 anos, casado, católico, administrador de empresas, Novo Hamburgo/RS.*

Ritual de apresentação do Caminho, místico, interessante e emocionante, mas durante a caminhada esse misticismo se desfaz. Chegada na Catedral é emocionante por ter cumprido a caminhada, mas não por misticismo ou religiosidade. *Elisabeth Hitomi Okada, 50 anos, separada, católica, química, Santa Catarina.*

Para Maria Marinheiro e Dilce Gomes, o ritual foi um momento inesperado e de surpresa, de preparação espiritual para a peregrinação. Mesmo sem ter uma perspectiva religiosa do Caminho, Maria afirma que o cajado, símbolo do momento de abertura, continua fazendo parte do ambiente de seu quarto. Para Dilce, o destaque está na escolha do “anjo protetor”.

Não esperava pelo Ritual de Iniciação e achei bem pertinente. Meu cajado está até hoje, um ano depois, ao lado da cabeceira da minha cama. Embora não veja o Caminho pelo lado religioso, entendo perfeitamente o seu término na porta da Catedral, como o coroamento de uma etapa vencida, de um objetivo alcançado. *Maria Cecília Marinheiro dos Santos, 58 anos, solteira, católica, professora, São Paulo/SP.*

O Ritual de Iniciação foi muito bonito e inesperado. Achei muito interessante a escolha do “anjo protetor”. Foi tudo muito surpreendente. A chegada à Catedral foi muito emocionante e o coroamento de todo o esforço feito na caminhada. *Dilce Gomes, 61 anos, solteira, católica, professora de inglês, Porto Alegre/RS.*

Edgar Bessa enfatiza a contribuição do ritual para a integração do grupo. Para ele, o misticismo do ritual não altera a religiosidade das pessoas.

Gostei dos rituais, que são místicos, mas sem que isso afete a religiosidade das pessoas, e a forma que é realizado começa a integrar o grupo desde o primeiro momento. *Edgard Bessa, 51 anos, viúvo, budista, advogado e artista plástico, Joinville/Santa Catarina.*

Para Rosélia Santos, o destaque está na participação de todos na ritualidade de abertura, ressaltando a importância da relação padrinho/afilhado como forma de humanizar a relação entre os peregrinos. A seu ver, o contato com a simbologia do cajado e da cruz permite manifestar a espiritualidade de cada pessoa.

Gostei muito do ritual, toda simbologia do cajado e da cruz acaba por aflorar o lado místico das pessoas, todos participam sem objeção. O padrinho/afilhado não exerce toda a função a qual é designado, no entanto, a responsabilidade de cuidar e/ou auxiliar alguém nos faz mais humano, participativo, preocupado com o próximo. Quanto à chegada à Catedral, depois de uma árdua caminhada, com altos e baixos, com encontro consigo mesmo, só nos resta chorar de emoção com as badaladas dos sinos e com o sentimento de prazer pelo transpor de uma barreira, a qual eu mesma determinei. *Rosélia Rocha Santos, 43 anos, casada, católica, professora/coordenadora pedagógica, Ribeirão Claro/PR.*

A peregrina Simone Saueressig, ao discorrer sobre o ritual de apresentação do Caminho, revela-se constrangida com a experiência e, em seguida, relativiza o misticismo embutido no cajado, reclama da falta de coesão das pessoas de seu grupo e da organização do ritual para a peregrinação:

A cerimônia que a equipe do caminho realiza no início do passeio me deixou um tanto constrangida. Não, não estou sugerindo que ela seja cortada ou modificada, em absoluto. É um encontro muito bonito, e funciona, como mínimo, para a criação de laços entre os participantes da caminhada. Tem a sua função, como toda a cerimônia mística, e acho que funciona bem.

Meu constrangimento diante do místico se deve ao fato de que toda vez que eu participo de uma cerimônia, fico com a impressão de que deveria estar sentindo alguma coisa que todo mundo sente: arrepios, sopros nos ouvidos, perfumes essas coisas. Mas eu não percebo nada disso, então adoto uma atitude que talvez esteja próxima da curiosidade que sente um antropólogo ou um psicólogo. Infelizmente, meu racional é muito mais poderoso do que todo o demais e ao invés de eu entrar no clima, termino fazendo conexões com esta ou aquela tradição folclórica, cultural ou religiosa que conheço. É claro que tenho experiências místicas, todo mundo as têm. Mas são muito sutis e dificilmente estão ligadas a cerimônias feitas por terceiros. Como são muito íntimas, dificilmente eu as compartilho com os demais, até porque eu fico sempre com a impressão de que ninguém vai acreditar em mim. No máximo vão achar que não é uma experiência mística, mas psicológica, e que eu já estava predisposta àquilo e que portanto tem muito pouco valor.

Já que estamos no assunto, porém, lembro que durante a cerimônia de partida nos disseram que seria o cajado da caminhada que nos escolheria e não o inverso... bem, antes de começar a cerimônia, logo que entramos na sala da sede do Caminho, já havia posto os olhos sobre os cajados que lá estavam, eu já tinha olhado justamente para o cajado que terminei pegando. Se pensarem que isso é algo místico (não estou duvidando), tudo bem. O caso é que quando eu o puxei, por pouco não caí na risada: acontece que não sou uma pessoa muito alta, e o cajado escolhido é da minha altura, para não dizer que é um pouco maior. O meu colega de caminhada, o

Cléber, que é um sujeito muito maior do que eu, escolheu um que era bem mais baixo que ele, inclusive que era mais baixo do que eu! Olhando para ambos, cheguei a me sentir envergonhada, porque o mais lógico seria que trocássemos de cajado para que a coisa ficasse equilibrada. Mas já que não estávamos lidando com a lógica decidi deixar como estava”.

Também reconheço que o grupo ao qual me agreguei não era muito coeso nem muito dado a este tipo de expansividade. Na partida de São Miguel (a primeira manhã de caminhada, para mim) nossa guia chegou a nos reunir diante da Pousada e fizemos uma oração. Mas na manhã seguinte isso não voltou a se repetir com a mesma expectativa, e no último dia sequer aconteceu. A chegada também foi um tanto tumultuada, sem a coesão que nossa guia esperava do grupo, talvez baseada em experiências anteriores, com outros grupos, e ela ficou bastante chateada. De minha parte, eu me senti muito bem: ninguém me obrigou a fazer parte de uma realidade mística com a qual eu não me identificava, mas quando nos demos as mãos na praça, para atravessá-la em direção à catedral, lembro que foi um momento especial. *Simone Saueressig, 40 anos, solteira, sem religião atual, escritora e professora de dança, Novo Hamburgo/RS.*

2.3 ESTRATÉGIAS DE VENDA DO PRODUTO TURÍSTICO CAMINHO DAS MISSÕES

O Caminho das Missões nasceu de um trabalho paciente e cauteloso de seus idealizadores: um publicitário (Cláudio Reinke), um economista (Romaldo Melher dos Santos), uma relações públicas (Marta Benatti) e uma historiadora (Gládis Pippi).

Segundo eles, o primeiro passo foi conseguir um espaço para o turismo na Fenamilho – Feira Internacional do Milho em Santo Ângelo, em 1999. Pela primeira vez, em toda a história da Fenamilho, foi organizado um grande pavilhão para divulgar e incentivar o turismo na região das Missões. Alguns expositores abraçaram a idéia, prefeituras mostraram suas potencialidades em inventários turísticos recém-concluídos, alunos do novo curso de turismo da URI trabalharam voluntariamente e montaram uma peça teatral da saga missioneira.

Entusiasmados com o sucesso do Pavilhão, Romaldo, Cláudio, Marta e Gládis buscaram um novo produto para ser inserido e comercializado na região.

O produto Caminho das Missões foi desenvolvido pela necessidade de termos um produto que envolvesse todas as regiões jesuíticas guaranis fugindo do eixo de São Miguel - Santo Ângelo.

Pensávamos, na época, que existiam outros atrativos e da possibilidade de um roteiro que fizesse com o que turista ficasse mais tempo nas Missões. Pensávamos também sobre proporcionar o conhecimento das Missões de uma forma diferenciada, já que os turistas vinham conhecer a região apenas de uma forma, visitando o Sítio Arqueológico de São Miguel e assistindo o Som & Luz (SANTOS, Romaldo. Entrevista concedida).

Após a formulação da idéia, seguiram-se o planejamento, a definição do roteiro, a busca dos parceiros estratégicos, as caminhadas experimentais e o lançamento do produto em março de 2002.

Em incontáveis reuniões, trataram do conceito do caminho, seu significado, suas propostas temáticas e sua comercialização. Segundo seus empreendedores, o Caminho das Missões procurou aproveitar, estrategicamente, a “potencialidade místico-religiosa, histórica e ecológica do espaço em questão”.

Desde o lançamento, os idealizadores afirmam que o Caminho não é religioso, sob o ponto de vista institucional, isto é, não é vinculado a uma tradição religiosa específica e, portanto, não se trata de peregrinação para “pagar promessa”.

Na verdade, no começo, pensávamos no roteiro apenas como referência histórica e no caminho feito pelos próprios padres. Ainda hoje, pensamos na catequização do índio como fato histórico e não como religião. Pensávamos que isto – religião, religioso - estaria ligado apenas a religião católica e a nosso ver, o peregrino que iria nos visitar ou nos visita, tem varias religiões ou religião nenhuma e poderia dificultar a venda do produto. Nosso roteiro era calcado apenas na historia das missões e no misticismo (SANTOS, Romaldo. Entrevista concedida).

A constituição do produto desprovido da marca específica de uma religião visou não limitar o público-alvo. No entanto, o produto foi calcado em elementos místicos derivados do encontro dos jesuítas com a religiosidade dos guarani. Mas seu enfoque místico nada tem de sectário ou proselitista, estando aberto a todos independentemente de suas confissões religiosas. Apesar disso, a Igreja Católica tem participação privilegiada tanto na abertura e como no encerramento da caminhada realizado na frente da Catedral, além do uso da simbologia da cruz e do próprio sino. Dessa forma, não há como negar que o Caminho das Missões seja um turismo religioso e cultural, ao invés de ser apenas cultural.

Procuramos também buscar toda a simbologia das Missões: o sino (primeira fundição) e que para nós representa um sinal, um aviso e que tinha um sentido dentro da redução, a cruz missioneira (que é um amuleto) e a erva mate (ligada a historia jesuítica guarani) (SANTOS, Romaldo. Entrevista concedida).

A ênfase em não vincular o produto a uma tradição religiosa específica é reforçada por Marta Benatti, sócia responsável pelo ritual de iniciação do Caminho:

Eu queria, em nome do CAMINHO DAS MISSÕES, dizer que este ritual que a gente faz... *(pausa)* na verdade a gente é apenas um instrumento, que o Universo se encarrega de certas coisas, de certas situações... e nós temos que estar abertos para entender e interpretar os sinais que nos são enviados... Quem caminha, quem já caminhou, sabe que nós podemos aprender muitas coisas em apenas um dia, numa semana, num mês, num ano ou numa vida toda, vai depender de nós estarmos abertos para receber os sinais que o universo nos envia de alguma forma e cabe a nós abrir a nossa mente, o nosso coração, para entender esta mensagem que ele está nos enviando...

E como nós temos o nosso projeto baseado na história das missões, a questão da religiosidade é trabalhada como fonte e instrumento histórico, mas nós trabalhamos que basta ter Deus no coração... a religião de cada um cabe a cada um, a sua escolha...

Que cada um de vocês aproveite plenamente estes dias de caminhada e que reservem um tempo para si, para alimentar seu espírito e sua mente com as boas energias e que pense, em algum momento, nesta grande experiência jesuítica guarani, única na história da humanidade, num exemplo perfeito ou quase perfeito de uma sociedade...

E falando nos guaranis, os inserimos em todo este processo, a partir do cajado, e que vai acompanhar vocês em todo o Caminho, e é feito por eles, em taquaruçú e com alguns dizeres gravados no idioma guarani.... (ritual gravado pelo pesquisador em setembro/2006).

Para seus idealizadores, a identidade do Caminho das Missões foi elaborada tendo como bases a história e a cultura do povo missioneiro e visando as relações de troca entre os turistas e a população local:

É tu conhecer o seu Argemiro, que é uma pessoa sensacional, o gaiteiro, a dona Antônia, os hospedeiros e os hospitaleiros. É uma coisa assim que tu te sente bem como ser humano, principalmente quem vem de longe, vê que existe essa questão humana ainda. No tu passar na estrada e alguém que tu nunca viu na vida levantar a mão e te cumprimentar. Tem gente, principalmente dos grandes centros que ficam assim tocados com isso, se emocionam por isso. A gente tem relatos de que mudaram a sua maneira de ser devido a isso. O caminhar propicia isso. E isso a gente tinha consciência, que o caminhar, mesmo que a tua caminhada seja com objetivo de passeio, ou pra tirar foto, com o caminhar tu vai acabar pensando. Caminhar te remete a pensar em ti. É uma coisa diferente, é uma coisa que a gente precisava criar o diferencial, mas também possibilitar essa coisa de contato humano, não simplesmente conhecer o local, o que muita excursão faz, mas incentivar esta coisa de troca de experiências, tu conhecer as pessoas, conhecer a ti mesmo, se encontrar... (REINKE, Cláudio, sócio-idealizador do Caminho das Missões. Entrevista concedida).

A inspiração dos quatro idealizadores foram o Caminho de Santiago de Compostela e as caminhadas de peregrinos que estavam começando a ser realizadas no país, muitas delas como “preparação” para Compostela. Segundo Romaldo,

Nosso marketing foi pensando muito nas Associações de Peregrinos do Brasil, pensamos que existem vários caminhantes, gente que gosta de caminhar pelo prazer de caminhar. Pensamos também no negócio e em produtos para caminhada, são muitas as lojas que vendem estes produtos: tênis, abrigos, sinal que existe mercado. Para completar nossa estratégia de marketing, pensávamos também na participação em feiras de turismo.

Nós somos quase que pioneiros como caminhada. Nascemos no mesmo período do Caminho da Fé, em São Paulo. Todos começaram na mesma época sem ninguém saber um do outro. Acho que até que começamos antes deles. Hoje temos os Caminhos da Fé, Caminho do Sol, Caminhos da luz e Passos de Anchieta... Acho que todos são posteriores ao nosso "Caminho". Pensamos também sempre no nosso produto como uma alternativa de desenvolvimento local e regional, para as pessoas e comunidades ao longo do caminho (SANTOS, Romaldo, entrevista concedida).

Conforme Romaldo, a expansão do caminho, qualitativa e quantitativamente, passa por pequenos ajustes que estão sendo feitos, principalmente por um novo planejamento estratégico e o aprimoramento da coleção (*griffe*) Caminho das Missões, que passará a ser comercializada virtualmente.

Em março de 2007, exatos cinco anos após seu lançamento, ocorrido em 9 de março de 2002, o Caminho das Missões contava com 717 participantes que realizaram o Caminho, alguns deles repetidos, já que fizeram o caminho mais de uma vez²⁸.

2.4 OS HOSPEDEIROS

A infra-estrutura básica ao longo do percurso pertence aos hospedeiros. Eles têm importância decisiva no funcionamento do Caminho das Missões. São eles que provêm a recepção, a hospedagem e a alimentação dos peregrinos. O estabelecimento dessa parceria é considerada, pelos criadores do Caminho, um de seus principais acertos. Já na gênese do Caminho das Missões parece evidente que o sucesso da empreitada dependia, fundamentalmente, da qualidade dos contatos e da relação entre os representantes da cultura local (em sua maioria, pequenos comerciantes, proprietários de minifúndios em busca de novas alternativas para a geração de renda e artesãos) e os turistas.

Como referido por Marta Benatti, a escolha dos hospedeiros do Caminho das Missões, mais do que uma questão de análise de potenciais parceiros comerciais,

²⁸ O banco de dados da Empresa Caminho das Missões registra o número da caminhada, início e final da jornada, seguido dos nomes dos caminhantes ou peregrinos com seus dados pessoais.

levou em consideração outros fatores e foi pautada por uma intervenção mínima nos hábitos e valores de cada parceiro. De acordo com ela:

Isso representou um processo lento, pois no início eles não sabiam nem o que era turismo, muito menos um peregrino. Nós fomos conversando com todas as pessoas ao longo do “Caminho”, para selecionar aquelas que a gente acreditou que tivessem condições de trabalhar conosco. Não houve um treinamento, se analisarmos sob o aspecto formal, mas nós os capacitamos de acordo com as características do Caminho das Missões, valorizando o que eles tinham de melhor: um pão caseiro, estimulando a criação de uma horta, para que eles pudessem colher as hortaliças, os temperos, fazendo a criação de aves (BENATTI, Marta. Entrevista concedida).

Atualmente, o roteiro inclui dez hospedeiros, distribuídos estrategicamente ao longo do percurso de 180 quilômetros, relativo ao pacote de sete dias de caminhada do Caminho das Missões, o qual corta a região entre os municípios de São Nicolau e Santo Ângelo. Integrado por indivíduos com idade e formação variadas, o que lhes acrescenta uma trajetória de vida também diferenciada, o grupo se mantém fiel à sua própria base cultural, apesar da influência – perceptível, na maioria dos casos – dos peregrinos em sua rotina.

Satisfeita com a aposta realizada pelo Caminho das Missões no potencial dos representantes da cultura missioneira, Marta Benatti ressalta a contribuição do empreendimento para a economia local.

Todo esse processo envolveu uma conscientização sobre a importância do turismo no desenvolvimento local. Nós utilizamos toda a infra-estrutura já existente ao longo do Caminho, e a gente qualifica essas pessoas, hoje, como “personagens” do Caminho das Missões. Essas famílias, pequenas propriedades rurais, que nos dão apoio, pouso, que hoje são nossos parceiros, elas foram, de alguma forma, surgindo no momento certo. Muitas vezes nós tivemos que adequar a infra-estrutura disponível no trajeto ao desenvolvimento do roteiro, dividindo em quilometragem de acordo com o que a História nos coloca, mas também, em função dessas pessoas, que são muito especiais, e representam um grande diferencial. Elas agregam muito ao projeto, e são pessoas que têm muita autenticidade e originalidade naquilo que elas fazem, que é feito com muita paixão. A gente sente e os peregrinos sentem também que realmente eles estão engajados nesse processo. Se a gente pegar um exemplo, como o bolicho do “Seu” João de Matos, que fica próximo à Esquina Ezequiel – um dos locais de pernoite – se percebe que, de um simples bolicho de beira de estrada, onde ele vendia algumas coisas (cachaça, cigarro, cerveja, farinha de trigo e sal), e quase não sobrevivia mais disso; hoje, após realizar alguns investimentos, ele vem tendo um desenvolvimento na própria receita do estabelecimento, em função dos peregrinos que por lá passam. É uma forma de fixar, de manter as pessoas no seu habitat, para que não ocorra o êxodo rural. Essas pessoas ficam lá, trabalhando, ganhando seu dinheiro, e cada vez se sentindo mais estimuladas (BENATTI, Marta. Entrevista concedida).

O ponto de vista quase “eufórico” da empreendedora, no entanto, revela apenas uma perspectiva sobre a ação e experiência dos hospedeiros do Caminho das Missões. Para que se possa melhor avaliar o envolvimento destes indivíduos com o produto turístico e sua avaliação do mesmo, eles foram entrevistados. Seus interesses, experiências e perspectivas ultrapassam, em muito, a exposição da sócia do Caminho das Missões.

Para fins de sistematização, por outro lado, optou-se por dispor os depoimentos coletados (tanto do peregrino quanto dos hospedeiros), na ordem em que dos hospedeiros no percurso do Caminho das Missões, de acordo com cada etapa do trajeto. Assim, o primeiro “personagem” (como são referidos os hospedeiros por Marta Benatti) do roteiro é Cleida Schiavo Cardoso, 53 anos, comerciante, integrada ao Caminho das Missões desde a época das caminhadas experimentais, iniciadas em 2000.

Conforme a descrição do peregrino Warken a respeito de sua chegada a São Nicolau (vindo da Fazenda São João, um dos pontos de hospedagem incluídos no roteiro recém inaugurado):

Esfalfado chego ao Casarão Silva [...]. Como já conheço o lugar, vou até o bar da D^a Cleida e me informo sobre uma ótica. Ela me indica uma “relojoaria” ali perto, para onde me dirijo. [...] Dali sigo à Pousada do Cebola, que fica pertinho do Sítio Arqueológico. É um lugar muito agradável, com um espaçoso alpendre, onde estão os incólumes novos companheiros de caminhada [...]. Largo a mochila no quarto duplo, onde já se acomodara o Zuca.

Após o banho a simpática proprietária se oferece para passar as roupas sujas na máquina, poupando o trabalho. Assim, posso ainda fazer um recorrido pelo Sítio e fotografar. [...]

A noite se aproxima, agradável. Sentamos numa área descoberta, junto ao bonito gramado nos fundos da Pousada. Sem demora o Cebola traz o prato principal do jantar: Piava assada na brasa. Uma delícia. Fomos ficando por ali, tomando mais uma cervejinha e rolando um bom papo até a chegada do Tuta e da Secretária Ângela. Não sei se o Tuta mudou, ou mudei eu. Já não me encantou como no ano passado (WARKEN, José Cláudio. Relato de viagem encaminhado ao autor em 12 jan. 2006).

“Cebola”, personagem referido pelo peregrino, é o apelido pelo qual a comunidade de São Nicolau identifica o empresário José Francisco Silva, 51 anos, o qual, juntamente com sua esposa, Diana Falcão Padilha, 40 anos, administra a “Pousada dos Jesuítas”, local de hospedagem que, surgido após o estabelecimento do Caminho das Missões, divide, alternadamente, a recepção aos grupos, com

Cleida. Vinculada ao Caminho das Missões desde as primeiras caminhadas experimentais, Cleida afirma ter sentido o impacto da redução do número de peregrinos aos quais dispensa o serviço de alimentação, e que, desde a implantação do sistema de rodízio entre seu estabelecimento e a “Pousada dos Jesuítas”, se dividem entre seu bar e o novo ponto de hospedagem. Apesar disso, concorda com a iniciativa do grupo de empreendedores, justificando que:

É mais difícil, porque a gente se dedicou desde o início. Eu tentei argumentar, mas o Zé colocou que ele abriu uma pousada, também, e aí, como o Romaldo quer dar uma ajuda pra cada um, então resolvemos dividir, que antes ele queria só a janta, quando tocasse a vez dele, era a janta e o pernoite, e o almoço lá fora ele não queria fazer, mas aí é difícil pra mim, porque o mais difícil é fazer lá (CARDOSO, Cleida Schiavo. Entrevista concedida).

Em relação às suas expectativas quanto ao crescimento do número de peregrinos, Cleida crê no desenvolvimento do produto turístico, e não se resigna dos anos que já dedicou ao empreendimento. Segundo ela, “acho que valeu a pena. Não vou dizer assim, pelo lado financeiro, [...] todo pouco que se ganha, sempre aumenta, mas pelo conhecimento, por a gente conversar, conhecer essas pessoas [...]” (CARDOSO, Cleida Schiavo. Entrevista concedida).

Sobre a atitude mais adequada a ser empregada na acolhida aos peregrinos, a simplicidade do povo missioneiro, refletida na postura dos hospedeiros, constitui um dos principais diferenciais do roteiro. Conforme a comerciante:

A gente tem que ser a pessoa que a gente é. Transmitir aquilo que a gente é, mesmo. Mas que seja uma pessoa alegre, uma pessoa que compreenda, porque cada pessoa a gente tem que entender, uns têm problema, outros tão cansados, não passaram bem na viagem, então a gente tem que saber entender eles. Mas cada um tem que transmitir a pessoa que é (CARDOSO, Cleida Schiavo. Entrevista concedida).

Cleida também se serve, durante seu contato com os turistas, dos serviços do “Tuta”, lembrado por Warken em seu relato de viagem. O trovador, que congrega em si elementos da cultura missioneira e gaúcha, é quem anima as noites da “Pousada dos Jesuítas”, com suas declamações e canções típicas da região.

Diana Falcão Padilha, proprietária do estabelecimento, juntamente com seu esposo, relembra as razões que levaram o casal a investir no turismo, atrelando-se ao Caminho das Missões. Conforme seu depoimento:

Antes, o Zé era proprietário de terras, e trabalhava com agricultura e pecuária. Por problemas de saúde, a gente tinha que buscar uma alternativa de renda, que a gente pudesse sobreviver, junto com o arrendamento do campo. E existia essa casa aqui, que foi herança da família dele, e a casa é grande, e dispõe de bastante cômodos, e a gente, através das reuniões que saíam aqui no CTG, do projeto Rota Missões, a gente resolveu transformar a casa em uma pousada para receber os turistas (PADILHA, Diana Falcão. Entrevista concedida ao autor).

Após a implantação do negócio, que não se destina exclusivamente ao atendimento dos peregrinos, no entanto, a entrevistada constatou, a partir da nova experiência, particularidades no trato com os turistas convencionais e os caminhantes, o que contribui, também, para sua adequação ao novo ramo de atividade. Assim, de acordo com ela:

Até quando o Zé teve a idéia de montar a pousada, eu achava que não ia dar certo, porque eu via São Nicolau como a cidade de São Nicolau. Eu não a via com aquele lado da história, com aquele resgate. Quando a gente começou a trabalhar com os peregrinos, tu sabe que tu és um prestador de serviços, mas que eles vêm aqui, e eles vêm a casa deles aqui, eles esperam ser bem acolhidos, e bem tratados, porque eles estão longe de casa, e essa distância da casa deles faz com que a casa deles seja aqui. Então, o tratamento mais próximo é diferente do tratamento que tu dá pro viajante, pra pessoa que vem e só posa (PADILHA, Diana Falcão. Entrevista concedida).

Como informado por Cleida, a oferta do almoço do dia posterior ao pernoite em São Nicolau, quando os peregrinos se hospedam na “Pousada dos Jesuítas”, é atribuição de Diana e “Cebola”. Warken, por sua vez, assim se refere ao segundo dia de caminhada e aos hospedeiros que mantêm a estrutura do Caminho das Missões em condições de receber os caminhantes:

O calor vai aumentando e a fazenda do Ciro Boot não chega nunca. O Cebola passa por mim, levando o almoço...

Finalmente reconheço as cercanias do Rincão dos Conde. Mais um pouco e estou no local do almoço. A maioria já está à sombra das frondosas árvores do pátio. [...] O prato principal é massa ao forno com carne. Nada especial.

O calor está terrível. Tento dormir um pouco, mas é difícil. Ficamos fazendo hora para ver se a temperatura baixa um pouco. Como isso não acontece, me ponho a caminho e sou seguido por alguns. Mário resolve pegar carona com o Cebola, que leva as mochilas de alguns até o lugar do pernoite.

Ao cair da tarde chego ao Rincão dos Teixeira. D^a Antônia não está, pois foi ao Santuário do Caaró. Somos recebidos pela atenciosa filha e pelo Mário, que está descansando no alojamento coletivo, com camas. [...] D^a Antônia retorna ainda a tempo de servir o jantar: um carreteiro meio seco. E as rapadurinhas não deram as caras... (WARKEN, José Cláudio. Relato de viagem encaminhado ao autor em 12 jan. 2006).

Antônia Silveira dos Santos, 60 anos, parceira do Caminho das Missões desde 2001, vizinha de uma escola rural incluída como ponto de parada a partir de uma autorização da municipalidade, é quem se encarrega de acomodar os peregrinos no segundo pernoite dos mesmos nas Missões. A aposentada e funcionária pública (faxineira de uma escola “na cidade”) ainda hoje lembra o primeiro contato que travou com o “pessoal do ‘Caminho’”:

A primeira vez eles apareceram lá no meu trabalho, na escola, e perguntaram se eu queria receber um pessoal aí pra dar pouso, aí eu achei que fosse uma noite só. Disse: não, não tem problema, a gente ajeita. Depois, me procuraram novamente, tivemos uma reunião lá com o prefeito, e aí eu já tinha recebido um grupo, e me disseram que iriam continuar, então segurei a idéia. E adoro receber o pessoal. Não tanto pelo valor do dinheiro que a gente recebe, claro que isso ajuda a gente, mas eu adoro receber (SANTOS, Antônia Silveira dos. Entrevista concedida).

Sobre sua permanência na atividade, a entrevistada acredita no potencial do Caminho das Missões em atrair mais peregrinos, o que pode lhe assegurar um reforço na economia doméstica. Contudo, é enfática quanto às melhorias necessárias no espaço que administra. De acordo com ela:

O trabalho com o Caminho ajuda na renda. Nunca pensei em desistir, só se a agência quiser trocar. A gente investiu um pouco aí, embora dentro do possível. Precisa mais melhorias. Precisa muita coisa. Precisa melhorar os colchões, o lugar mesmo, é muito apertado (SANTOS, Antônia Silveira dos. Entrevista concedida).

Em relação aos peregrinos, Antônia, católica praticante, revela dúvidas quando confrontada com as possíveis razões que os trazem às Missões, o que revela uma carência do Caminho das Missões em esclarecer seus colaboradores quanto a seus propósitos e aos de seus clientes. Assim, para a fonte citada:

Eu não sei... Pra mim, me dá a entender que é bastante espiritualismo. Eu acho que eles são umas pessoas cultas, educadas, e pra mim tem a religião no meio, dessa caminhada. Porque a peregrinação? Eles não dizem que é isso aí. Eu imagino que seja um caminho espiritual... (SANTOS, Antônia Silveira dos. Entrevista concedida).

Aparentemente adaptado às condições de hospedagem do trecho anterior do Caminho das Missões, Warken descreve a chegada em São Luiz Gonzaga, município onde se desenvolve a programação do terceiro dia de caminhada. Com

apuro crítico, o peregrino atualiza suas impressões sobre a hospedagem da artesã Margarete Reichert, 47 anos, que se declara espiritualista e vê no trajeto uma oportunidade que, além de comercial, corresponde às suas expectativas humanistas. Conforme o relato do caminhante:

Vamos direto à Pousada da Margarete Reichert, agora em novo endereço. Informamos-nos da sua localização e não foi difícil de achar, pois fica bem em frente à Escola Rui Barbosa, colada ao seu atelier. É mais espaçosa do que a anterior, com 3 níveis diferentes, 4 quartos com colchões no chão, 2 bons banheiros e uma ampla área de convivência no térreo. Como somos (excepcionalmente) os primeiros, nos instalamos num dos dormitórios do piso superior. Tomo um banho descansado e lavo a roupa, enquanto a Margarete está preparando o almoço, auxiliada pela sua tia.

Margarete expõe na sala da Pensão muitas lembranças do Caminho e dos caminhantes. Mensagens estão penduradas por todo lado, de grupos que já passaram por aqui. Fotos também, às pilhas. [...]

Margarete amenizou, felizmente, as referências “zen-angelicais” da pousada. Não senti cheiro de incenso, mas restou um altazinho para os anjos favoritos, com direito a vela, junto à geladeira. Brinco que o anjo controla se a gente marca direitinho as bebidas retiradas da mesma... [...]

O almoço é muito saboroso. A sesta é boa, mas faz muito calor. [...]

Ao chegar na Pousada me deparo com o Romaldo, que veio fazer uma visita-surpresa. Assim a Adriana acaba se transferindo para o atelier da Margarete, restando eu, Marta e Walmir no dormitório.

O jantar, uma suculenta galinhada, foi coroado com a apresentação da “Torta Caminho das Missões”, criado pela Margarete. [...]

Preparo-me para dormir. O calor está intenso, pois o quarto é virado para o norte e recebeu todo o sol da tarde (WARKEN, José Cláudio. Relato de viagem encaminhado ao autor em 12 jan. 2006).

A hospedeira demonstra familiaridade com a experiência do Caminho das Missões, seja em relação ao contato com os peregrinos, seja quanto aos procedimentos envolvidos na divulgação pela empresa responsável pelo roteiro, o que a leva a ocupar um lugar de destaque entre os “personagens” espalhados ao longo do trajeto. Questionada sobre os ajustes necessários à adequação de seu espaço de hospedagem (sua própria casa) aos requisitos do Caminho das Missões, Margarete - que colabora com o roteiro desde a época das caminhadas experimentais – afirma o que segue:

Eu investi em colchões, e alguma louça, que o resto eu fiz um apanhado, fui buscando material, que são coisas que não se estragam. Investi em panela, louça, algum talher, copo, mas o mínimo possível. Mais foi em colchão e capa de colchão (REICHERT, Margarete. Entrevista concedida).

Dotada de capacidade de articulação que se sobressai entre os hospedeiros do Caminho das Missões, a artesã, cuja formação escolar não ultrapassa o ensino fundamental incompleto, avalia empreendimento como bem-sucedido, tendo em conta o crescente número de peregrinos. Para ela, uma das razões disso se relaciona com:

A simplicidade deles [os peregrinos], e o encanto que eles têm com a gente. Em relação à nossa simplicidade, à nossa comida, sempre agradecendo. Eu só tenho elogios pra eles. Tanto que eles saem e eu fico com saudade deles. E o legal que, quando vem um grupo que conhece, “ah, conheci, te mandaram abraço, te mandaram beijo”. Te mandam... Eu recebo jornal deles, recebo cartão, recebo livro, e isso aí só nos ajuda a continuar mais. Porque eu já fico ansiosa esperando o próximo grupo que vem, porque cada grupo... Tem os grupos que eles já chegam unidos... O que é interessante é que eles se juntam em Santo Ângelo, às vezes eles nem se conhecem, vão se encontrar ali. Mas eles se tornam tão unidos, tão amigos – até esse lado do apadrinhamento que eles têm, esse ritual, que é tão legal ver isso. Que hoje em dia a humanidade realmente, tá em busca de conforto, de amizade, de carinho, e isso aí é legal no grupo. Eles se ajudam, realmente (REICHERT, Margarete. Entrevista concedida).

Tal abordagem parece confirmada no relato de José Cláudio Warken, quando o peregrino descreve o cenário do quarto dia de caminhada. Ao descrever o ambiente e as pessoas envolvidos no preparo do almoço, naquele trecho do Caminho das Missões, ele não poupa elogios à intimidade estabelecida com os hospedeiros, a qual transparece em vários pontos de seu depoimento. Saindo de São Luiz Gonzaga, o peregrino oferece a seguinte análise do cotidiano do caminhante nas Missões, que lhe faz resgatar, inclusive, memórias de cunho pessoal:

O lugar se chama Laranja Azeda. Mas a casa do Seu Argemiro e D^a Maria nos acolhe com a doçura de sempre. Argemiro com suas tiradas pitorescas, ao ser perguntado pelo Walter se o gado gosta do Capim Anoni, abundante na propriedade, seu Argemiro responde de pronto: “Se gosta, não sei. Mas come!”.

Faz um calor abafado. Tomo uma ducha e me sento na roda, na sombra do gramado. Argemiro oferece roupas de prenda para as gurias. Adriana e Lúcia se dispõem e aparecem engalanadas, enquanto seu Argemiro abre a sanfona. Ensaia algumas danças com a Adriana, os dois descalços no gramado. Enquanto isso D^a Maria termina os preparativos do almoço. Não é à toa que seu Argemiro toca a sanfona: toda a família é musical. O irmão de D^a Maria é o renomado cantor e compositor nativista Luiz Carlos Borges. O filho, Erlon Pércles está no mesmo trilho, já tendo gravado alguns CDs (um dos quais está sendo ouvido no toca-CD).

O dia está quente, mesmo assim a “Vaca Atolada” faz sucesso, seguida pelas insuperáveis rapadurinhas de amendoim. D^a Maria me dá novas explicações sobre a receita, ficando claro que não me ensinara o “pulo do gato” no ano passado... [...]

A Pousada de São Lourenço é uma das minhas prediletas. Um centenário casarão, com as características quase originais serve de pouso e de Casa Comunitária. E melhorou do ano passado para cá, com novos quartos e 3 conjuntos de banheiros construídos nos fundos. A Rose nos recebe com sua habitual simpatia e simplicidade. Gosto deste lugar. Me faz lembrar São José do centro e os tempos de infância.

De volta à Pousada, o jantar não tarda em ser servido. Lembro que na passagem anterior por aqui, o jantar foi marcado por intensa emoção, que uniu sobremaneira todo o grupo, quando lemos as mensagens escritas no início da caminhada (WARKEN, José Cláudio. Relato de viagem encaminhado ao autor em 12 jan. 2006).

A “pousada”, referida pelo peregrino em seu relato, na verdade se trata de uma residência pertencente a Maria Cecília Kotler, que se integrou ao Caminho das Missões. Mantido por sua “empregada”, Roselaine Santana, 34 anos, encarregada da recepção aos turistas, do preparo da alimentação e da acomodação dos peregrinos, o ponto de parada revela elementos da cultura gaúcha, apesar da proximidade do lugar com o sítio arqueológico de São Lourenço Mártir. A doméstica, com ensino fundamental incompleto, revela grande entusiasmo com o empreendimento que, a seu ver, representa um novo estágio em sua vida, pessoal e profissional. Aproximando sua própria trajetória à do Caminho das Missões, Roselaine lembra que:

Antes de eu trabalhar aqui eu morava em Santo Ângelo e trabalhava de doméstica. É a primeira vez que eu trabalho com atendimento ao público. Já trabalhei em lancheria, mas com público é a primeira vez (SANTANA, Roselaine. Entrevista concedida).

Ao avaliar o impacto do Caminho das Missões sobre sua experiência particular, Roselaine atribui ao roteiro grande importância, que a leva a desejar maior envolvimento com o empreendimento. Dizendo-se satisfeita com a atual frequência das caminhadas, no entanto, revela a expectativa de vinculação exclusiva ao produto turístico.

Pra mim mudou tudo. Primeiro, que eu sou sozinha, só eu e os meus filhos, aqui. É um trabalho que eu gosto de fazer. Gosto daqui porque tem o Caminho. Se tivesse duas, três, no mês, seria muito bom, mais pessoal. Mas eu estou feliz (SANTANA, Roselaine. Entrevista concedida).

A infra-estrutura de hospedagem na “Pousada das Missões” é responsável por manifestações calorosas dos caminhantes, já habituados a conviver com o imprevisto e com acomodações tratadas, por alguns, como “rudimentares”. Tais

elementos, referidos por Warken em seu relato de viagem, se somam ao bom nível de conservação do sítio arqueológico de São Miguel Arcanjo, único remanescente das Missões Jesuíticas a receber o título de “Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade”, concedido pela UNESCO.

Nos últimos anos, a sede do município transformou-se de um mero ponto de visitação diurna, carente de opções de alojamento, em uma cidade interiorana, com um precário verniz urbano. O peregrino relata o contato curioso com um nativo:

A Pousada Missões, em São Miguel, é um conforto para o caminhante esfalfado. Fiquei num apartamento sozinho, tomei um bom banho, lavei roupa na lavanderia e ainda sobrou tempo para procurar um barbeiro. Coisa inusitada, fazer a barba num barbeiro. Mas é preciso, pois a mesma está crescendo desde São Borja.

Ao meio dia, juntamente com a Lúcia, encontramos os companheiros na Churrascaria Guarani na entrada da cidade. Normal. [...]

Quando retorno   Pousada os demais já estão instalados numa pizzaria nas proximidades para o jantar. Está muito quente e ficamos numa longa mesa instalada na calçada. A pizza   sofrível, mas a fome   grande. Na mesa ao lado está sentado um cidadão, sozinho. Pensando agradar, tasca um som gaud rio a todo volume na sua caminhoneta cabinada. Perfeito! (WARKEN, José Cláudio. Relato de viagem encaminhado ao autor em 12 jan. 2006).

Segundo Eliane Antunes, 29 anos, recepcionista da “Pousada das Missões”, as condições de hospedagem oferecidas permitem que os peregrinos, até então dispostos a dividir ambientes em nome do espírito de aventura da caminhada, se distribuam em grupos heterog neos. Para ela, os caminhantes:

Chegam cansados. Alguns querem ficar separados, em quartos privativos. A maioria pede apartamentos com ar-condicionado. Metade fica no alojamento coletivo, principalmente os que caminham sozinhos (ANTUNES, Eliane. Entrevista concedida).

Questionada acerca das particularidades dos peregrinos, em relação à clientela habitual da “Pousada das Missões”, a entrevistada afirma que “o peregrino está caminhando, e não importa o que ele vai encontrar na frente. O turista quer tudo em ordem, arrumadinho. É mais exigente” (ANTUNES, Eliane. Entrevista concedida).

O sexto dia de caminhada, que mobiliza tr s hospedeiros para atender os peregrinos, marca a passagem pelo interior dos municípios São Miguel das Missões - cuja sede administrativa, bem explorada em termos de locais de visitação, fica para

trás - e Entre-Ijuís, local do pernoite. O almoço, servido na “Esquina Ezequiel”, é oferecido pelo casal Milton Silvio Martins de Vargas, 39 anos, e Sandra Maria Alves de Vargas que, como a maioria dos hospedeiros do Caminho das Missões, possui apenas o ensino fundamental incompleto. Apesar disso, ambos compreendem as questões envolvidas no produto turístico, posicionando-se claramente a favor das estratégias comerciais mantidas pelo grupo de empreendedores responsável pelo roteiro. Participantes do Caminho das Missões desde o período das caminhadas experimentais (2000-2002), os Vargas recordam o processo de inserção ao grupo de hospedeiros. Conforme Sandra:

Nem era pra ser nós. Era a minha cunhada, ali no colégio, e a Marta chegou ali, era ponto de referência. Daí tava um senhor, ali, que era o presidente, e disse: ‘Não, pode deixar, a gente serve o almoço’. Daí foi chegando, e não entraram em contato, e daí a Marta ligou pro cara, e eles desistiram. Minha cunhada entrou em contato com a gente, sugeriu pra gente, e não tinha idéia do que era. Daí entrei em contato com a Marta, de vereda, e eles vieram aqui com o Romaldo, daí conversamos (VARGAS, Sandra Maria Alves de. Entrevista concedida).

Sandra, a quem cabe a tarefa de preparar o almoço dos peregrinos, enfatiza a influência do “pessoal do ‘Caminho’” na elaboração de um cardápio com elementos da culinária regional, em sua opinião muito bem aceito pelos caminhantes. Apostando na flexibilidade, ela descreve os componentes do almoço:

Macarrão, molho de frango, pão, saladas... Era esse o cardápio. Só que daí a gente, às vezes, agrega um feijãozinho, um arroz... se tem uma abobrinha a gente refoga (VARGAS, Sandra Maria Alves de. Entrevista concedida).

Questionados sobre possíveis incidentes com os peregrinos, Sandra toma a palavra para ilustrar um único caso, o qual não lembra exatamente a data em que ocorreu. Conforme seu relato:

Teve um senhor meio impertinente, assim, que reclamou do lugar. Único incidente que aconteceu com nós. [...] Eu acho que a Marta já não tava agüentando ele, mas como é... [...] E ele não gostou muito, daí reclamou, do lugar, que não era bom. Acho que foi a única coisa, porque, no mais, a gente ganha elogio (VARGAS, Sandra Maria Alves de. Entrevista concedida).

O hospedeiro sonha em viver exclusivamente de sua nova atividade vinculada ao Caminho das Missões.

Sonho ser auto-suficiente, pra eu não precisar ter isso aqui (*aponta para o bar*). Sobreviver e ter uma vida... O meu sonho é que um dia eu consiga dizer assim: 'o Caminho das Missões me sustenta com os peregrinos'. Acredito que é uma coisa que vai ter futuro, com certeza, e nós juntos... é o que eu sempre comento: é uma corrente, nós somos um elo, temos que estar sempre sólidos para continuar. E eu, meu objetivo, se Deus quiser, não sei quando... (VARGAS, Mario. Entrevista concedida).

Expectativa semelhante é compartilhada por Neli Mattos, que com o esposo João Mattos, 55 anos, também está vinculada ao Caminho das Missões desde a etapa de definição do percurso. Citados pela empreendedora Marta Benatti como exemplo do potencial de desenvolvimento econômico associado àquele produto turístico, os Mattos – que mantêm, desde antes da oficialização do percurso, um armazém na localidade de Carajazinho, nos moldes do de Milton e Sandra – adotam um tom mais realista em relação ao retorno financeiro com o empreendimento. Para Neli, o “movimento” ainda é:

Pouco. Tá devagar, mas tá indo, né? A gente acredita que pode melhorar, pra frente, mas por enquanto tá muito devagar, pouco, né? Seria bom se tivesse ao menos uns três grupos por mês. Que não fosse um por semana, que fosse uns três grupos por mês, cada dez dias um, tava ótimo. Que às vezes fica dois meses e não dá nenhuma, né? (MATTOS, Neli. Entrevista concedida).

De acordo com a hospedeira, a remuneração por seu trabalho (hospedagem e alimentação, por peregrino) estava orçada em “trinta reais por peregrino. Eles reajustam todo ano, cada vez que o salário mínimo sofre alteração. Se, por exemplo, agora, nós, esse ano, o salário subiu em maio, daqui pra frente, mais um ano, nós vamos ficar com esses trinta reais, daí não é fácil, também, e a mercadoria tá sempre subindo” (MATTOS, Neli. Entrevista concedida).

Mesmo com os obstáculos relatados, as informações prestadas pelo peregrino João Cláudio Warcken referem-se a melhorias nas condições do ponto de hospedagem mantido pelos Mattos, o que reflete, mais do que seu interesse em se manter vinculados ao Caminho das Missões, um possível crescimento nos rendimentos, derivado do aumento do número de caminhantes.

Ao descrever o sexto dia de peregrinação, Warken cita os dois últimos hospedeiros do Caminho das Missões. Com enfoques distintos, o atendimento prestado pelo comerciante Adão e sua esposa Ereni Lima da Silva e a acomodação proporcionada pelo “Parque das Fontes”, empreendimento turístico dos sócios Mário Simon e dos irmãos Luiz de Lucca e Claudino de Lucca, recebem do peregrino avaliação semelhante, que pode ser associada à sua familiaridade com os hospedeiros, mas, também, reflete, em larga medida, um padrão de acolhimento definido, por muitos caminhantes, como característico do povo gaúcho.

Quanto à necessidade de investimentos e/ou adaptação do espaço do “Parque das Fontes” às exigências dos peregrinos, o hospedeiro afirma terem sido necessários ajustes na estrutura do empreendimento, visando criar um ambiente propício ao momento em que os caminhantes chegam no ponto de parada, véspera do final da jornada e etapa de grande sensibilização. Conforme Simon, estão previstos novos investimentos, destinados a qualificar, ainda mais, a relação com o Caminho das Missões, já que:

[...] nós chegamos a construir uma das cabanas coletivas especificamente pra eles, e já está programado pro ano que vem abrir espaço maior pra isso, e colocar banheiros em todas as cabanas – porque o banheiro hoje é fora – e colocar uma geladeira, porque eu acho que, como eles chegam aqui muito cansados, eles têm que ter um conforto melhor, o que inclusive para a empresa que vende poder também anunciar essas melhorias. Eu considero o caminhante um turista, mas um turista diferenciado evidentemente, tanto que nós diferenciamos, até na comida, e ano que vem nós vamos fazer uma construção coletiva maior, porque às vezes nós nos apertamos de espaço (SIMON, Mário. Entrevista concedida).

O responsável pelo Parque das Fontes revela dispensar uma dedicação especial no atendimento dos peregrinos. Isto, sobretudo, em serviços diferenciados e atrações capazes de prolongar, na memória dos caminhantes, o tempo em que permanecem em sua hospedaria. Contudo, a diversidade de indivíduos que integram os grupos de peregrinos do Caminho das Missões lhe permite, ao mesmo tempo, colecionar histórias variadas, que acabam por evidenciar as peculiaridades do percurso. Como relatado por Simon:

[...] eles são muito receptivos normalmente, e depois a gente recebe eles com algum licor, no inverno, e com cerveja, se quiserem, no verão. E a gente já coloca eles no lugar onde vão dormir, oferece todos os recursos para o banho, e eles voltam. E nós mandamos, lá pro lugar onde eles vão

dormir, bebidas – que são gratuitas – e os pratos, os quitutes, normalmente mandioca frita, e eles gostam muito. É um sinal de amizade. A comida sempre foi um tipo de recepção. À noite, eles vêm aqui pro restaurante, e sempre, desde o começo, durante a janta, eu me coloco à disposição para perguntas sobre as Missões, oferecemos os livrinhos nossos, também, e depois o Claudino de Lucca faz um show musical. Não é um show gauchesco, tem músicas missionárias, algumas próprias dele, e esse show às vezes se estende até a meia-noite, e vai embora. Noutras, eles estão muito cansados, e vão pra cama mais cedo. Às vezes até dançar, dançam. E há outros exemplos importantes: uma gaúcha, que mora em São Paulo, ela se impressionou tanto com o Caminho, estava tão imbuída dessas questões mais míticas, e místicas, também, com essa proximidade com a questão do Sepé Tiaraju, que ela vinha estudando, e ficou pra trás, ficou sozinha, lá na ponte. Anoteceu, e ela não apareceu aqui. Eu não a conhecia, até que foram procurá-la. Aí subimos até o portão e ela estava lá em cima, no portão, sentada. Aí eu perguntei: por que você não entrou? E ela disse: porque um cacique não entra numa tribo amiga, sem que seja autorizada a sua entrada. Eu não entendi, e disse: por que, você é um cacique? Sim, disse ela, da ponte até aqui eu acabei de receber o cacique: eu sou Sepé Tiaraju. É uma loucura, né? Mas, até a última hora, ela saiu daqui caminhando, no dia seguinte, certa de que era Sepé. Depois eu descobri que ela faz pinturas sacras, é uma artista plástica, na verdade, e deixou o endereço dela (SIMON, Mário. Entrevista concedida).

No sétimo – e último – dia de caminhada, entretanto, a ausência de hospedeiros no trajeto que vai de Entre-Ijuís à catedral de Santo Ângelo parece lembrar aos peregrinos que o Caminho das Missões, antes de tudo, se conforma a um roteiro em que a individualidade tem lugar de destaque. Sobre este trecho da caminhada, Warken elabora uma reflexão que soa quase desoladora, dadas as interações anteriormente vivenciadas:

Saímos do Parque às 8h, conforme previsto. [...]

Travessia da BR-285 e breve repouso num supermercado, nos arredores de Entre-Ijuís. Dali nos afastamos do perímetro urbano e tomamos a direção da Barca. Três subidas bastante íngremes fazem suar até alcançarmos o Rio Ijuí. Depois da travessia, mais uma subida e já estamos nas fímbrias da cidade de Santo Ângelo. Marcha dificultada pelo trânsito intenso deste sábado nos leva até a Rua do Cabildo. Ali temos que “dar um tempo”, porque o cenário da recepção ainda não está pronto. Nos largamos na sombra da calçada. Os moradores da casa fronteira se interessam pelo grupo, oferecem água e pedem informações sobre o Caminho (WARKEN, José Cláudio. Relato de viagem encaminhado ao autor em 12 jan. 2006).

Apesar de não haver hospedeiros e pontos de parada no trajeto final do Caminho das Missões, permanece ocorrendo contatos dos peregrinos com a população urbana de Santo Ângelo, como no caso relatado. A carência de informação de boa parte da população local sobre o roteiro pode ser observada pela ignorância e curiosidade dos cidadãos em relação ao produto turístico, o que indica

a pequena divulgação promovida pela empresa responsável pelo Caminho das Missões em seu território de origem.

A relação dos hospedeiros com os peregrinos, de outra parte, não se extingue com o término do percurso. Em todos os pontos de parada, os hospedeiros exibem, orgulhosos, cartas, livros e fotos enviados pelos caminhantes como prova de sua integração com a comunidade missioneira. Também são comuns as visitas de ex-peregrinos às localidades por onde passaram, muitas vezes, acompanhados de familiares e amigos. Nesta relação se configura a descoberta de algo que merece ser lembrado, como uma imagem viva na mente do peregrino e também dos hospedeiros.

Esta relação entre os hospedeiros e os peregrinos revela alguns aspectos dos peregrinos que procuram o produto turístico Caminho das Missões. Apresentado este produto, auscultaremos a identidade do ser peregrino do Caminho das Missões, na perspectiva de proposições de desenvolvimento, na conclusão, deste produto, não apenas a partir da estrutura que apresenta, mas de satisfação dos que procuram o Caminho. É o tema do próximo capítulo.

3 OS PEREGRINOS DO CAMINHO DAS MISSÕES

A possibilidade de compreender o turismo como um fenômeno social, cultural e econômico através do produto Caminho das Missões, está na compreensão de quem são os peregrinos, na condição de já terem realizado o caminho. A expressividade que esse modo de turismo pode alcançar como uma alternativa sócio-econômica regional depende de um conhecimento das condições e limites organizacionais do próprio povo da região das missões. A expansão desta atividade implica uma adequação para o atendimento a um maior número de peregrinos. Para isso, pretende-se fazer uma descrição geográfica, social e cultural dos peregrinos do Caminho das Missões, com suas motivações e experiências relatadas, fruto da sua presença dentro do contexto da região missioneira. As perspectivas e possibilidades de uma maior qualificação e quantificação deste tipo de turismo, será feita a partir do olhar do próprio peregrino.

Nesta perspectiva, impõe-se a análise das considerações dos peregrinos - participantes dos roteiros oferecidos pelo Caminho das Missões - acerca de sua vivência social e cultural em terras missioneiras, no recorte geográfico compreendido pelo produto turístico ora evidenciado e, de um modo geral, a vivência da experiência de ser peregrino no Caminho das Missões. O principal material será: relatos de viagem de peregrinos e suas percepções; visão crítica dos hospedeiros do Caminho das Missões sobre sua própria atividade e suas interações com os empreendedores e turistas, ocorridas ao longo de cinco anos de exploração comercial; o sentido de ser peregrino, atividades de cidadãos missioneiros e a inserção do Caminho das Missões no turismo regional.

Caracterizado como uma amostragem simples, o levantamento ora apresentado foi realizado por meio da *internet*, levando em consideração a base de dados fornecida pela empresa “Caminho das Missões Operadora de Turismo Ltda – ME”, a qual inclui o endereço eletrônico de todos os peregrinos participantes do roteiro.

Desta forma, procedeu-se ao envio de questionário específico (incluído nos Anexos) aos peregrinos. Composto por questões abertas e fechadas, o instrumento de pesquisa procurou abarcar diversas questões a respeito dos peregrinos e da

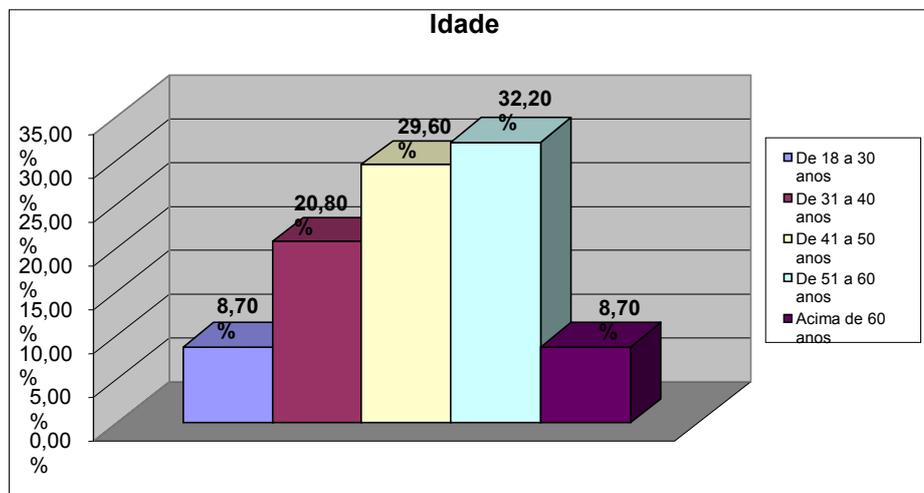
peregrinação no Caminho das Missões, incluindo relatos de experiências místicas pelos caminhantes. Ao todo foram coletados 115 questionários, o equivalente a 16% dos peregrinos cadastrados, sem quaisquer critérios de exclusão dos participantes. A amostra não é probabilística, de modo que não é representativa do universo de peregrinos do Caminho. Os dados foram tabulados visando analisar os seguintes itens: perfil social e características pessoais, atividades turísticas e de lazer, religião e crenças, motivação e avaliação sobre o Caminho das Missões, o “ser” peregrino.

3.1 PERFIL SOCIAL DOS PEREGRINOS

O perfil social dos peregrinos será efetuado com base nas variáveis sexo, escolaridade, estado civil, religião, origem geográfica, profissão e faixa etária. O procedimento é descritivo.

Do total de participantes da amostra, 51% são do sexo feminino e 49% do sexo masculino, o que indica não haver diferença na procura de ambos os sexos por este tipo de produto.

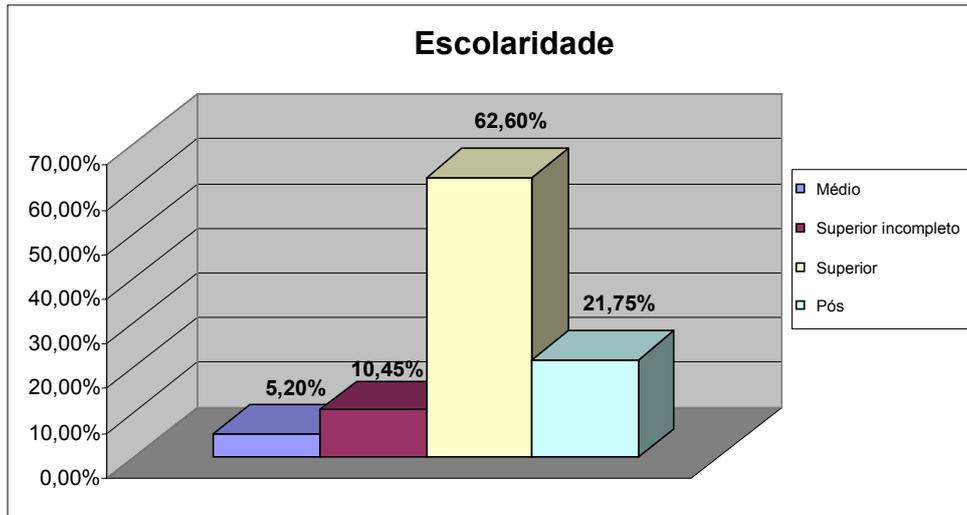
Gráfico 1 – Distribuição dos peregrinos por faixa etária



Fonte: Instrumentos de pesquisa

No quesito “faixa etária”, o maior grupo da amostra corresponde àquele compreendido entre 51 e 60 anos (com 32,20% do resultado total), seguido por indivíduos da faixa situada entre 41 e 50 anos (29,60%) e entre 31 e 40 anos (20,80% das respostas). Os menores percentuais (ambos de 8,70%) demonstram a baixa participação de pessoas com idade acima de 60 anos e entre 18 e 30 anos, conforme o Gráfico 1.

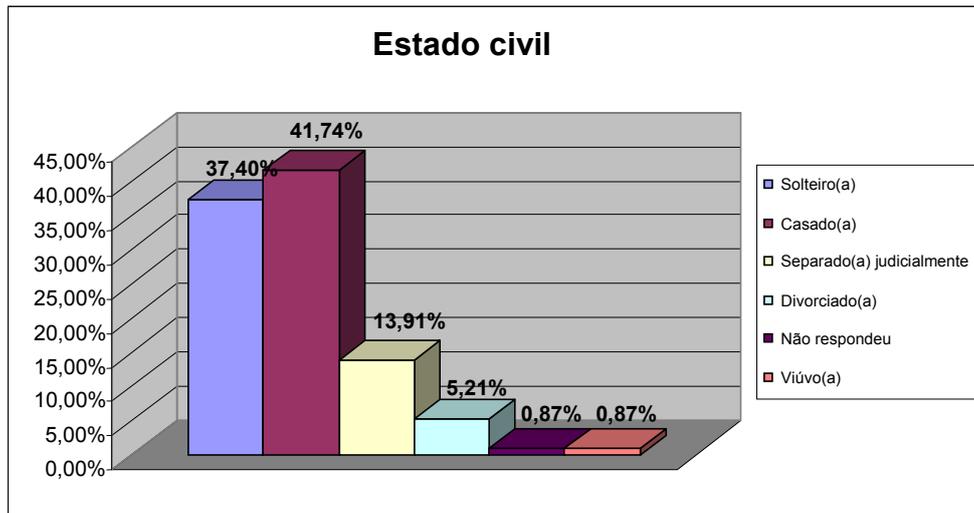
Gráfico 2 – Distribuição dos peregrinos por grau de instrução



Fonte: Instrumentos de pesquisa

O Gráfico 2, revela que 62,60% da amostra dos peregrinos do Caminho das Missões tem nível de instrução superior; indicador que, somado aos 21,75% dos pós-graduados, em seus diversos níveis (inclusive mestrado e doutorado), identifica o caminhante como detentor de elevado grau de escolaridade, o que, aliado ao gráfico anterior, revela um grupo experiente, formador de opinião, diferente do perfil usual dos que preferem o turismo de massa. O Caminho das Missões, portanto, está distante do padrão industrial do turismo, que oferece satisfação a qualquer turista, seja com formação média alta ou não. Os outros níveis de instrução formal detectados na amostra (ensino médio e ensino superior incompleto), respondem pelos menores índices computados, respectivamente 5,20% e 10,45% do total de participantes.

Gráfico 3 – Distribuição dos peregrinos por estado civil



Fonte: Instrumentos de pesquisa

O exame dos dados do estado civil dos peregrinos mostra que 41,74% são casados e 37,40% solteiros. Uma pequena parcela (13,91%) é composta de pessoas separadas judicialmente e 0,87% de divorciados e viúvos.

Uma das características dos caminhantes que afluem à região é o cumprimento do roteiro delineado pelo Caminho das Missões com seus pares, sendo comum a presença, nos diversos grupos de peregrinos, de pelo menos um casal.

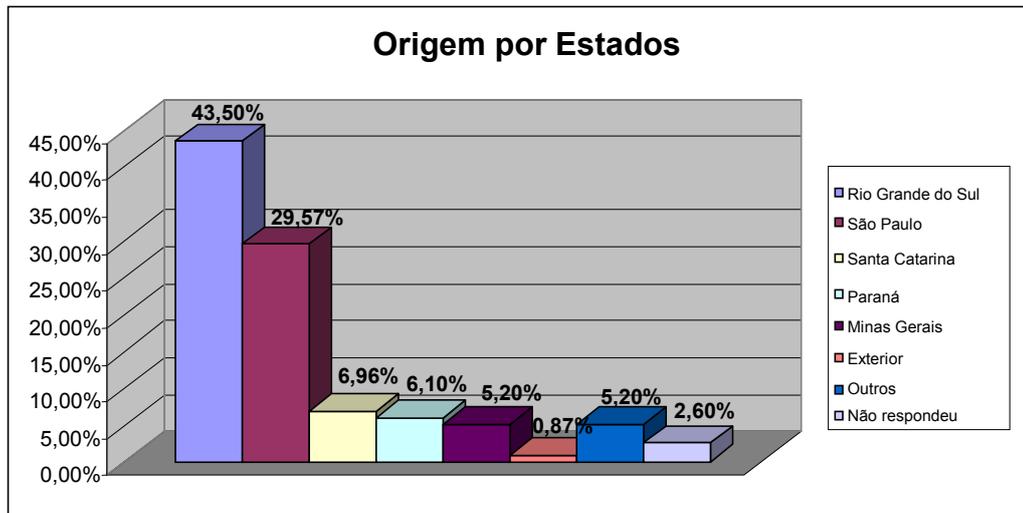
Tabela 1 – Distribuição dos peregrinos por Estado de origem

Local de origem	Número de respostas	Percentual
Rio Grande do Sul (interior)	29	25,22%
São Paulo (capital)	25	21,74%
Rio Grande do Sul (capital)	21	18,26%
São Paulo (interior)	09	7,83%
Paraná (capital)	05	4,35%
Santa Catarina (interior)	05	4,35%
Minas Gerais (capital)	04	3,48%
Santa Catarina (capital)	03	2,60%
Minas Gerais (interior)	02	1,74%
Paraná (interior)	02	1,74%
Rio de Janeiro (capital)	02	1,74%
Mato Grosso (capital)	02	1,74%
Brasília (DF)	01	0,87%
Bahia (interior)	01	0,87%
Exterior	01	0,87%
Não responderam	03	2,60%
Total	115	100%

Fonte: Instrumentos de pesquisa

Conforme a Tabela 1, 56,50% dos peregrinos vêm de fora do Estado do Rio Grande do Sul. O quadro identifica, por unidade da federação (capital e interior), o grau de representação geográfica dos peregrinos no Caminho das Missões:

Gráfico 4 – Distribuição dos peregrinos por Estados onde vivem



Fonte: Instrumentos de pesquisa

Conforme o Gráfico 4, o maior número de participantes da amostra vive no Rio Grande do Sul (43,50%), principal base de clientes da empresa “Caminho das Missões Operadora de Turismo Ltda – ME”. O Estado de São Paulo, grande mercado emissor de turistas, é responsável por 29,60% do total de participantes da amostra. Somando-se os Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná o total de peregrinos da Região Sul sobe para 56,56%.

Em termos gerais, percebe-se um fluxo maior de moradores de grandes cidades ao roteiro do Caminho das Missões (54,80% do total de participantes da amostra), ao passo que, excluindo-se o percentual de não-respondentes (2,60%), os demais são oriundos de cidades situadas no interior de seus Estados (41,73%). Um peregrino europeu é responsável pelo 0,87% da tabela.

No tocante à atividade profissional dos peregrinos, a Tabela 2 revela:

Tabela 2 – Distribuição dos peregrinos por atividade profissional

Profissão	Número de respostas	Percentual
Professor(a)	15	13,05%
Empresário(a)	09	7,83%
Aposentado(a)	08	6,96%
Funcionário(a) / servidor(a) público	08	6,96%
Engenheiro(a)	07	6,10%
Administrador(a)	07	6,10%
Advogado(a)	06	5,20%
Bancário(a)	05	4,35%
Jornalista	04	3,48%
Analista de processos (diversos)	04	3,48%
Médico(a)	03	2,60%
Vendedor(a)	03	2,60%
Auditores	03	2,60%
Economista / Contador(a)	03	2,60%
Profissional de nível médio (técnico)	02	1,74%
Escritor(a)	02	1,74%
Químico(a)	02	1,74%
Outras profissões	23	20,00%
Não respondeu	01	0,87%
Total	115	100%

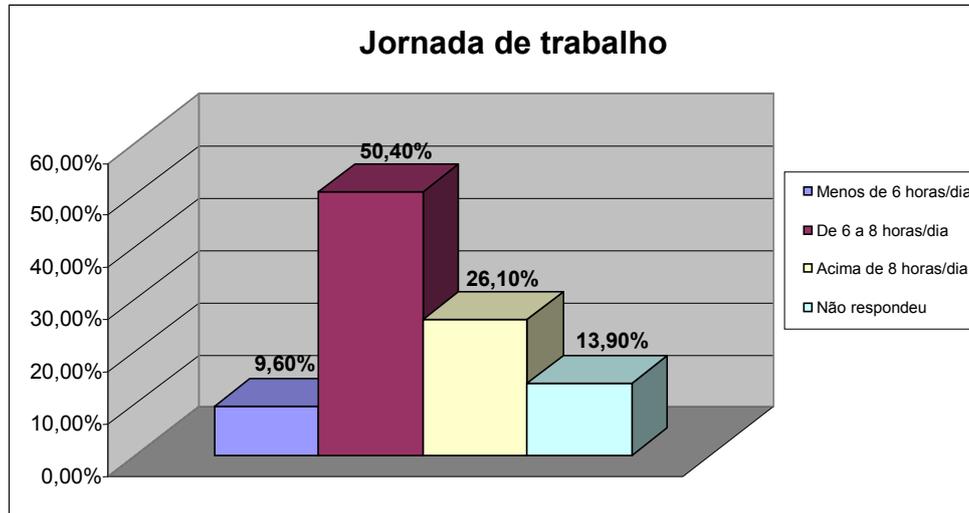
Fonte: Instrumentos de pesquisa

O agrupamento dos peregrinos participantes da amostra, em função de sua profissão, identificou, entre as mais variadas atividades, elevado grau de fragmentação. Sobressaem os professores (as) com 13,05%; empresários (as) com 7,83%; aposentados (as) e funcionários (as) ou servidores públicos (as) com 6,96% cada; engenheiros (as) e administradores (as) 6,10%; advogados (as) 5,20%; bancários (as) 4,35%; jornalistas e analistas de processos (diversos) somaram 3,48% cada; médicos, vendedores (as), auditores (as) e economistas ou contadores (as) somaram 2,60% cada; profissionais de nível técnico, escritores (as) e químicos 1,74%. Outras profissões corresponderam a 20% dos peregrinos.

Cumprе enfatizar que, computadas as atividades profissionais, incluindo as 23 citadas como “outras profissões”, não apareceu nenhuma atividade braçal, tais como pedreiros, eletricitas, encanadores, serralheiros, metalúrgicos, lavradores,

mecânicos, motoristas etc. Isso demonstra que até o momento prevalece o perfil elitizado da clientela dessa modalidade turística na região das Missões, o que contribui para o reduzido número de turistas.

Gráfico 5 – Distribuição dos peregrinos por tempo de dedicação ao trabalho



Fonte: Instrumentos de pesquisa

A maioria destes profissionais (50,40%) trabalha com carga horária entre 6 e 8 horas diárias, como disposto no Gráfico 5. Os que se incluem neste padrão afirmam que o roteiro lhes serve como alternativa de “fuga” à rotina do ambiente profissional. Um percentual de 26,10% revela desempenhar suas funções em um período superior às tradicionais 8 horas diárias previstas na legislação brasileira; 9,60% dos participantes afirmam dedicar menos de 6 horas diárias ao trabalho, enquanto 13,90% dos peregrinos consultados não responderam à questão, a maioria deles, provavelmente, composta por aposentados.

3.2 LAZER E ATIVIDADES TURÍSTICAS DOS PEREGRINOS

O turismo tem uma relação direta com o lazer e o tempo livre. Apesar de turista ser todo aquele que pratica o turismo, cada um o faz com motivações diversas. Em resposta à pergunta destinada a avaliar de que forma os peregrinos aproveitam seu tempo livre, os participantes manifestaram preferências diversas, optando, em geral, por mais de uma atividade. Tendo em vista a importância deste aspecto para a caracterização do comportamento dos caminhantes, a Tabela 3 traz o cômputo das respostas coletadas.

Tabela 3 – Distribuição dos peregrinos por atividades de lazer

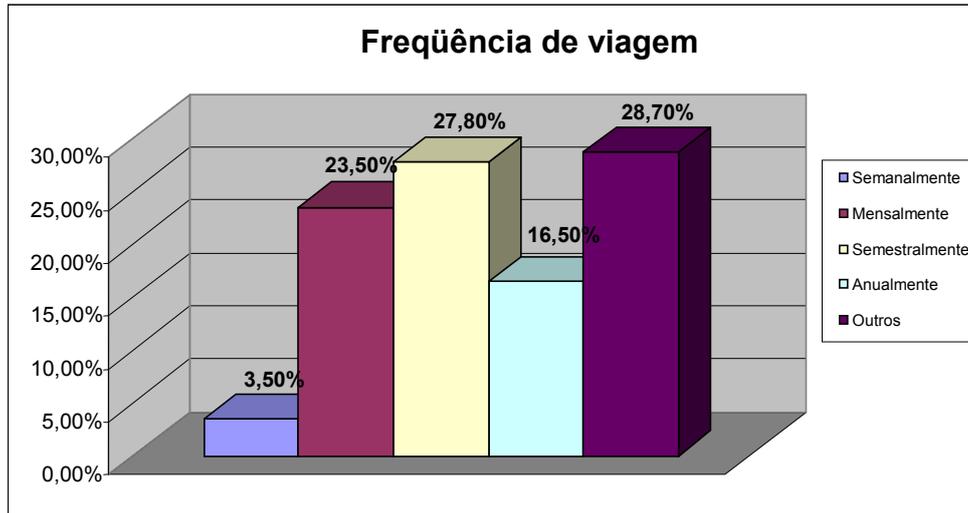
Atividade	Número de respostas	Percentual
Caminhada	67	58,26%
Leitura	62	53,91%
Viagem / passeios / turismo	56	48,69%
Atividades físicas / esporte	55	47,82%
Cinema	45	39,13%
Televisão	12	10,43%
Teatro	11	9,56%
Contato com familiares / amigos	10	8,69%
Outras	09	7,82%
Música (audição)	09	7,82%
Festas / boates / bares	07	6,08%
Trabalhos manuais / artes / artesanato	04	3,47%
Gastronomia	04	3,47%
Praia	04	3,47%
Dança	04	3,47%
Música (prática de instrumento)	03	2,60%
loga	02	1,74%
Estudos	02	1,74%
Total	366	-

Fonte: Instrumentos de pesquisa

Do total de respostas (múltiplas) computadas, percebe-se clara preferência dos peregrinos por atividades de caminhadas e leitura (com 58,26% e 53,91% das respostas respectivamente). A caminhada, nesta amostra, se sobressai por ser, além de uma atividade física, uma atividade de lazer. Muitos dos peregrinos do Caminho das Missões já realizaram outras caminhadas no Brasil e no exterior. Existem associações de pessoas no país que se reúnem para caminhadas em todos os finais de semana. Merecem destaque, também, atividades de viagem / passeio / turismo, com 48,69%; atividades físicas / esporte (com 47,82%) e cinema, que representa 39,13% das opções listadas pelos participantes da amostra. As demais atividades de lazer citadas, apesar de indicarem que os caminhantes procuram diversificar o uso de seu tempo livre, são pouco relevantes para este estudo.

Procurando conhecer melhor o peregrino do Caminho das Missões pesquisou-se sua vivência turística. Revela-se aí a regularidade com que a atividade turística faz parte da vida destas pessoas.

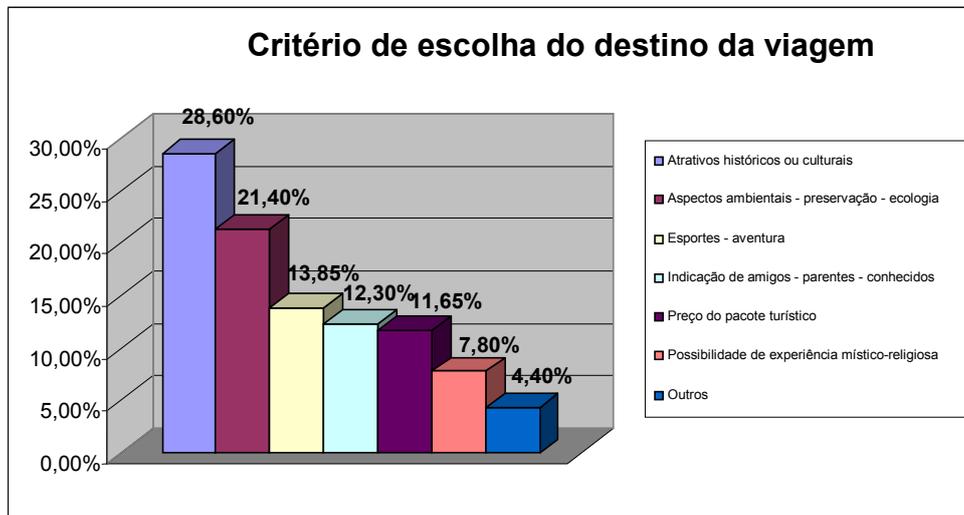
Gráfico 6 – Distribuição dos peregrinos por freqüência de viagem



Fonte: Instrumentos de pesquisa

De acordo com o Gráfico 6, quanto à freqüência de viagem, percebe-se que o turismo é uma atividade que, para 27,80% dos participantes da pesquisa, ocorre semestralmente, enquanto 23,50% afirmam viajar mensalmente. Para 16,50% dos peregrinos consultados, as viagens de turismo são anuais, enquanto 28,70% escolheram a opção “outros”, descrevendo razões diversas para o planejamento da atividade, desde a disponibilidade de tempo até o interesse profissional (relatado, especialmente, por aqueles que desenvolvem atividades como jornalismo e operação de pacotes de viagem). Um número reduzido (3,50%) de caminhantes informou se tratar de uma atividade semanal. Numa visão mais aprofundada percebe-se que o hábito de viagem dos peregrinos, em que 51,30% viajam mensalmente ou a cada seis meses, está bem acima da média do cidadão brasileiro, mesmo os de classe A ou B. Isto pode caracterizar, confrontando com o quadro 3 de opções de lazer e a preferência por caminhadas, a disposição de boa parte dos peregrinos em fazer viagens periódicas para efetuar novas caminhadas noutros destinos turísticos.

Gráfico 7 – Distribuição dos peregrinos por critérios de escolha do destino de viagem

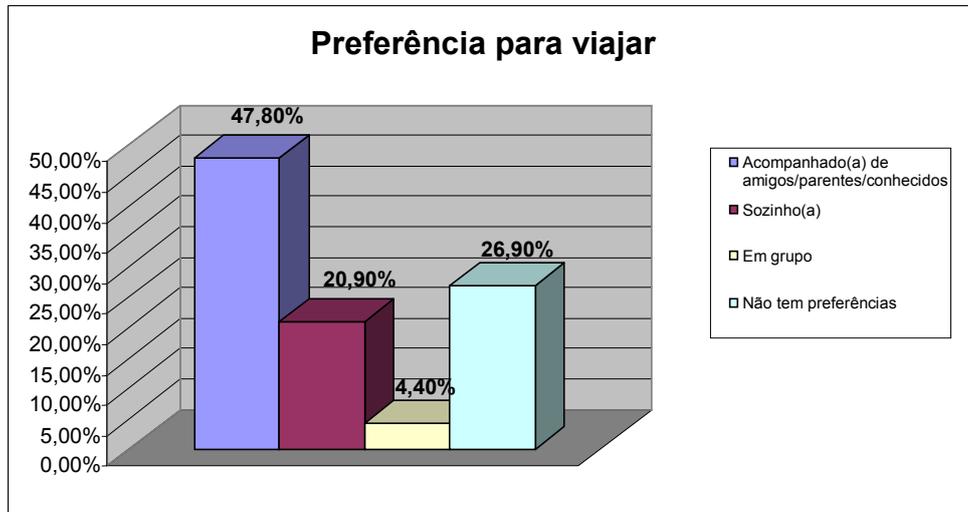


Fonte: Instrumentos de pesquisa

São vários fatores envolvidos na escolha do destino de suas viagens de turismo, mas dois critérios se destacam. Os participantes da amostra demonstraram preferência por “atrativos históricos ou culturais”, com 28,60% do total das respostas, ficando as questões de ecologia e preservação ambiental responsável por 21,40% dos resultados.

O critério “preço do atrativo turístico” (11,65% das respostas) não se apresenta como um fator tão determinante como se poderia esperar. Os “esportes, aventura” e “indicação de amigos, parentes, conhecidos” receberam 13,85% e 12,30% respectivamente. A “possibilidade de experiência místico-religiosa”, fator integrante no marketing da Empresa, respondeu a apenas 7,80% do total das respostas. Por fim, aparece ainda a opção “outros”, com 4,40% de respostas, justificadas pela possibilidade de trabalho (jornalístico) e a prospecção de mercados turísticos.

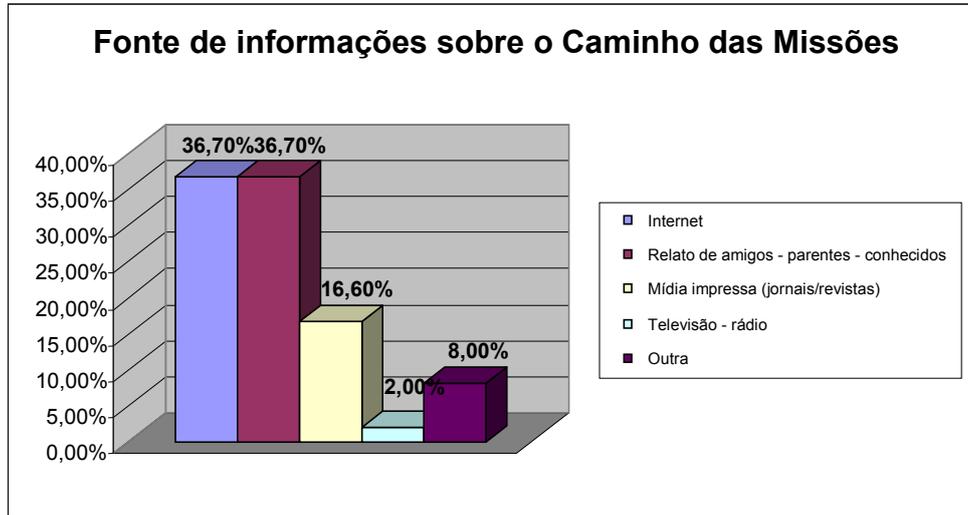
Gráfico 8 – Distribuição dos peregrinos por preferência em viajar



Fonte: Instrumentos de pesquisa

Os peregrinos indicaram, em sua maioria (47,80%), o gosto por viagens onde possam estar “acompanhados (as) de amigos, parentes, conhecidos”, indicador que se soma à pequena parcela de caminhantes que afirma preferir viajar “em grupo” (4,40%), modalidade-padrão do produto turístico ora analisado. A pesquisa revela, neste grupo, uma preferência pela continuidade das relações da vida cotidiana através do turismo. Dos demais peregrinos consultados, 26,90% dizem não ter preferência quanto à presença (ou não) de companheiros de viagem, enquanto 20,90% afirmam preferir viajar sozinhos.

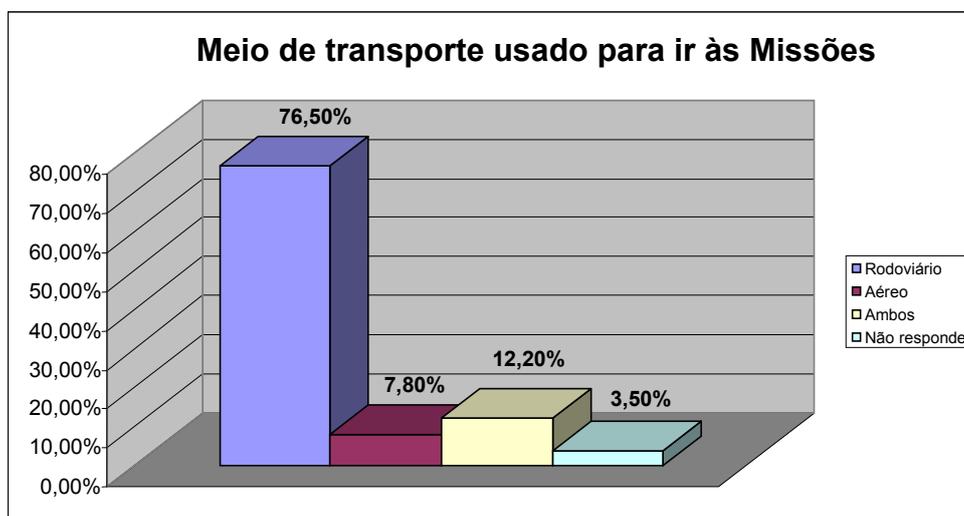
Gráfico 9 – Distribuição dos peregrinos por fonte de informações sobre o roteiro



Fonte: Instrumentos de pesquisa

Como fonte de informação sobre o Caminho das Missões, o relato de amigos, parentes e conhecidos que conhecem ou já realizaram a Caminhada contou com 36,70% das respostas, mesmo índice alcançado pela *Internet*, onde a agência “Caminho das Missões Operadora de Turismo Ltda – ME” mantém uma página para divulgação de seus produtos e serviços. Apesar de ter sido objeto de diversas matérias favoráveis nas principais revistas de turismo do país, em jornais especializados e em rádios e TVs, 16,60% dos entrevistados tomaram conhecimento sobre o Caminho das Missões pela mídia impressa e apenas 2% pela mídia eletrônica. 8% se referem à opção “outra”, fruto da participação dos empresários do “Caminho” em diversas Feiras de Turismo no Brasil e Exterior, trabalho direto com agências de viagens e a divulgação informal realizada por moradores da região das Missões entre parentes e amigos, o que estimula a visitação e a adoção do roteiro.

Gráfico 10 - Distribuição dos peregrinos por meio de transporte usado para chegar às Missões



Fonte: Instrumentos de pesquisa

A ausência de infra-estrutura aeroviária eficiente na região das Missões pode ser um dos fatores que influenciam a grande maioria na escolha do transporte rodoviário (76,5% das respostas computadas) como recurso de acesso àquela localidade. Isto é significativo quando se considera que um índice elevado de caminhantes procede do Sudeste do país.

Apenas 7,8% dos peregrinos indicaram ter empregado o transporte aéreo para chegar às Missões, ao lado de 12,2% que dizem ter se utilizado de ambas as modalidades (transporte aéreo e rodoviário) para tal. O transporte aéreo para a região apresenta uma série de problemas – preço elevado, aeronaves pequenas em razão do tamanho da pista de pouso, baixa frequência de vôos –, o que dificulta ao produto turístico Caminho das Missões tornar-se uma atração turística nacional ou até mesmo internacional, como pretende a empresa criadora deste pacote turístico.

3.3 RELIGIÃO E CRENÇAS DOS PEREGRINOS

Quanto à identidade religiosa dos participantes do Caminho das Missões, 60% se definiram católicos.

Tabela 4 – Distribuição dos peregrinos por religião

Religião	Número de Respostas	Percentual
Católica	69	60,00%
Espíritas	16	13,91%
Nenhuma – Ateu – Agnóstico	15	13,06%
Budismo	05	4,35%
Protestantes – Luteranos	03	2,60%
Cristão	03	2,60%
Outras	02	1,74%
Teosofia	01	0,87%
Todas	01	0,87%
Total	115	100%

Fonte: Instrumentos de pesquisa

Nesta tabela, das 15 pessoas que declaram não ter nenhuma religião, 10 afirmaram que antes eram católicas, três protestantes, uma espírita e uma da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Sobressai, nesta amostra, o grupo dos sem-religião (ateus, agnósticos, sem religião formal), com 13,06% das respostas e a presença de adeptos do espiritismo (com 13,91%), cujo perfil de classe média corresponde ao perfil social dos peregrinos. Em consonância com os propósitos do presente estudo, foi solicitado aos participantes que indicassem possíveis “câmbios de fé”, ou relatassem mudanças operadas em termos de sua filiação às inúmeras confissões religiosas que compõem o cenário religioso atual.

Em resposta à pergunta “você já participou de outras religiões”, 51 entrevistados responderam que “sim”, correspondendo a 44,35% dos peregrinos da amostra, 57 negaram a mudança religiosa, enquanto 7 não responderam. Dos que não participaram de outras religiões, ou seja 57 entrevistados, 47 são católicos, o que corresponde a 68% do total da amostra (47 entre 69 católicos). Os três luteranos da amostra declararam não haver participado de outra religião. No grupo dos católicos e nos demais – incluídos aí aqueles que afirmam não possuir religião formal – os câmbios são freqüentes, como demonstram os depoimentos reproduzidos.

Entre os 115 peregrinos da amostra, não aparece nenhum pentecostal e nenhum adepto das religiões afro-brasileiras como “religião atual”, religiões cujos adeptos têm renda e escolaridade baixos. Apenas três peregrinos (2,60%) declararam ter participado de um Centro de Umbanda, um deles enfatizando ser “umbanda branca”.

Anjee Cristina Pinheiro Machado, 52 anos, jornalista, gaúcha radicada em São Manuel (SP), afirma não participar de “nenhuma religião oficial ou dogma”. De sua trajetória religiosa consta o “catolicismo, quando criança. Tive iniciação e discipulado com o mestre Osho, embora não chame essa experiência de religião, mas sim de caminho espiritual”.

Juliana Serzedello Crespim Lopes, 25 anos, pesquisadora e professora, de São Caetano do Sul (SP), ao mesmo tempo em que afirma ser adepta de “todas” as religiões, ressalta: “participo de todas que tenho oportunidade, cristianismo católico e evangélico, hare krishna, budismo, santo daime, espiritismo, umbanda e outros”. Tal padrão de “experimentação religiosa” é compartilhado por Renato de Sousa Resende, 36 anos, juiz do trabalho, também de São Paulo (SP), que se considera “religioso, mas sem nenhuma religião definida”. E afirma: “Frequentei e conheci várias, desde Testemunhas de Jeová até budismo, kardecismo, etc”. Já Ivan Zolin, 45 anos, professor, de Santa Maria (RS), diz ser cristão “no sentido de ‘Cristós’, aquele que é um meio de religação”. Conforme o peregrino: “conheço algumas idéias e crenças religiosas, algumas que têm o Ser Humano como elemento ‘movente do seu destino’”. Erisvaldo Paulino, 49 anos, engenheiro, de São Paulo (SP), católico, confrontado com sua trajetória de fé, diz ter participado de várias religiões, tais como “espiritismo, umbanda, budismo”, justificando sua busca em “conhecer tudo que falar do amor de Deus em cada espaço”.

As informações sobre as crenças religiosas dos peregrinos do Caminho das Missões trazem à tona um conjunto de representações simbólicas que, na maioria dos casos, identificadas por expectativas em relação à determinada Entidade/Ser superior. Em outros, sugere um viés animista, no qual a natureza e os ciclos da vida ocupam espaço central. Das respostas selecionadas, destacam-se as que se seguem.

Faviana Brambatti, 22 anos, técnica de qualidade, de Caxias de Sul (RS), sem religião definida, se vincula ao primeiro caso de representação simbólica, ao afirmar: “Creio que existe um ser, uma energia que, quando a acionamos, nos dá força para superar obstáculos”.

A expectativa de “outra vida” é a convicção manifestada por Viviane Humphreys Stonoga, 32 anos, publicitária, de Curitiba (PR), de confissão religiosa católica, que ressalta: “Creio em Deus, na vida após a morte e nos princípios de relacionamentos trazidos por Jesus”. Embora católica, Tatiana Bretas Baisch, 25 anos, comerciante, de Giruá (RS), revela-se distante do monoteísmo cristão, ao afirmar crer “na vida e em tudo o que vem com ela... Creio em Deus e em todos os seres sobrenaturais”.

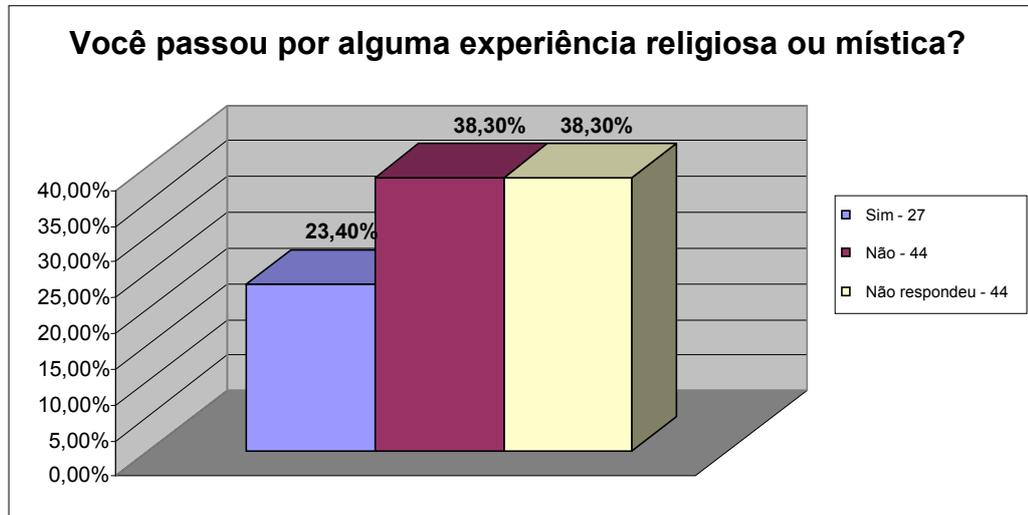
Entre vários depoimentos, destaca-se o de Paulo Kaneko, 57 anos, divorciado, espiritualista, bancário aposentado, da cidade de São Paulo/SP:

Não sou religioso, sou espiritualista ou, diria que sou espírita pelo lado científico da coisa. Acredito em vidas passadas, outras vidas, espíritos mestres e, principalmente em Deus. Eu me comunico com o meu protetor, Ele, em qualquer lugar, não há necessidade de um templo, nem intermediação de um pajé, padre, pastor ou médium etc. A linguagem é própria e não repetitiva, são pequenos sinais ou sensações agradáveis ou não, como arrepio por exemplo, presença inesperada de algum animal; a ação e reação da natureza etc. Muitos o chamam de intuição. Senti a presença Dele em todo o caminho, protegendo a mim e os companheiros e isso ficou caracterizado na expressão de felicidade e realização de todos os peregrinos ao concluirmos o trajeto. O César, o gaúcho de Caxias do Sul, o guia peregrino amigo, teve uma experiência fantástica, observando estrelas numa noite, ele sentiu uma sensação de tristeza e no dia seguinte recebeu uma ligação em seu celular, que anunciava a desencarnação de um tio.

O convívio entre pessoas de diferentes credos e crenças é destacado por Denise Marques, carioca do Rio de Janeiro, 56 anos, solteira, católica e professora.

Foi uma experiência diferente de tudo que eu já havia vivido até então. Como tinha participado de outras atividades ligadas à religião especialmente, não percebi uma ligação muito forte neste sentido; até porque no grupo do qual participei havia pessoas de outros credos. Acho que a religião fica ligada aos fatos históricos, perdendo toda sua aura especial. Não deixei de ter minhas experiências particulares, mas não as compartilhei por não saber se as pessoas que estavam comigo estariam dispostas a fazê-lo.

Gráfico 11 - Distribuição dos peregrinos por vivência de experiência religiosa ou mística no Caminho das Missões



Fonte: Instrumentos de pesquisa

Dos 115 peregrinos da amostra, 44 pessoas (38,30%) disseram que não tiveram nenhum tipo de experiência religiosa ou mística durante o percurso, 27 pessoas (23,40%) relataram-nas, ao passo em que outras 44 pessoas (38,30%) preferiram não responder à questão.

A respeito das experiências religiosas ou místicas vividas no âmbito do Caminho das Missões, selecionaram-se aquelas capazes de responder aos conceitos de turismo “religioso” e “místico”, como descrito na literatura referente a tipos de turismo. De antemão, é necessário reafirmar que a religiosidade e o misticismo correspondem aos aspectos mais estimulados pelo Caminho das Missões, como ocorre em outras rotas de peregrinação no Brasil e no mundo.

No discurso dos peregrinos do Caminho das Missões, estão presentes elementos relacionados à experiência anímico-religiosa protagonizada pelos índios guaranis e os padres europeus no século XVII, que permanecem como símbolos da religiosidade missioneira. Assim, são evocadas nos relatos figuras representativas do período das reduções jesuíticas, como o cacique Sepé Tiaraju, líder dos indígenas nos confrontos dos nativos “reduzidos” com os soldados de Portugal e Espanha, enviados para expulsar os jesuítas das Missões.

O personagem histórico a quem se atribui a expressão “esta terra tem dono!”, símbolo da capacidade de resistência missioneira, é citado por Mário Scherer, 66 anos, escritor e editor, de Porto Alegre (RS), adepto de “antigas religiões”, o qual afirma: “Encontrei Sepé, em uma curva do ‘Caminho’. Ele me disse: ‘liberta a ti mesmo!’”.

Para Jovita Cristina Garcia dos Santos, 42 anos, bibliotecária, de Viamão (RS), o Caminho das Missões suscitou experiências espíritas. Conforme seu relato: “não sei se é uma experiência, mas, como disse, sou espírita, e quando retornamos os trabalhos no Centro Espírita, em março daquele ano, uma médium comentou que o Centro estava cercado de índios muito felizes. Naquele dia fizemos um trabalho muito bonito, com muita luz e energia”.

Outros peregrinos indicaram como experiência mística a percepção de “energias” presentes na região das Missões e registradas durante o trajeto. Típica de movimentos de orientação esotérica e de Nova Era, a representação do universo através de “planos energéticos” ou “qualidades vibracionais”, transparece, por exemplo, no depoimento de Ivanildo Todeschini, 61 anos, economista, de Porto Alegre (RS), católico, segundo o qual a principal vivência mística experimentada no Caminho das Missões foi “a captação das mensagens etéreas que impregnam a atmosfera das reduções dos 7 Povos das Missões”.

Apesar de se referir apenas ao conjunto de reduções jesuíticas alcançadas pelo roteiro de 180 quilômetros (São Nicolau – Santo Ângelo), inserido no produto turístico – o qual exclui São Borja, o primeiro dos Sete Povos das Missões –, o relato ilustra experiência semelhante de muitos peregrinos que cumpriram o roteiro.

Para Maria Helena S. Moretto de Oliveira, 47 anos, analista de organização e métodos, de São Paulo (SP), espírita e católica, tais significados se resumem a um denominador comum. Uma “ligação muito forte com algumas pessoas, como se já as conhecesse antes”, o que, em parte, se enquadra no conjunto de representações associadas àquela tendência místico-esotérica.

Uma infinidade de emoções, a sensação de ter realizado algo marcante e significativo positivamente e a imaginação que nestes momentos realizava o

encontro com o sagrado, pode ser entendido no relato de Debora Perillo Samori, 28 anos, pedagoga, de São Paulo (SP), sem religião definida:

Fiquei muito emocionada em diversos momentos: quando o amigo peregrino declamou poesias, quando dormi numa varanda, olhando a lua cheia, quando me despedi de alguns hospitaleiros, quando chegamos a Santo Ângelo... Parei para me olhar, para olhar os outros que estavam à minha volta. Não sei se isto é místico ou religioso, mas me senti mais perto da natureza e daquilo que os próprios homens podem fazer de bom. Acho que fiquei mais próxima a Deus!

Em meio a tantas manifestações diferenciadas de religiosidade e misticismo, há espaço para o ceticismo, que exclui da realidade, *a priori*, qualquer expectativa de representação da realidade baseada no sobrenatural ou sem fundamento empírico. Este é o caso de Willians M. G. Barros, 49 anos, jornalista, paulista radicado em Porto Alegre, sem religião definida, o qual descreve a experiência mística, vivido no Caminho das Missões, nos seguintes termos: “nenhuma. Exceto, talvez (e forçando a barra), dentro das ruínas de São Miguel, quando fechei os olhos e imaginei a vida naquela redução há quase 300 anos. Ainda assim, Sepé não apareceu, nem mandou recado”.

3.4 A AVALIAÇÃO DOS PEREGRINOS SOBRE O CAMINHO DAS MISSÕES

Para além das motivações turísticas que regulam as opções individuais exercitadas ao longo do Caminho das Missões, quais são as expectativas dos peregrinos quanto àquele produto turístico? Efetivamente, o que os leva, em alguns casos, a empreender jornadas de mais de mil quilômetros para realizar um trajeto onde, conforme relato dos próprios, são apresentados locais de hospedagem muito simples e onde as intempéries conferem à jornada um caráter de imprecisão?

Para Antonio Batista Machado Filho, 43 anos, servidor do Ministério Público Estadual, de Santo Ângelo (RS), “nativo” no contexto do Caminho das Missões e conhecedor da trajetória dos jesuítas na região,

O meu objetivo era enfrentar a caminhada pelo próprio desafio físico que representava. Estava com 42 anos, praticamente sedentário. Resolvi, então, preparar-me e enfrentar o desafio, que consegui vencer. Nada místico, religioso ou filosófico. Além de conhecer com mais detalhes geográficos e históricos essa região. Sou filho, neto, bisneto e etc., de missionários.

A referência ao legado cultural missioneiro se destaca em alguns depoimentos reproduzidos e se amplia na afirmação de outro “nativo”, Eliseu Mânica, 56 anos, advogado e professor universitário, de Santo Ângelo (RS), para quem o Caminho das Missões, antes de tudo, significou

Um momento de contato direto com as origens missioneiras, através dos legados dos povos jesuítico-guaranis, como ruínas, esculturas, pedreira, etc., que refletem uma espécie de organização social e econômica solidária, socializante. Antes disso, fiz algumas releituras de livros sobre os Sete Povos das Missões, para, ao caminhar, ver a bela história que se constituiu nesta região do continente americano.

Erisvaldo Paulino, 49 anos, engenheiro, de São Paulo (SP), faz menção não somente às referências missioneiras evocadas pelo produto turístico, mas também à própria “tradição gaúcha”, aos costumes e hábitos próprios do Sul do país. Segundo o peregrino, sua busca particular envolveu o "contato com o povo gaúcho e suas tradições e algumas ruínas. Depois percebi histórias riquíssimas e fiquei muito emocionado e triste pelo ocorrido com as reduções e índios guaranis. Valeu muito!".

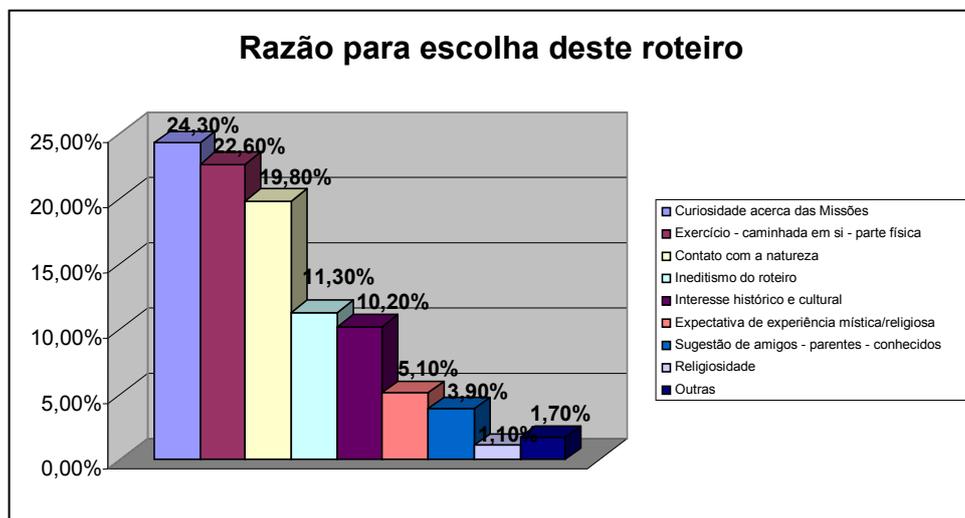
Se, para o caminhante citado, a “descoberta” do legado missioneiro provocou mudanças em sua expectativa inicial quanto ao roteiro, para Faviana Brambatti, 22 anos, técnica em qualidade, de Caxias do Sul (RS), o Caminho das Missões representou mais do que a manifestação de elementos típicos da região. Esse ‘a mais’ é a vivência de experiências não esperadas em relação ao roteiro. Segue o relato:

Fui sem expectativas, apenas com o objetivo de terminar a caminhada. Durante os dias fui passando por experiências chocantes, como discussões entre peregrinos e muita dor muscular. Foi um grupo muito estranho, pois todos eram pessoas que moravam sozinhas e dependiam apenas de si (também meu caso), o que fez muitas vezes eu tentar mediar a situação. Daí comecei a olhar mais para o próximo. Isso fez minha expectativa da caminhada ir mudando a cada dia, queria ver a união e o bem-estar de todos.

Destacamos, por fim, o depoimento da única estrangeira da amostra, a portuguesa Ana Raquel Sequeira Marques, 23 anos, solteira, católica, da cidade de Viseu, Portugal, intercambista no Rio Grande do Sul e que já havia feito viagens de peregrinação às cidades de Fátima (Portugal) e Taizé (França).

Caminho das missões é um excelente roteiro, com oportunidades únicas de conhecer a cultura, gastronomia e danças gaúchas. Quando fiz o caminho das missões estava a realizar um intercâmbio em Lajeado (RS) e aproveitava todas as oportunidades para viajar e conhecer a cultura brasileira. Dos 5 meses que aí estudei, fiz algumas viagens, e de todas que fiz o caminho das missões foi a que mais gostei. Viajei, por exemplo, para Florianópolis, Foz do Iguaçu, e apesar de serem lugares lindos, não me deram a experiência do caminho. O grupo era excelente, a guia uma querida, a comida deliciosa, as fazendas e pousadas por onde pernoitávamos eram simples, mas muito acolhedoras e as pessoas muito prestáveis. Diverti-me muito, conheci a história das missões, conheci todas as reduções e conheci a fundo a cultura gaúcha. No final, apesar de tantos Kms percorridos, o balanço foi muito positivo, a diversão foi muita, e trouxe para Portugal uma grande aventura e experiência para contar, e muitas saudades também. É um caminho que recomendo e acredito que se tornará um ponto que atrairá peregrinos de todo o mundo.

Gráfico 12 - Distribuição dos peregrinos por razão de escolha do roteiro



Fonte: Instrumentos de pesquisa

De acordo com o Gráfico 12, 24,3% dos peregrinos participantes do Caminho das Missões afirmaram ter sido determinante, como razão para escolha do roteiro, a “curiosidade acerca das Missões”; 22,6% referiram-se ao “exercício, caminhada em si, parte física”; 19% elegeram o “contato com a natureza”; 11,3% responderam o “ineditismo do roteiro”; 10,2% o “interesse histórico e cultural”; e, com 5,1% das respostas, a “expectativa de experiência místico-religiosa; 3,9% disseram ser sugestões de amigos, parentes e conhecidos e 1,7% mencionaram a possibilidade de visitar parentes que vivem nas Missões e a atividade profissional associada ao produto turístico.

Dos consultados, 59 peregrinos (51,3%) já haviam participado de outros caminhos, muitos deles de caráter religioso. Isto reforça a idéia de que o produto

turístico em foco integra um nicho de mercado especializado e em ascensão. As outras 56 pessoas (48,7%) creditam ao Caminho das Missões o título de primeira experiência em caminhadas. Estes vêem o trajeto missioneiro como um “teste de resistência” para a realização de percursos mais longos, como o Caminho de Santiago.

Dentre as rotas mais efetuadas pelos caminhantes estão as seguintes, listadas por ordem, em função do número de ocorrências registradas:

Tabela 5 – Roteiros já realizados pelos caminhantes

Santiago de Compostela	28
Caminho do Sol	18
Caminho da Fé	16
Caminho da Luz	12
Passos de Anchieta	11
Machu Pichu (Caminho Inka)	09
Caminho das Missões	05
Estrada Real	04
Quarta Colônia	03
Outros Caminhos	14

Fonte: Instrumentos de pesquisa

Afora a preferência dos peregrinos pelo Caminho de Santiago, há de se registrar que vários caminhantes já percorreram o Caminho das Missões mais de uma vez, acrescido dos que manifestaram o desejo de retorno e de percorrer novos trechos, de acordo com o desenvolvimento do produto turístico.

Dentre as demais caminhadas informais (não incluídas em roteiros pré-estabelecidos), estão: Parque de Itapoá (RS), Santo Antonio da Patrulha (RS), Morro Reuter, Dois Irmãos (RS), São Bonifácio (SC), Santa Maria do Herval (RS), Itaimbezinho em Cambará do Sul (RS), trechos na cidade de Curitiba (PR), trilhas na Chapada Diamantina (BA) e *trekking* na Índia.

No âmbito da rota missioneira, os peregrinos, confrontados com a pergunta: “quais foram as suas principais impressões sobre o Caminho das Missões”, permitiram que se visualizasse, em consonância com suas expectativas e

motivações em realizar o percurso, enfoques histórico, cultural, místico e de aventura.

Marcado por uma grande subjetividade, o relato de Anjee Cristina Pinheiro Machado, 52 anos, jornalista, de São Manuel (SP), indica que as principais impressões sobre o Caminho das Missões repousam sobre o foco místico, ultrapassando a curiosidade cultural: “para mim, foi basicamente um roteiro de iniciação espiritual, que abriu janelas para experiências profundamente transformadoras”.

Impacto semelhante é descrito por Marcia Elena Guahyba, 43 anos, relações públicas e empresária, de Canoas (RS), para quem o roteiro se configura como

[...] um caminho cultural, histórico e muito místico. Todas estas terras estão muito carregadas de energia. Tudo o que aconteceu ali não acabou, está ali, porque foi muito tempo não quer dizer que desapareceu. Boa organização. Ótima companhia do Romaldo. Albergues bons. Um ou outro precisando melhorar. Comida boa.

Para Roberto de C. Schreiner, 60 anos, aposentado, de São Paulo (SP) o objetivo principal da experiência – a caminhada – foi plenamente atendido pelo roteiro, mas há questões que necessitam ser revistas. Conforme o relato do peregrino:

Fomos em um grupo de amigos de São Paulo. Muita solidariedade e bem atendidos pelo amigão Romaldo. O fato de a natureza presente ser praticamente o plantio de uma monocultura, deixa a desejar em termos de fotografia.

Fator presente em diversos depoimentos, de outra parte – o papel da população local, em especial o dos hospedeiros do Caminho das Missões, no atendimento aos peregrinos – é lembrado como uma das impressões mais positivas suscitadas pelo produto turístico. O traço cultural associado à hospedagem calorosa é assim descrito por Walter Marquart, 74 anos, comerciante aposentado, de Águas de São Pedro (SP), para quem:

O comportamento hospitaleiro do povo é, integralmente, absorvido pelos caminhantes. Informações históricas são freqüentes, porém, incompletas. Há como que falta, para quem de São Paulo, de informações e vivências folclóricas: o folclórico poderia ser mais presente, sabido que o Rio Grande do Sul é o maior celeiro folclórico do Brasil, seja na dança, no canto, na música ou no floreio de como enfrentar o adversário.

Para compreender as razões que levaram a maioria dos peregrinos a ressaltar aspectos positivos vivenciados no Caminho das Missões, buscou-se identificar qual a ocorrência mais significativa que experimentaram no trajeto. Clivadas por crenças e referenciais culturais, mostram a abrangência da experiência, em termos simbólicos e objetivos.

Tal como relatado por Rafaela Knebel Crocco, 27 anos, digitadora, de Porto Alegre (RS), o desgaste físico representado pelos 180 quilômetros de caminhada permitiu uma tomada de consciência quanto aos próprios limites, ao passo que o Caminho das Missões contribuiu para seu discernimento acerca das experiências distintas das pessoas ao percorrerem o mesmo trajeto. Sua experiência mais significativa do trajeto ocorreu:

[...] no dia em que meus pés não agüentavam mais de bolhas e tive de ir de ônibus até a nossa próxima parada, chorei, e não consegui nem dizer que não iria com o grupo. No começo, me senti fracassada, mas depois percebi que todos temos fraquezas e cada um tem o seu ritmo, e quando abusamos o corpo reclama. Percebi também como as pessoas enxergam diferente as mesmas coisas, pois havia mais quatro pessoas caminhando comigo e com o guia. Duas vieram na frente, reclamando que no trajeto não havia sombra e nem água. Já os que chegaram mais tarde, disseram que foi o pedaço mais bonito e mais harmonioso.

Juliana Serdezello Crespim Lopes, 25 anos, pesquisadora e professora, de São Caetano do Sul (SP), também submetida a uma situação de desgaste físico durante a realização do percurso, identifica nas trocas interpessoais permitidas pelo Caminho das Missões o ponto alto do produto turístico. Conforme seu depoimento, “O fato de eu ter me machucado MUITO durante o Caminho e ter conseguido cumpri-lo com a ajuda dos companheiros” foi a experiência mais marcante que lhe ocorreu. Este relato é um elemento que, por mais que indique uma possível ausência de previsão dos organizadores quanto a este tipo de ocorrência, lhe serviu como experiência útil. A confirmar o exposto, a caminhante lista como “principais experiências” vivenciadas:

A experiência da dor física e do cansaço em primeiro lugar. A experiência da superação da dor física e do cansaço. A solidariedade de pessoas totalmente desconhecidas. A sensação de chegar ao limite, de conhecê-lo, de saber quando parar. A força com que se retorna aos desafios da vida cotidiana após o “Caminho”

Ao referir-se às principais experiências vivenciadas no roteiro, a peregrina é enfática: “não tive nenhuma revelação, mas, como disse acima, algumas constatações bastante significativas” (Idem), em contraponto ao descrito por Solange de Cássia Liberal Amador, 45 anos, analista judiciária, local de origem não-informado, para quem, sobretudo, o misticismo teve o significado mais relevante, conforme seu relato:

Éramos apenas 4 peregrinos. Pude ver a alternância das energias do átomo e sobretudo das forças yin e yang. Próton, nêutron e elétron se revezando. As forças do átomo se alternavam em várias partes do caminho. Ora o próton (caminhante) ia na frente, ora o elétron atrás, e assim por diante. Foi a última caminhada experimental, antes da inauguração oficial do “Caminho”. E eu sei que nós limpamos o caminho para que ele se tornasse um sucesso absoluto. Nosso grupo limpou as energias do “Caminho”. Eu sei e vi. Pena que os outros caminhantes não perceberam. Mas eu fiz o relato e um cidadão de Santo Ângelo percebeu e me agradeceu. Coisas que só Deus pode explicar. Quem quiser pode acreditar ou desacreditar. Eu não brinco com coisas sérias.

Apesar da rica descrição calcada no potencial místico do Caminho das Missões, Solange atribui como principal experiência a atitude de “aprender a tolerar gente chata” (Idem), numa clara alusão aos conflitos a que se predispõem os peregrinos, já que esta modalidade turística supõe a necessidade de formação de um grupo para a caminhada.

Um enfoque crítico em relação às instituições político-econômicas atuantes na região das Missões, se faz presente no depoimento de Odair Alexandre do Amaral, 44 anos, bancário, de Jundiá (SP), segundo o qual:

Além do prazer de caminhar, da sensação relaxante de deixar o cotidiano, esquecendo por uma semana do mundo estressante, fiquei bastante impressionado com a destruição que o homem vem realizando no meio ambiente, pois, apesar de ser uma região rural, observa-se que a região toda está sendo destruída com as excessivas plantações de soja, não havendo a mínima conservação de reservas naturais; observam-se plantações até nos menores entroncamentos de estradas.

Mariano Leal de Paula, 50 anos, economista, de Cuiabá (MT), descreve como elemento significativo de sua trajetória nas Missões as limitações da capacidade de preservação do patrimônio histórico e cultural pelos organismos responsáveis. Tal como relatado pelo peregrino, foi relevante “atestar a ausência ou descaso do

Estado quanto ao patrimônio/acervo da cultura missioneira. Exceto São Miguel das Missões, foi muito triste ver as ruínas em total estado de abandono”. Demonstrando uma visão apurada sobre os aspectos inerentes tanto à própria estrutura do Caminho das Missões quanto à realidade na qual ocorre, os peregrinos consultados contribuem para a identificação de fatores que, ao longo do tempo, podem vir a favorecer ou prejudicar o empreendimento.

Em termos gerais, a rota de peregrinação missioneira, enquanto produto turístico estruturado sobre o trinômio místico, histórico-cultural e de aventura, goza de boa aceitação pelos participantes da amostra.

São diversas as críticas ao roteiro que corta a região das Missões, mas os peregrinos, em sua maioria, apostam no seu sucesso. Verifica-se no depoimento de Eliseu Mânica, 56 anos, advogado e professor universitário, de Santo Ângelo (RS), para quem o Caminho das Missões merece valor “pela riqueza do passado; não pela realidade atual”, referindo-se ao componente histórico, presente na jornada pelo antigo território jesuítico-guarani.

Heloisa Santini, 42 anos, professora universitária, de Caxias do Sul (RS), imagina que se os idealizadores do caminho das missões tivessem anteriormente efetuado o Caminho de Santiago, poderiam “entender” melhor o produto que estavam lançando no mercado. De acordo com ela, “na época fiquei um pouco decepcionada pelo fato de que as pessoas que estavam organizando o roteiro não tivessem feito o Caminho de Santiago, para poderem aproveitar melhor os conhecimentos de um roteiro centenário em favor de uma melhor organização do roteiro das Missões”.

Tal “carência de conhecimento” sobre o roteiro europeu, como descrita pela peregrina, por outro lado, não parece reduzir o impacto do Caminho das Missões sobre as expectativas de Mariano Leal de Paula, 50 anos, economista, de Cuiabá (MT), segundo o qual o roteiro o impressionou “bastante, tanto é que sou um divulgador/disseminador incondicional do Caminho das Missões e pretendo muito em breve realizar novamente o Caminho”.

As críticas ao roteiro se referem, preferencialmente, à estrutura física do Caminho das Missões, como seu traçado e a monocultura praticada na região,

prejudicando a paisagem que permeia o percurso. Assim é que Adilson Rodrigues Coelho, 47 anos, professor de psicologia, de Governador Valadares (MG), afirma ter o percurso atendido às suas expectativas “em parte. Do ponto de vista do conhecimento das Missões fiquei muito satisfeito; do ponto de vista do caminho, em si, esperava que tivesse mais trilhas”.

A ação dos empreendedores responsáveis pelo percurso, em termos organizacionais, é elogiada por Maria Auxiliadora Marques de Carvalho Mitre, 62 anos, assistente social aposentada, de Belo Horizonte (MG). Para ela o melhor foi:

A própria história das Missões. Conhecer o idealismo do grupo que está tocando o projeto do “Caminho”. O orgulho, interesse e entusiasmo do pessoal que tivemos oportunidade de conhecer, sobre as raízes, tradições, cultura e história locais. Possibilidade de contar com o transporte da mochila por terceiros. Guias locais capacitados.

A boa impressão causada pelo contato com os hospedeiros, estrategicamente localizados ao longo do Caminho das Missões, é o foco do relato de Willians M. G. Barros, 49 anos, jornalista, paulista radicado em Porto Alegre (RS), que critica as condições de hospedagem do trajeto. Segundo o peregrino:

De minha parte, a convivência com meus colegas de caminhada foi a melhor parte da história. Igualmente gratificante foi o contato com as famílias que nos deram guarida ao longo do trajeto. São Miguel é um caso à parte. Além de abrigar o filé mignon do roteiro (as ruínas da Missão), tem o único pouso verdadeiramente confortável do percurso todo. Chegar à “Pousada das Missões” é como encontrar um oásis no Saara.

Em resposta à questão: “o que, a seu ver, precisa ser melhorado?”, os peregrinos procuraram discriminar sua insatisfação com as condições de infraestrutura oferecidas pelos hospedeiros associados à empresa responsável pela comercialização dos pacotes turísticos que habilitam ao percurso. Ao mesmo tempo, enfatizaram o interesse na oferta de roteiros para caminhada individual e a ampliação da rota até os remanescentes jesuíticos existentes na Argentina e no Paraguai, um dos focos do desenvolvimento turístico regional, conforme relatado pelo empresário Mário Ribas do Nascimento.

Desta forma, é sintomática a manifestação de Maria Lúcia Badejo, 40 anos, jornalista, de Porto Alegre (RS), segundo a qual há que se repensar, no âmbito do Caminho das Missões:

[...] a infra-estrutura dos lugares que recebem os peregrinos, especialmente na questão da higiene. Não vejo problema nenhum em ficar em lugares simples e com pouco conforto, mas a sujeira em quase todos os lugares é algo inacreditável. Dificilmente voltarei a fazer o “Caminho”, a menos que haja uma mudança radical neste aspecto.

Para Willians M. G. Barros, 49 anos, jornalista, paulista radicado em Porto Alegre (RS), no entanto, a simplicidade é o tom característico da rota missioneira, razão pela qual o peregrino se limita a analisar a relatada precariedade dos pontos de parada. Para ele:

Pequenas providências, como ventiladores nos quartos e banheiros um pouquinho mais claros e limpos, seriam desejáveis. Nos dias escaldantes de verão, um carro de apoio trazendo água gelada de vez em quando tornaria a caminhada menos sofrida. De qualquer modo, acredito que esse “despojamento” seja exatamente o que a maioria dos peregrinos procura. Por isso, pensando bem, arrisco dizer: se melhorar, estraga.

Para Lilian Cristina Silveira, 34 anos, professora de línguas, de São Paulo (SP), tal condição pode ser combatida a partir da disseminação do conhecimento acumulado, pelos empreendedores responsáveis pelo Caminho das Missões, acerca da própria região. Conforme o depoimento da caminhante, “seria interessante oferecer mais informação histórica sobre cada uma das Missões e mais ainda: integrar as Missões que se encontram hoje no Paraguai e na Argentina ao roteiro da caminhada”.

A ampliação do percurso dependeria, conforme Maria Auxiliadora Marques de Carvalho Mitre, 62 anos, assistente social aposentada, de Belo Horizonte (MG), da disponibilização, ao longo do trajeto (inclusive o atual), de

Telefones fixos – orelhões – em pelo menos duas paradas por dia. Mais e melhores banheiros nas paradas (cabides ou mesmo pregos para colocar os pertences). Possibilidade de adquirir, de véspera, complementos de alimentação (frutas, etc.), para enfrentar os trechos do caminho. Travesseiros e cobertores para situações de surpresas climáticas.

Este mesmo aspecto se soma à sugestão formulada por Anjee Cristina Pinheiro Machado, 52 anos, jornalista, de São Manuel (SP), a qual pressupõe, ainda, melhorias na organização da empresa que detém a exclusividade de exploração do trajeto. Para a peregrina, é fundamental que se estabeleça “um sistema alternativo para transportar bagagem. Em geral, as pessoas não estão

acostumadas a caminhar tanto tempo seguido carregando peso, e acabam forçando demais a estrutura do corpo”.

Vale ressaltar que várias sugestões de melhorias, acima listadas, se encontram em vias de implementação, motivadas, em grande parte, pela recomendação direta dos peregrinos aos empreendedores e pela percepção conjunta de sua necessidade, pelos hospedeiros.

São apresentados, a seguir, os índices de aprovação aos principais aspectos estruturais do Caminho das Missões, quais sejam: locais de hospedagem, recepção dos hospedeiros, alimentação, organização do “Caminho” e a atuação do “amigo peregrino” (título atribuído ao guia que acompanha os grupos durante o trajeto pelo território missioneiro).

Motivados a registrar - numa pontuação de 1 (péssimo), 2 (ruim), 3 (regular), 4 (bom) e 5 (ótimo ou excelente) - sua avaliação do produto turístico, as respostas dos caminhantes permitiram que se configurasse o seguinte quadro de valores, representativo da integralidade dos serviços dispostos pelo Caminho das Missões:

Tabela 6 – Avaliação, pelos peregrinos, de aspectos estruturais do Caminho das Missões:

Tabela representado pelo número de peregrinos:

Quesito	Avaliação					Total
	1 – Péssimo	2 – Ruim	3 - Regular	4 - Bom	5 - Ótimo	
Locais de hospedagem	1	13	31	43	27	115
Recepção dos hospedeiros	-	-	7	28	80	115
Alimentação	1	3	16	41	54	115
Organização do "Caminho"	1	2	12	42	58	115
Amigo Peregrino	1	1	6	18	89	115

Fonte: Instrumentos de pesquisa

Tabela representado pelos percentuais correspondentes:

Quesito	Avaliação					Total
	1 – Péssimo	2 – Ruim	3 - Regular	4 - Bom	5 - Ótimo	
Locais de hospedagem	0,87%	11,30%	26,95%	37,40%	23,48%	100,00%
Recepção dos hospedeiros	-	-	6,10%	24,40%	69,50%	100,00%
Alimentação	0,87%	2,60%	13,92%	35,65%	46,96%	100,00%
Organização do "Caminho"	0,87%	1,74%	10,43%	36,52%	50,44%	100,00%
Amigo Peregrino	0,87%	0,87%	5,20%	15,65%	77,41%	100,00%

Fonte: Instrumentos de pesquisa

Como se pode notar, pelos percentuais dispostos na Tabela 6, o item “locais de hospedagem” é o mais citado como deficiente no instrumento de pesquisa, com 39,12% de avaliações regular, ruim e péssimo. De todo modo, há também uma ênfase significativa na escolha das opções 4 (bom, com 37,40% do total computado) e 5 (ótimo ou excelente) com 23,48%. Mesmo assim, os 11,30% associados à opção 2 (ruim) é a mais alta nesta categoria, o que demonstra a necessidade de melhorias nos locais de hospedagem.

No quesito “recepção dos hospedeiros”, os indicadores demonstram o elevado grau de satisfação demonstrado pelos peregrinos nas respostas espontâneas, já que revelam alto nível (69,50%) de aceitação expressa pela opção 5 (excelente), seguida dos 24,40% atribuídos à opção 4 (bom). Quesito com o melhor desempenho no levantamento ora demonstrado, a “recepção dos hospedeiros” recebeu ainda 6,1% do total de respostas, dirigidas à opção 3 (regular), o que reforça a idéia de que um dos grandes trunfos do Caminho das Missões é, realmente, a dedicação daquele grupo ao estabelecimento de relações cordiais com os turistas, em todos os níveis (social, cultural e comercial).

Em relação à “alimentação”, o nível de satisfação é elevado. Tal circunstância se revela pela superioridade de respostas à opção 5 (excelente), com 46,96% do total computado, seguida pelas opções 4 (bom), com 35,65%, e 3 (regular), com 13,92%. São irrelevantes os 2,60% e 0,87% atribuídos, respectivamente, às opções 2 (ruim), e 1 (péssimo), mas que podem indicar a necessidade de atenção a particularidades de algumas pessoas participantes do roteiro, que carecem de alimentação balanceada, seja em razão de uma opção alimentar (vegetarianos) ou problemas de saúde (diabéticos e hipertensos). Neste quesito, que obteve apenas um registro de péssimo e três ruins em 115 respostas, transcrevemos o depoimento de Mara Vieira, 46 anos, solteira, católica, funcionária pública, de Belo Horizonte/BH.

Preenche-se um questionário, onde uma das perguntas é sobre hábitos alimentares. Desta forma, não deveria haver surpresas. Considerando-se que quem empreende uma caminhada longa precisa se alimentar bem e que, por estar hospedado em casas de família ou escolas, não há acesso à cozinha, isto é, o “peregrino” tem que se alimentar com o que lhe é apresentado, deveria haver atenção maior quanto ao cardápio. Na regra, havia excesso de sal na comida, o que, além de não ser recomendado para ninguém, é absolutamente desaconselhável para quem vai caminhar.

A avaliação da “organização do Caminho” revela o caráter de “comprometimento, amor ou apego”, referido por grande número de peregrinos à iniciativa dos empreendedores responsáveis pelo produto turístico, expressos por 50,44% de escolha da opção 5 (excelente), 36,52% à opção 4 (bom) e 10,43% à opção 3 (regular). Os 1,74% e 0,87% atribuídos pelos peregrinos às opções 2 (ruim) e 1 (péssimo), provavelmente se referem aos casos que envolvem, conforme a descrição relativa às sugestões de melhoria, desacertos organizacionais ou, ainda, dificuldades relacionadas à má sinalização do percurso, ou à carência de elementos capazes de caracterizar, de maneira mais eficiente, a logística do Caminho das Missões, como carro de apoio e oferta abundante de água.

O quesito “amigo peregrino” suscitou o mais alto índice de aprovação, recebendo 77,4% de avaliação 5 (excelente), traduzindo a importância, enfatizada por inúmeros peregrinos, da presença de um guia na realização do Caminho das Missões. Com 15,65% dos resultados associado à opção 4 (bom), e apenas 5,20% à opção 3 (regular), o grau de satisfação referente ao quesito se traduz a partir das descrições que relatam o “cuidado permanente” dos guias com as condições de saúde dos peregrinos, bem como de sua disponibilidade em atender às necessidades dos caminhantes, em termos de entretenimento ou do apoio ao cumprimento dos 180 quilômetros que separam São Nicolau de Santo Ângelo. O “amigo peregrino” é lembrado, na maioria dos relatos, sob um forte viés afetivo, o que revela sua eficiência nas relações de sociabilidade.

3.5 SER PEREGRINO NO CAMINHO DAS MISSÕES

O termo “peregrino” não tem uma definição unívoca. Sua compreensão está ligada ao lugar, à cultura em que ocorre, com a forma como é conduzida e o modo como é praticado pelos próprios peregrinos. Para Abumanssur (2003, p. 58):

A peregrinação não se torna ‘turismo religioso’ apenas pela ação ou tratamento dado a ela pelos agentes e gestores do turismo ou da administração pública. O próprio peregrino moderno comporta-se como um turista à medida que a religião mesma se torna objeto de consumo.

Floriani (2004) elabora o seguinte conceito sobre peregrino e turista:

O peregrino é aquele que associa a caminhada à busca de satisfação e conforto espiritual, acompanhada na maioria das vezes de sofrimento físico, que representa a limpeza do corpo recipiente para a ocupação de

uma força sobrenatural. É possível identificar o peregrino como um agente consumidor do sagrado enquanto o turista um cliente usuário da religião. (FLORIANI, Suelen. Artigo publicado Revista Turismo, fev/2004)

A peregrinação é uma forma de viagem. Sua especificidade está em ser uma viagem especial, peculiar. Uma viagem que integra a atividade física, como caminhada, o psíquico com motivações próprias e a religiosidade. O trajeto percorrido não é apenas a distância entre o fim e o começo dispostos geograficamente. Segundo Oliveira (2004, p.15), “peregrina-se em busca de algo mais significativo, em busca da vida que supera apenas a simples sobrevivência”.

Para o sociólogo argentino Aldo Rubem Ameigeiras, a peregrinação é uma viagem do coração e da vida como um todo e, por isso,

Não se trata, como se afirma, de uma viagem comum, mas de uma viagem específica, “uma viagem misteriosa” que não se confunde com nenhuma outra. Uma apreciação fortemente sustentada em múltiplas experiências e reflexões que ratificam a peculiaridade da peregrinação. Uma forma de viagem que requer, de modo imprescindível, um “espaço e um tempo” especial, diferenciados e dispostos que esteja circunscritos daquilo que é “sagrado”, “transcendente” ou “sobrenatural”, a partir do qual é gerado um compromisso pessoal, porém coletivo, espiritual, porém físico que incumbe um esforço e vontade para que se concretize (AMEIGEIRAS, Aldo. Artigo publicado no site do autor).

Steil (2003 p. 32) afirma que, embora o termo peregrinação nos remeta ao cristianismo e a outras religiões mundiais, está comprovada sua ocorrência em religiões locais, associadas especialmente a grupos tribais. Neste sentido, diz, “o clássico trabalho de Helène Clastres (1978) sobre a infundável e mítica peregrinação dos guarani em busca da terra sem males é revelador desta prática peregrina no principal grupo indígena do Brasil”.

Steil aponta uma nova conotação para o significado de peregrinação, ligada a pós-modernidade religiosa contemporânea e que “associa à experiência anterior de um caminho a ser percorrido por cada indivíduo na direção do seu verdadeiro ‘eu’”:

As religiões do self, representadas sobretudo pelo sistema Nova Era, mas presente de alguma forma nas religiões estabelecidas por meio de um processo capilar de contaminação mimética, estão hoje reinterpretando as peregrinações dentro de uma outra chave de leitura, a qual parece substituir os conteúdos das tradições específicas pela reflexividade. (...) Desvinculados das tradições religiosas em que se situam essas práticas, os novos peregrinos apontam para uma tendência que é a da crescente autonomia da ‘experiência do sagrado’ em relação à mediação das

instituições religiosas tradicionais. É justamente porque a religião se tornou uma experiência mística interior, que os seus mediadores já não necessitam de uma investidura sagrada institucional adquirida no âmbito de uma comunidade de crenças e valores partilhados. Mesmo porque aos mediadores é pedido apenas que criem as possibilidades e disponibilizem os recursos simbólicos para que cada um possa fazer o seu próprio caminho (STEIL, 2003, p. 32).

Como exemplo, o antropólogo cita o Caminho de Santiago de Compostela, tema de diversos livros escritos por personalidades da mídia, e a proliferação de caminhos de peregrinações.

Romaldo dos Santos, sócio e idealizador do Caminho das Missões, admite que o uso do nome peregrino foi copiado do Caminho de Santiago de Compostela, sua fonte inspiradora.

O nome peregrino pode ter sido uma cópia do Caminho de Santiago, na verdade todo o caminhante se intitula um peregrino. É uma expressão generalizada de quem gosta de caminhar, fazer um roteiro a pé etc. Ele se intitula um peregrino e não um caminhante. Mercadologicamente o termo “peregrino” é bem mais forte que o nome “caminhante”.

O imaginário popular interpreta peregrino como peregrinação. Peregrinação não é pagar promessa. Peregrino para nós é um termo genérico de quem gosta de fazer caminhadas. Embora possa parecer que tenha um sentido religioso, no fundo não o é...

Quando estou caminhando eu sou um “peregrino”, que representa fazer algum longo percurso a pé... Estou fazendo uma peregrinação (SANTOS, Romaldo. entrevista concedida).

Na região missioneira a peregrinação permite qualquer forma de prática religiosa, seja em forma de procissão, caminhada, etc. Com isso não se está desfazendo a particularidade da peregrinação que vários autores atribuem a este conceito. Esta flexibilização conceitual está ligada ao sentimento de quem faz esta experiência e da compreensão que tem desta mesma experiência.

Num questionário encaminhado aos peregrinos do Caminho das Missões fica clara esta vulnerabilidade conceitual. A questão a ser respondida: “O que você compreende por ser peregrino? Você se sentiu um peregrino no ‘Caminho das Missões?’”. As respostas são as mais variadas possíveis e estão próximas dos conceitos elaborados por autores como Steil e Oliveira. Elas dão um indicativo do que seja “ser” peregrino.

Para Gilberto Perez, a peregrinação é compreender a vida nos momentos em que se busca intensificar a interioridade própria. Peregrinar pode ser feito em conjunto, com outras pessoas, mas o seu sentido está na experiência de cada um, como uma forma de buscar seu próprio caminho. Luis Carlos Vieira interpreta a peregrinação no mesmo sentido, destacando a busca do auto-conhecimento, de voltar-se para a interioridade, descobrindo o *verdadeiro eu no interior de cada individuo* (Steil, 2007), mas que se concretiza, também, no relacionamento com os outros.

Peregrino é aquele que busca seu caminho, que faz seu caminho. Que se desprende de seus hábitos, costumes e outros aspectos materiais e se dedica plenamente ao caminho, procurando tirar da experiência as melhores lições de vida, em todos os seus aspectos. (*Gilberto Perez, 63 anos, casado, católico, empresário, São Paulo/SP*).

Me senti um peregrino, sim. E peregrinar é voltar-se para si, procurar conhecer e conhecer-se. É a busca do eu, relacionando-se com os outros. (*Luiz Carlos Vieira, 43 anos, casado, católico, bancário, Criciúma/SC*).

A compreensão da peregrinação de José Warken e Edgar Bessa tem um sentido antropológico, em que a vida como um todo é uma peregrinação. A condição humana na terra configura uma espécie de peregrinação, acentuando primordialmente o caráter finito do homem. A experiência também promove a revisão de valores: Um dos peregrinos valoriza, na condição de peregrino, a simplicidade, em oposição ao consumismo e ao materialismo.

No sentido amplo, somos peregrinos aqui na terra. Uma caminhada, como a das Missões, nos reforça os aspectos de despojamento e transitoriedade do tempo, dos lugares, dos amigos. Da vida, enfim. (*José Cláudio Warken, 54 anos, casado, católico, administrador de empresas, Novo Hamburgo/RS*).

Ser peregrino é aprender que o homem pode viver apenas com o que leva na mochila, é rever os seus valores a cada parte de trilha realizada e esta de bem com o mundo, seja lá como for que ele se apresente. (*Edgard Bessa, 51 anos, viúvo, budista, advogado e artista plástico, Joinville/SC*).

O elemento essencial da peregrinação, para Ryuko Kitta, é a criação de aberturas para o novo, para aquilo que não faz parte de nosso cotidiano, o que exige uma superação constante para estabelecer uma relação harmônica com a alteridade. Isso é necessário para evitar problemas de relacionamento durante a caminhada, tendo em vista que é a empresa quem define o grupo, que tem como

participantes não apenas amigos ou parentes, mas também pessoas solitárias, que não levam nenhum conhecido. O diálogo, o reconhecimento da alteridade, é a base de uma caminhada sem maiores incidentes ou conflitos.

Entendo que é uma superação pessoal em vários aspectos além da questão física em si. Por exemplo: sair do casulo para vivenciar um período da vida ao lado de pessoas que não conhecemos, mas que passaremos dias juntos, dormindo sob o mesmo teto, num clima de superação coletiva, onde todos podem estender e receber a mão. (*Ryuko Lydia Kitta, 44 anos, solteira, budista, administrador de empresas, São Paulo/SP*).

Para Mariano de Paula, a peregrinação significa, sobretudo, despojar-se da rotina do cotidiano, compreensão da qual comunga Eloina Ribeiro, apesar de acentuar a individualização da experiência de peregrinar, que aproxima o homem da dimensão do sagrado. Peregrinar é uma forma de contemplação da obra divina.

Peregrino é aquele que busca pelo novo, pelos outros, a sair de si, despojado de tudo, e independente de qualquer caminho está a contemplar e agradecer tudo aquilo que o Criador colocou a nossa disposição. (Mariano Leal de Paula, 52 anos, casado, católico, servidor público, Cuiabá/MT).

Ser peregrino é largar tudo o que é do dia a dia e por uma mochila nas costas e fazer um caminho só seu. (*Eloina Pereira Ribeiro, 54 anos, separada, espírita, São Bernardo do Campo/SP*).

Para Roberto Grandi, a peregrinação é a expressão de etapas da vida, em que dificuldades e superações fortalecem a interioridade. O cumprimento de uma etapa é o ponto de partida para uma nova etapa, construída a partir do modo como vivemos a precedente. Peregrinar é um estado de espírito que pode ser vivido em qualquer caminhada e não apenas em alguns lugares definidos como lugares de peregrinação.

Peregrino para mim é aquela pessoa que no momento que pensa em fazer um caminho coloca o caminho na alma e utiliza este caminho para conseguir superar dificuldades e deixar manifestar algo interior. Acho que qualquer caminhante pelo menos em algum momento se sente peregrino e eu me senti peregrino principalmente no trajeto final de chegada até a catedral e perceber que tinha cumprido mais uma etapa e que ali estava começando e não terminando nada. (*Roberto Mendes Grandi, 49 anos, casado, crê na teosofia, empresário/comércio, Porto Alegre/RS*).

Por fim, temos os depoimentos de dois peregrinos com opiniões opostas. Ana Raquel Silveira Marques, europeia, sentiu, desde o início do Caminho, a disposição do grupo em se sentir peregrino. Já Fernando Garcia opõe-se radicalmente ao emprego do termo peregrino para identificar os participantes do Caminho das Missões. A razão parece óbvia: Fernando é o presidente da Associação dos Amigos do Caminho de Santiago no Estado do Rio Grande do Sul.

O espírito peregrino me acompanhou nos 10 dias que lá permaneci. A vida em simplicidade, a ajuda comunitária, a vivência cultural era também muita. Mas só fiquei a perceber que em Taizé (onde estive anos atrás) fui também peregrina porque nas missões todo o pessoal se sentia peregrino, já que quase todos eles já tinham feito o Caminho de Santiago de Compostela, eles sentiam-se peregrinos, e isso também passou para mim. Ainda hoje digo que são os meus amigos peregrinos. *(Ana Raquel Siqueira Marques, 23 anos, solteira, estudante, Viseu, Portugal).*

Peregrinar é fazer o Caminho de Santiago. Fazer o caminho das missões nada tem de peregrinação. Não se trata de purismo, mas de não “inventar” motivações ou atribuir falsos sentidos, religiosos principalmente, ao caminho das missões. O fato de não ser uma peregrinação, na minha opinião, em nada esvazia o sentido deste caminho. Insisto que me parece que a principal motivação do caminho das missões deve ser cultural e histórica. O que é bárbaro. *(Fernando Garcia, 49 anos, divorciado, católico, engenheiro, Porto Alegre/RS).*

Da interpretação das características, vivências e sentimentos do peregrino do Caminho das Missões; do entendimento do produto turístico Caminho das Missões, realizado no segundo capítulo; do histórico das missões e da atividade turística na região, inseridas no primeiro capítulo; faz-se um diagnóstico e propõe-se, na conclusão a seguir, alternativas de expansão deste produto como uma opção de desenvolvimento regional, tendo como foco a construção e o entendimento de uma identidade missionária e o desenvolvimento sustentável do turismo.

CONCLUSÃO

Na análise do fenômeno pesquisado e na proposta do produto turístico Caminho das Missões alguns agentes se destacam. Em primeiro lugar, a empresa comercial que formatou um produto turístico envolvendo um pequeno número de prestadores de serviços e que, após cinco anos de atividades, continua lutando para ampliar sua demanda. Em segundo lugar, os agentes públicos e suas organizações representativas, que, com a falta de empreendedores na região e diante do baixo fluxo de turistas, quer participar nessa nova modalidade de turismo, não conseguindo, porém, definir a melhor forma de fazê-lo. A empresa, seus prestadores de serviços e os agentes públicos têm se esforçado, de diversas formas, para transformar o Caminho e a região das Missões num destino turístico de massa. Mas dependem dos turistas. Os peregrinos – assim denominados pelos empreendedores do Caminho – constituem um grupo de classe média com acentuadas motivações para lazer e turismo, notadamente o gosto por caminhadas. Mas o perfil elitizado de sua clientela revela os limites de atração do produto turístico para sua efetiva popularização.

O produto Caminho das Missões faz uso de símbolos regionais marcantes, resgata a parte histórica mais significativa da região (que é narrada aos peregrinos pelo “amigo peregrino” e pelos hospedeiros e durante as visitas guiadas aos sítios arqueológicos remanescentes do período jesuítico-guarani) e procura mostrar uma cultura missioneira que é hoje tema de discussão na universidade regional (URI) e nos meios de comunicação.

Na atual realidade turística missioneira, uma empresa mantém e comercializa o pacote turístico num espaço público, que é percorrido pelo Caminho das Missões. Ela organiza os pacotes em datas pré-programadas e, com isso, “limita” o número

de clientes, já que várias pessoas não têm disponibilidade de tempo livre nas datas programadas. Embora tente organizar saídas de grupos em datas sugeridas por alguns clientes, muitas vezes não consegue fechar o grupo.

Com essa forma de organização dos pacotes ou programas turísticos, percebe-se que o modelo de gestão do Caminho das Missões enfrenta sérios limites para crescer. Desde o primeiro grupo, em março de 2002, até março de 2007, a empresa registra em seu banco de dados 717 peregrinos em 79 grupos, o que equivale, em média, a pouco mais de nove peregrinos por grupo. O projeto original previa pelo menos 15 pessoas em cada grupo. Mas a empresa monta, eventualmente, grupos de 5 ou 6 pessoas para evitar perder a demanda e desestimular os hospedeiros. Embora tenha cadastrado candidatos a voluntários, a empresa tem dificuldades para contar com funcionários extras para exercer a função de “amigo peregrino”. Seus sócios possuem outros afazeres e não conseguem viver da renda do Caminho. Para exercer a função de amigo peregrino basta ter feito o Caminho uma ou duas vezes e passar pela avaliação do “amigo peregrino titular” quanto a habilidades de relacionamento com o grupo, com os hospedeiros, conhecimentos de pequenos socorros etc.

Compreende-se que a expansão do produto turístico Caminho das Missões depende da adoção de políticas públicas para fomentar a atividade, visando proporcionar alternativas econômicas, culturais e sociais para o povo missioneiro. Estas políticas públicas melhoram, sobretudo, a infra-estrutura local para o crescimento do setor de turismo e têm como função, regular o estabelecimento de um turismo sustentável na região.

A disputa do poder público e da FUNMISSÕES é na concretização de um caminho aberto, sem o domínio exclusivo da empresa e que gere um fluxo elevado de turistas, tendo igualmente como fonte inspiradora o Caminho de Santiago de Compostela. Lá, todos os caminhantes caminham quando podem e querem. Para receber o Certificado de Peregrino, o caminhante deve realizar todo o percurso de 800 km, comprovando através de carimbos em sua Identidade Peregrina. Estes carimbos são obtidos diariamente em órgãos oficiais de turismo ou albergues credenciados ao longo do percurso.

Segundo o jornal *El Correo Galego*, de Santiago de Compostela, em 2006 100.417 peregrinos chegaram em Santiago e receberam seus certificados, correspondendo a uma média de 275 peregrinos diários. Uma pesquisa, realizada diariamente com todos que recebem seus certificados apontou, sobre os peregrinos de 2006, que 41.793 tinham “motivação religiosa”, 49.716 tinham motivação “religiosa e espiritual”, 8.858 não tinham motivação religiosa e espiritual para trilhar o Caminho, completando o total com 50 fichas ou questionários sem resposta alguma. Segundo o jornal, o número de peregrinos é muito superior, dado o fato de que muitas pessoas não realizam todo o caminho ou não se preocupam com o certificado ou com o fato de fazer parte de uma estatística.

Nas Missões, a realização de mudanças no uso do espaço público, visando os “peregrinos independentes” é uma forma de ampliar o fluxo de turistas e consumidores na região, aumentando, conseqüentemente, a renda dos hospedeiros. A própria empresa está sinalizando esta possibilidade e estuda a venda de “kits” do peregrino, composto pelo “cartão do peregrino”, mapa do percurso, pontos de parada e de hospedagem, cajado e a cruz missioneira, que o identificariam como peregrino. Mas, para isso, depende da parceria com o poder público, principalmente na conservação das estradas e na sinalização do Caminho.

Com a elevação do fluxo turístico surge a necessidade de ampliação da estrutura de hospedagem dos atuais prestadores de serviços do Caminho. Outra conseqüência é o surgimento de concorrência, ou o aparecimento de novos pontos de hospedagem e conflitos para obter credenciamento para prestar serviços, já que só o carimbo em locais credenciados possibilitará o certificado de peregrino. A rigor, não se sabe se os hospedeiros atuais serão capazes de enfrentar a concorrência. Além disso, o aumento do fluxo de turistas irá afetar seu cotidiano, principalmente suas práticas culturais, como a missa aos domingos, os encontros familiares, o baile no fim de semana, o chimarrão à tarde, o que deverá colocar em xeque igualmente a simplicidade e a forma caseira, afetiva e amistosa de receber dos hospedeiros, justamente o que é mais bem avaliado pelos peregrinos.

Existe um projeto de desenvolvimento do Caminho das Missões que beneficia, de alguma forma, as pessoas da região. Este é um dos motivos primordiais da relação entre o setor privado e o setor público. O que está em

discussão é como vender este produto como forma efetiva de desenvolvimento regional na perspectiva de um turismo sustentável nos planos cultural, político, econômico, ambiental e social.

O turismo do Caminho das Missões não trabalha apenas com produtos e relações concretas, mas também com o imaginário cultural jesuítico-guarani e religioso. Converter em atração turística a cultura e a tradição missioneiras constitui, de certo modo, uma forma de renová-la e, também, de transformá-la e valorizá-la. Quanto maior o fluxo turístico em torno dessa identidade missioneira, de sua história, de sua cultura e de seu imaginário, maior sua valorização. A invenção da tradição missioneira e o revigoramento da cultura jesuítico-guarani constituem uma espécie de culto da formação cultural da região, que termina por resultar na valorização da própria população da região missioneira.

A riqueza de sentido da cultura jesuítico-guarani e toda a vivência religiosa têm no turismo um veículo de reinterpretação do sentido desta cultura para a comunidade missioneira atual. Com o ressurgimento de sentimentos, idéias, imagens, a forma de organização da própria materialidade da sociedade é transformada a partir do fomento da tradição cultural e religiosa. Em Santo Ângelo, uma marca desta transformação provocada pelo Caminho das Missões é percebida em vários locais, tendo na Igreja Catedral o exemplo principal, tendo em conta sua restauração e a construção de uma praça e um portal próprio para receber os peregrinos. O risco é que a cultura e os símbolos missioneiros se tornem completamente dominados pela lógica do mercado.

As políticas públicas no setor têm como meta o planejamento da organização e ampliação do turismo, visando não incorrer nos problemas sociais e ambientais derivados do turismo de massa. Mas, em geral, deixam à margem das decisões, do planejamento e da gestão de desenvolvimento regional a comunidade autóctone, os hospedeiros e outros agentes da sociedade civil. A sustentabilidade do turismo do Caminho das Missões não significa a negação da dimensão econômica, mas um equilíbrio de forças entre a identidade, a simbologia, as políticas públicas visando o bem público, a ecologia, o bem-estar dos turistas e o benefício dos autóctones.

A configuração do turismo a partir da cultura e da religiosidade missioneira continuará sendo compreendida dessa forma com a manutenção da identidade

turística. Como turismo é uma relação de trocas, isto ocorre enquanto se mantém uma diferença peculiar, o que só é possível quando se mantém a identidade dos lugares turísticos, cujo atrativo é justamente sua distinção, isto é, sua identidade.

A intervenção política é decisiva para garantir a utilização sustentável de recursos livres ou bens públicos, transformando recursos culturais em recursos turísticos, afetando meios e articulando uma relação equilibrada e pró-ativa com os restantes setores da administração e com o setor empresarial do turismo.

As definições de políticas públicas para o turismo na região das Missões são descritas pelos agentes de desenvolvimento como fundamentais para o crescimento econômico dos municípios que a integram. Constata-se, entretanto, que o nível de participação e compromisso dos representantes públicos na formulação de estratégias capazes de conferir à região um *status* de “destino turístico” é, ainda, insatisfatório.

A constituição do produto Caminho das Missões gerou conflitos e negociações entre as várias instâncias de desenvolvimento regional. Diante da dificuldade de diálogo produtivo entre os agentes de políticas públicas e os empreendedores da iniciativa privada, o atual vice-prefeito de São Miguel das Missões, José Roberto de Oliveira, destaca a “falta de cultura turística” verificada junto às lideranças missioneiras. Segundo ele,

A região não tem cultura turística, ela não trabalha isto. Outro elemento ausente é o extensionismo nos processos. Há elementos acontecendo (cursos, palestras), mas isso não dá suficientemente um caldo cultural para dar seqüência aos negócios. Um exemplo é o da agricultura: ela existe nas Missões há séculos, até antes da colonização. No entanto, está aí a Emater, as secretarias de agricultura, com agrônomos, com técnicos, e ainda assim nós temos problemas extraordinários. No turismo, em todas as secretarias, não há um profissional especializado atuando. (OLIVEIRA, José Roberto. Entrevista concedida).

A patente do produto turístico Caminho das Missões é detida por um grupo de quatro empreendedores, os quais operam a partir de uma empresa situada no município de Santo Ângelo. Sobressaem-se alguns elementos que, ao mesmo tempo que vêm garantindo a presença permanente da região das Missões na mídia local e nacional, contribuem para o surgimento de conflitos entre os diversos atores sociais envolvidos no empreendimento, direta ou indiretamente.

Sobre o envolvimento das estruturas oficiais de desenvolvimento no processo de formatação do Caminho das Missões, Mário Nascimento se revela otimista, ressaltando que a integração entre as diversas instâncias públicas e privadas ligadas ao turismo pode se tornar referência do desenvolvimento regional, servindo, inclusive, de base para o estreitamento das relações com os demais países que compartilham a matriz histórica jesuítico-guarani.

Para o diretor do departamento de Turismo da FUNMISSÕES, Giovani Ghisler, apesar de acreditar no potencial do Caminho das Missões, o estado atual de monopólio do produto pelos proprietários constitui um problema sério para a atuação de sua entidade. Segundo ele, de várias maneiras a Fundação procurou receber e ficar com a divulgação institucional do Caminho das Missões, mas isso não pôde ocorrer. Por isso, não é possível ter esse roteiro como o Caminho oficial da região. Esse problema é atribuído a um

erro estratégico da região, de ambos os lados, “Caminho” e FUNMISSÕES. Isso abre perspectiva para que, ao se desenvolver, a atividade abra espaço para a concorrência. Os proprietários do “Caminho das Missões” estão cientes disso, e querem fazer essa aposta. Isso inviabilizou as negociações entre a FUNMISSÕES e o “Caminho” (GHISLER, Giovani. Entrevista concedida).

Esse conflito entre a FUNMISSÕES, Fundação criada com a finalidade de promover e desenvolver o turismo na região, e a empresa gestora do Caminho das Missões é observado também no material de divulgação do “Rota Missões”, onde merecem o mesmo destaque o Caminho das Missões e o Caminho dos Santos Mártires das Missões, organizado primeiramente por uma única pessoa, que depois montou uma Associação e que realiza apenas uma caminhada por ano (saindo de São Nicolau – mesmo local de partida do Caminho das Missões – até o Santuário do Caaró, coincidindo a chegada com a data da Romaria do Caaró), sempre no terceiro domingo de novembro, em homenagem aos Santos Mártires das Missões: Roque Gonzalez, Afonso Rodriguez e Juan de Castillos.

O agente de desenvolvimento identifica, por outro lado, algumas mudanças promovidas em função do Caminho das Missões no perfil administrativo e empreendedor de alguns municípios integrantes da FUNMISSÕES, especialmente aqueles cortados pelo roteiro oferecido pela agência que detém os direitos de

exploração do percurso. Analisando a capacidade de mobilização das municipalidades missioneiras em torno do segmento de turismo, Ghisler traduz o impacto na economia local por conta da opção do Caminho das Missões em centrar seu atendimento aos turistas-peregrinos através da ênfase concedida aos investimentos realizados por sua gestão na secretaria de turismo de Santo Ângelo, os quais incluem melhorias na praça Pinheiro Machado, marco final do roteiro turístico.

Sem sombra de dúvida, o principal problema do “Caminho” está ligado ao modelo de gestão da empresa que promove o roteiro. Eu creio que a visão deles está desfocada: o produto é bom, o conceito é bom, mas a visão da empresa é completamente errônea. Não há foco nas parcerias, há desprezo por elas, não há entendimento das parcerias. O “Caminho” é hoje o principal produto da região das Missões, e o pior trabalhado. Veja bem: São Borja vai voltar para as Missões em função do “Caminho”. Com todas as conquistas já obtidas pela empresa e seus componentes, é uma pena que não se possa aproximar isso tudo do cenário regional, o que permitiria um *boom* muito grande para a região (GHISLER, Giovanni. Entrevista concedida).

Para Marta Benatti, sócia da empresa Caminho das Missões Operadora de Turismo Ltda – ME, mais do que as instituições fomentadoras do turismo em escala regional, os maiores apoiadores do Caminho das Missões são as prefeituras da região, interessadas em obter resultados concretos a partir de uma possível ampliação do número de turistas. Consciente das dificuldades envolvidas em uma tarefa complexa, como a que pressupõe a mobilização regional em torno de um novo referencial de exploração do produto turístico das Missões, e sem fazer referência a um possível conflito com as instituições locais de fomento ao turismo, a empreendedora considera que o poder público deveria contribuir para a adoção de novas estratégias de divulgação da região. Segundo Benatti:

O poder público poderia trabalhar mais com divulgação, e isso seria bom para os municípios, como também para nós. Isso definiria uma parceria, uma troca. Mas eu creio que as prefeituras têm feito tudo o que é possível, apoiando o Caminho, e isso demonstra que é possível haver uma interação entre o poder público e iniciativa privada. Contudo, há muito a fazer ainda. Da mesma forma que temos a consciência de que as prefeituras também passam por dificuldades, e da mesma forma em relação à impossibilidade de a iniciativa privada desenvolver determinados projetos (em função de aspectos legais). A divulgação, a participação em feiras, tão necessária (principalmente junto à grande imprensa do país), pode ser melhorada, e o poder público tem um papel fundamental quanto a isso (BENATTI, Marta. Entrevista concedida ao autor).

Há, no entanto, entre os agentes locais de desenvolvimento, aqueles que, embora entusiasmados com a nova modalidade de exploração turística nas Missões (centrada, efetivamente, sobre o modelo de recepção ao peregrino), preferem tratar com parcimônia o atual momento vivenciado pela região, caso do historiador e empresário Mário Simon, que integra o grupo de hospedeiros associado ao Caminho das Missões.

Rememorando sua participação nas mais variadas experiências de fomento ao turismo regional, Simon afirma que a principal questão a ser analisada, no que toca à vocação das Missões para o setor, é a capacidade de se criarem condições de atendimento ao turista que ultrapassem a mera visitação. Há a necessidade, conforme ele, de se pensar, por exemplo, em opções de lazer, atualmente incapazes de corresponder às expectativas de qualquer grupo, seja de peregrinos ou de turistas envolvidos no modelo “tradicional” de exploração daquele potencial regional.

Diante disso, o modelo de relacionamento da empresa detentora da marca e do produto turístico Caminho das Missões com os demais agentes de desenvolvimento pode ser descrito como “politicamente divergente”, já que se orienta por um princípio de “autonomia absoluta” frente às políticas públicas formatadas para o setor na região, representadas, em especial, pela FUNMISSÕES. O principal foco de conflito entre o produto turístico e os agentes de desenvolvimento regional é a resistência dos empreendedores em estabelecer parcerias com o setor público. O setor público acredita no fortalecimento da iniciativa, a partir de sua adesão às estratégias de exploração do assim chamado “produto turístico missioneiro”.

Para o setor público, a indústria do turismo tem se tornado uma bandeira de propaganda partidária, sobretudo, em campanhas eleitorais. Já, para a administração da máquina pública, o turismo pode apresentar resultados positivos para a arrecadação tributária e a geração de empregos. Ao incrementar a receita municipal o turismo pode contribuir para fortalecer a administração pública e seus dirigentes políticos. O que diretamente tem um sentido econômico se reflete no político:

Portanto, não se pode perder de vista, como identifica Lopez, que o turismo envolve gastos na organização e efetivação das viagens e requer um elenco de serviços... que exigem investimentos prévios, reduzidos em comparação ao fluxo de capital produzido e de rápido retorno, gerando

efeitos diretos -, sobre emprego e renda... O turismo acarreta também efeitos indiretos mediante a ampliação da receita das cidades em que essa atividade econômica distingue-se (MENEZES *apud* PAIVA, 2001, p. 29).

Exemplo da rejeição a um modelo de política pública regional de fomento ao turismo, a posição dos empreendedores do Caminho das Missões traduz, em certo sentido, a dificuldade de entendimento do que venha a ser, de fato, prioridade para o setor na região. Não se pode deixar de citar, ainda, o parecer emitido, em 2005 pelo CONSAD Missões, que sugere, entre outras opções para o desenvolvimento integrado, o fortalecimento das estruturas politicamente organizadas, responsáveis pela definição de ações de impacto coletivo, numa clara referência às dificuldades de relacionamento entre seus integrantes.

Definida, no documento produzido pelo CONSAD Missões, como “área economicamente deprimida”, a região homônima tem no setor agrícola sua principal matriz econômica. Em virtude de sucessivas perdas na agricultura, ocasionadas por fenômenos climáticos desfavoráveis ao plantio, o poder público visualiza no segmento de turismo uma oportunidade de gerar emprego e renda. Considerada, no entanto, “matriz econômica emergente”, a exploração do potencial turístico não se encontra caracterizada de acordo com as particularidades específicas do setor, recaindo muitas vezes sobre a atividade uma visão meramente utilitarista.

A expansão do turismo depende da estrutura, da novidade e dos produtos que se oferecem como uma forma de bem-estar para turistas potenciais. Para isto, propõe-se uma transformação do ambiente em que se pretende estabelecer como uma área turística, o que, por sua vez, exige investimento econômico. Dessa forma, há uma interligação entre o ambiente cultural, o econômico e as políticas públicas, concretizando um bom funcionamento, o que não ocorre na região das Missões.

Percebe-se de forma evidente, no discurso dos agentes de desenvolvimento regional, que o turismo na região das Missões se apresenta muito mais como alternativa e não como objeto central da pauta de discussões que servem à definição dos rumos da sua economia. Quando analisadas as mobilizações recentes, o “produto turístico missioneiro” fica à margem das discussões fundamentais sobre o desenvolvimento regional. E quanto ao impacto do Caminho das Missões sobre o modelo de exploração turística na região homônima, destaca-

se a presença na região de empreendedores oriundos de outras localidades. Estes têm ocupado espaço através da oferta de equipamentos de qualidade. Caso concreto é a rede hoteleira situada no município de São Miguel das Missões, cuja administração municipal se preocupou em atrair empresários a partir da definição de um pacote de benefícios fiscais, entre outras ações.

O projeto “Rota Missões”, por sua vez, é saudado por alguns agentes de desenvolvimento regional como referência para o estabelecimento de uma visão empreendedora. É atribuída grande importância ao Sebrae, entidade parceira nas ações de qualificação profissional, no incentivo ao turismo e na formatação de propostas de negócios, em função de sua experiência no resgate de potenciais econômicos regionais. Diante deste cenário, o Caminho das Missões, por um lado, surge aos olhos do atores sociais como uma aposta comercial e, por outro, como uma grande incógnita, em razão da pouca abertura ao estabelecimento de parcerias com o setor público.

O discurso dos empreendedores deixa claro que o Caminho das Missões, como negócio, ainda não atingiu o equilíbrio financeiro. Prova disso é a afirmação de uma das idealizadoras do produto turístico sobre suas esperanças de “um dia poder viver exclusivamente da renda derivada do roteiro”. Isso evidencia os riscos empresariais envolvidos na empreitada e a necessidade de manter outra atividade paralela como recurso para a manutenção do próprio empreendimento. O modelo de exploração turística associado ao Caminho das Missões, para além de suas limitações, mostra-se distinto das formas tradicionais de comercialização do produto turístico. O produto Caminho das Missões envolve vários pequenos empreendedores (os hospedeiros), que são tratados como parceiros.

O Caminho das Missões, primeiro produto turístico – desde que se discute turismo na região – tem como característica o uso de toda a cadeia produtiva do turismo, ou seja, tem uma empresa constituída que opera e comercializa o produto, com folheteria própria, participação em feiras e rodadas de negócios com um produto genuíno das Missões, utilizando-se dos meios de hospedagem e alimentação existentes na região. Isto possibilita também renda para outros segmentos diretos e indiretos, como, por exemplo, a venda de artesanato local. O Caminho das Missões auxilia a renda dos fornecedores locais, como nos pontos de

hospedagem e alimentação, e beneficia artistas amadores locais contratados para agradar os peregrinos com números do cancionero gaúcho.

A relação dos hospedeiros com os peregrinos transcende a mera relação comercial entre prestadores de serviço e clientes. É o que se observa no discurso dos hospedeiros: um princípio de abertura “as representações culturais dos visitantes”. A própria disponibilidade dos hospedeiros de, em nome da continuidade da atividade e do vínculo estabelecido com os empreendedores responsáveis pelo Caminho das Missões, operarem mudanças em seu cotidiano e na estrutura física de suas casas, adaptando-as às exigências da receptividade turística, também é um elemento que caracteriza sua relativa abertura ao outro, à alteridade.

Da parte dos peregrinos, é explícita a satisfação com o que qualificam como “qualidade dos gaúchos”, apesar das críticas à deficiência da infra-estrutura que concerne às acomodações e à falta de alimentação diferenciada para aqueles que dependem de dietas específicas. Nem mesmo isso, no entanto, desmerece como atrativo próprio do percurso a vivência junto aos hospedeiros. Na verdade, este é um dos pontos fortes de sua experiência na região. Ademais, se observado a partir da perspectiva dos hospedeiros do Caminho das Missões, o resgate da cultura local tem servido, entre outras coisas, para ampliar o valor que atribuem à região e à sua cultura. Este fator se traduz na iniciativa da busca por capacitação, manifesta por alguns entrevistados, como forma de reforçar a possibilidade de integrar a exploração do produto turístico local, no moldes propostos pelos empreendedores responsáveis pela administração do produto turístico.

A aproximação, pelos agentes de desenvolvimento regional, entre os turistas e os autóctones missionários demonstra ser um dos seus principais diferenciais. A instalação dos peregrinos em ambientes típicos, um pouco modificados pela atividade comercial, bem como o acesso a elementos de uma cultura rural ou pouco urbanizada, cria condições para que isso se transforme numa espécie de “atrativo turístico particular”, independentemente das opções oferecidas ao “turista convencional”. Dificilmente o Caminho das Missões conseguirá manter o caráter familiar das acomodações que oferece atualmente com o avanço do crescimento da procura por seus roteiros. O anseio generalizado pela expansão do número de

turistas indica uma adequação dos empresários, se for o caso, a um modelo de exploração do turismo de massa.

Por se tratar de um produto turístico desenvolvido a partir de referências não imediatamente identificáveis com a história pregressa da região, destinadas a conferir ao Caminho das Missões um enfoque religioso e místico, a emergência deste modelo de exploração turística, calcado na figura do peregrino, suscita as mais variadas reflexões, em especial entre os responsáveis pela definição de políticas públicas de desenvolvimento para o setor.

Pode-se perceber que, seja por sua reduzida vinculação às estruturas governamentais de desenvolvimento, seja pelo caráter interdisciplinar atribuído ao impulso empresarial que originou o produto turístico, a ação empreendedora suscitou, entre a comunidade local, uma série de questionamentos, a maioria dos quais, no entanto, só tomou forma após o lançamento do projeto. A partir daquele momento, o Caminho das Missões vem integrando a pauta das discussões sobre o desenvolvimento turístico regional, sendo responsável, inclusive, pela aposta de outros empreendedores no mesmo modelo de exploração comercial.

Para Mário Nascimento, responsável pela articulação de grande parte das ações que redundaram no estabelecimento do atual estágio do desenvolvimento turístico regional,

O Caminho das Missões é um empreendimento importantíssimo, mas [que] obtém relevância na medida em que se inclui entre as demais ações que estão sendo implementadas na região, ações complementares, fundamentais para o nosso desenvolvimento (NASCIMENTO, Mário Entrevista concedida).

Também o vice-prefeito de São Miguel das Missões, José Roberto de Oliveira, de sua parte, qualifica o produto turístico ora analisado a partir de uma perspectiva de evolução frente às opções oferecidas ao turista que busca as Missões como destino. De acordo com ele, o “Caminho das Missões”

[...] é, hoje, o que representa o melhor do produto missionário, que é essa questão relacionada ao patrimônio, mas nessa vertente mística, espiritual, religiosa. O “Caminho das Missões”, me parece que se bem trabalhado, poderá ser o grande produto da região das Missões. Isso, se nós quiséssemos, como região, a curtíssimo prazo. Exemplos das coisas que poderiam ter sido feitas em relação a este produto: houve devolução de

verba destinada à sinalização e infra-estrutura, após três anos sem direcionamento. Os empreendedores vêm trabalhando, com sua própria tentativa de mercado, mas como nos demais exemplos da iniciativa regional, com suas pequenas deficiências: são pequenos empreendedores, não tem uma capacidade de ir ao mercado com a celeridade necessária. Seria muito importante a aproximação efetiva da Fundação e a criação de fundos efetivos para a questão do mercado. Me parece que é um produto que está pré-estabelecido, bem colocado, precisa melhorar algumas coisas – a busca de empreendedores situados ao longo do trajeto – mas é o produto que vai ser, daqui a cinco ou dez anos, o grande produto da região das Missões (OLIVEIRA, José Roberto. Entrevista concedida).

É incontestável a ocorrência de mudanças na região das missões em função, em parte, da criação do produto turístico Caminho das Missões. Um trabalho de conclusão de curso (junho 2007, Construção de uma proposta de tematização para o município de Santo Ângelo - RS) de Simone Bruch dos Santos, do curso de Administração de Empresas com ênfase em Projetos e Empreendimentos Turísticos da URI – Universidade Regional Integrada – Campus de Santo Ângelo, realizado com turistas, empresários do setor e integrantes do conselho municipal de turismo, apontou que os peregrinos do Caminho das Missões aparecem com destaque na tabela “imagem ou símbolo que melhor representa o turismo em Santo Ângelo”.

A revitalização da Praça Pinheiro Machado, defronte a Catedral Angelopolitana, local de chegada dos peregrinos, foi projetada considerando, sobretudo, o Caminho das Missões, desde a rua de entrada à praça – antiga rua da redução –, a reforma dos jardins que receberam elementos paisagísticos e elementos cenográficos. O projeto foi financiado pelo Ministério do Turismo, cabendo uma contrapartida bancada por donativos da comunidade local.

Segundo o projeto - em fase de conclusão – os visitantes poderão observar, próximo à igreja, através de “janelas arqueológicas”, o resultado final das escavações: ladrilhos e outros vestígios, recolhidos no trabalho de escavações e mantidos exatamente onde foram encontrados. Já mais adiante, nos jardins ao sul da praça, pontuando os caminhos, estão sendo instalados 30 pórticos em arco (representando os 30 povos das Missões), fontes e passarela sobre o lago, além de iluminação especial e obras de arte por todo o espaço, como a cruz missioneira e esculturas dos personagens desta história: o índio guarani e o padre jesuíta (Site da Prefeitura Municipal de Santo Ângelo).

A cidade de Santo Ângelo comemorou os 300 anos de fundação em 2006, sendo que uma das programações foi a Caminhada de Aniversário da Cidade, realizada no dia 12 de agosto. Matérias nos três jornais da cidade mencionam que

300 “peregrinos” fizeram o caminho desde o Rio Ijuizinho, nos arredores da cidade, até o Centro Histórico, passando pela rua da Redenção. Variantes do Caminho das Missões, da mesma forma como ocorre no Caminho de Santiago, já estão sendo elaboradas e comercializadas, fora do controle comercial da empresa Caminho das Missões Ltda.

A “Trilha Convivência Guarani”, de 17 Km entre a Igreja São Miguel Arcanjo e o Santuário do Caaró, foi lançada no último mês de maio de 2007 e já mereceu matéria jornalística no caderno de turismo do *Jornal Zero Hora*, de 15 de maio. Os guias são índios guaranis que acompanham a caminhada. A cada parada para descanso, discorrem sobre as plantas nativas, os usos que fazem delas, cantam e tocam para os peregrinos. No início da trilha, os indígenas pintam a si e os rostos dos caminhantes. Os homens ganham um sol na face. Já as mulheres, o desenho de uma pata de saracura.

Segundo a consultora do Sebrae, Scheila Rigotti, responsável pela formatação do roteiro, “para os guarani, que moram em São Miguel e receberam treinamento para atuar com turistas, a trilha significa a valorização da cultura e uma fonte de renda” (*Zero Hora*, Caderno de Turismo, 15/05/2007, p. 07). A inscrição para a caminhada custa R\$ 60,00 por pessoa – incluídos transporte, trilha guiada, almoço no Caaró, pulseira guarani e pintura ritual – e pode ser feita na agência de turismo existente na cidade de São Miguel das Missões.

Das referências históricas e culturais da região das Missões, sobressai no discurso comum aos agentes de desenvolvimento o legado jesuítico-guarani, constituindo o principal elemento conceitual trabalhado como atrativo turístico. Nas representações formuladas estrategicamente para captação de turistas, gozam de especial atenção, sem que se verifique uma prévia “ordem de importância” entre elas, a valorização dos remanescentes dos Sete Povos das Missões (presentes em todas as peças publicitárias produzidas pelos agentes de desenvolvimento), referências explícitas à religiosidade jesuítico-guarani, aspectos da geografia missioneira (traduzidos pela onipresença de imagens que retratam os campos e a luminosidade natural que incide sobre a região) e elementos da cultura guarani.

Fatores ligados à constituição do Estado do Rio Grande do Sul, presentes na cultura local, encontram-se fortemente personificados, até mais do que os reflexos

do legado jesuítico-guarani. O culto ao homem do campo, o folclore gaúcho (mescla da experiência humana constituída nos períodos posteriores à etapa “missionária”), a importância da hospitalidade e a diversidade étnica resultante das últimas fases da colonização do Estado, operada por cidadãos europeus, sugerem que a região das Missões se fragmentou culturalmente em tantos nichos quanto a história tratou de modificá-la ao longo dos séculos.

A questão cultural expressa o modo de ser de uma determinada região dotada de características peculiares. Embora não represente uma parcela significativa para o turismo enquanto tal, a questão cultural é de grande relevância para a sociedade organizada sustentavelmente. A transformação que o turismo acarreta na questão econômica e política de uma região se reflete no campo cultural da população nativa. Grunewald afirma que:

A questão da mudança cultural é uma preocupação presente nos estudos de antropologia do turismo desde o surgimento desse campo de pesquisa, particularmente a mudança processada na sociedade hospedeira. Contudo, isso não deve necessariamente ser percebido apenas pelo ângulo do paradigma da aculturação, pois o seu inverso pode se sobressair com o surgimento de vários novos elementos culturais de caráter tradicional entre a população hospedeira. Não se trata de perceber a perda gradativa de uma cultura local, mas a etnicidade adicionada relacionalmente por entre fluxos translocais de cultura que pode promover uma reviravolta na aparência dos nativos que passam a se exhibir ocupando o lugar determinado no quando geral de uma sociedade e através da sua atuação prática numa arena turística, isto é, num espaço social polissêmico onde ocorrem interações geradas pela atividade turística (GRUNEWALD *apud* BANDUCCI JR. e BARRETO, 2001, p. 127).

Para Valter Nunes Portalete, diretor de cultura do município de Santo Ângelo, a cultura missioneira “está mais ligada ao território do que à cultura guarani, explorados e massacrados e que, atualmente, tem que ficar em suas reservas, visitadas por turistas como se estivessem visitando um zoológico”.

Ao falarmos de cultura missioneira, dizemos isso face à historicidade local, pois a cultura guarani foi mesclada com ideais da Companhia de Jesus. A cruz que simboliza a região das missões é a cruz que veio da Europa. Portanto, a cultura missioneira que aflorou aqui (Pedro Ortaça, Jayme Caetano Braum, Cenair Maicá, Noel Guarany e tantos outros) e, em parte, graças à influência latino-americana (poetas contestadores da Argentina) principalmente do sentimento de pertencimento; porém, muito pouco em razão da existência e preservação destes aspectos culturais. Citamos, como exemplo, o fato de não falarmos a língua/idioma guarani, não explorarmos a culinária nativa em nossos restaurantes, as rádios locais não possuem uma programação voltada para a musicalidade de artistas

regionais e latino-americanos que possuam esta identidade, de pertencimento. Cabe ressaltar que as políticas públicas na região das Missões quase inexistem quando se trata da questão cultural missioneira (PORTALETE, Valter. Entrevista concedida).

Aos idealizadores do Caminho das Missões, que, desde o início da caminhada, se apropriam e usam comercialmente os valores dos guarani, empregam elementos de seu misticismo e entregam aos peregrinos um cajado feito pelos índios, cabe explicar o resultado do confronto entre portugueses, espanhóis e a nação guarani.

Christensen (1999, p.99), num livro que buscou “ressignificar documentos históricos à luz da produção científica registrada nos anais das onze edições dos Simpósios Nacionais de Estudos Missionários, realizados entre os anos de 1975 à 1995”, descreve:

Nos fins de 1828, dom Fructuoso Rivera, caudilho uruguaio, tentou mais uma vez reconquistar as Missões Orientais. Ao retirar-se levou consigo mais de vinte mil índios guarani, sessenta mil reses dos fazendeiros locais, além de cavalhadas e carretas com bens pertencentes às igrejas. Muitos dos missionários que acompanhavam dom Fructuoso nessa aventura voltaram às suas primeiras habitações ou perderam-se pelos caminhos, ficando “arranchados” nas proximidades de algum rio. (...) Em 1830, os corregedores e caciques pediram a proteção para voltarem às suas terras nas antigas Missões Orientais, o que lhes foi negado. Em completo desespero, sublevaram-se em Bela União e a revolta foi aplacada violentamente por Barnabé Rivera, morto em ação contra grupos de guarani e charruas. Finalmente, os guarani se dispersaram pela campanha. Olhados com indiferença pelos governos, perdidos em sua terra natal, desfeitas suas famílias pelas guerras civis, os remanescentes da população guarani continuaram sua **peregrinação** silenciosamente. A última etapa desse povo missioneiro estava concluída para sempre.

Para Zarth, a “construção da atual sociedade da região missioneira do Rio Grande do Sul tem como marco inicial a conquista do território das Missões em 1801”, antes da passagem do caudilho Rivera.

A ocupação do território por parte dos milicianos riograndenses naquela data marca a construção de um novo tipo de sociedade, diferente daquela construída pelos indígenas sob o controle dos jesuítas. A nova sociedade regional, em sua primeira fase, teve como características mais salientes a propriedade pastoril, o extrativismo da erva-mate e a escravidão (ZARTH *apud* CHRISTENSEN, 1999, p. 101-102).

Segundo Christensen (1999 p 102), os pecuaristas, os extrativistas e os agricultores enfrentaram e submeteram a população guarani a uma luta desigual

“que lutou várias décadas e que de certa forma ainda não chegou ao fim, pois os **aldeamentos oficiais** continuam sofrendo todo tipo de pressão por parte dos agricultores da região”.

Avaliação semelhante reaparece no depoimento do peregrino Helio Sussuma Obra, 51 anos, casado, espírita, residente em Joinville e auditor fiscal da Receita Estadual de Santa Catarina:

O caminho explora comercialmente a temática indígena da região das Missões, porém ao constatar, ao longo do trajeto, o abandono e miséria dos índios, que continuam à margem da sociedade, dão-nos a impressão de que o massacre tão bem retratado nos painéis ainda persiste, com todo o requinte de crueldade. Estejam certos de que todo aquele com a mínima consciência social sente-se envergonhado ao constatar o abandono daqueles seres humanos (OBRA, Helio, depoimento ao autor).

Todos estes elementos se encontram dispostos frente à caracterização da região das Missões como destino turístico de forma desordenada, ou seja, não são tratados, pelos agentes de desenvolvimento, como uma unidade conceitual. O Caminho das Missões, neste sentido, para além de sua manipulação da identidade local com base, por exemplo, na criação de rituais que não podem ser identificados como pertencentes, de fato, à cultura guarani e nem mesmo à cultura jesuítico-guarani, confere à região uma identidade voltada fundamentalmente para a exploração turística. Por outro lado, como frisamos, isso pode vir a resultar, ainda que não intencionalmente, na valorização da própria região das Missões e de sua população nativa.

A principal recomendação deste trabalho é da necessidade de uma real parceria entre a empresa e os gestores públicos do turismo local, buscando melhorar a estrutura de apoio para o Caminho, tais como ações para ampliação do aeroporto local, melhorias nas vias de acesso, sinalização turística específica para o Caminho e material institucional privilegiando este produto; apoio político na obtenção de recursos federais; na união dos patrimônios históricos da Argentina e Paraguai e na solução de problemas de fronteira; a realização de um planejamento estratégico regional focado nos princípios do turismo sustentável definindo ações e responsabilidades, além de sugerirmos a “abertura” do Caminho para todos e possibilidade de ser feito individualmente.

O turismo na região das Missões comporta diferentes dimensões, entre elas, a histórica, a cultural, a mística e a religiosa. O Caminho das Missões, por sua vez, resgata e ressignifica elementos dispersos ao longo da história e da experiência da população missioneira e atribui novo sentido às vivências turísticas operadas no âmbito daquele roteiro. Este trabalho espera ter contribuído para compreender o fenômeno turístico na região e, com isso, poder servir de instrumento para ampliar a participação de todos os agentes públicos e privados interessados na exploração justa e sustentável do turismo nos Sete Povos das Missões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABUMANSSUR, Edin Sued (Org.) **Turismo Religioso**: ensaios antropológicos sobre religião e turismo. São Paulo: Papirus, 2003

AMEIGEIRAS, Aldo Rubén. **Pluralismo y diversidad religiosa: El desafío de la interculturalidad**. Disponível em <http://www.naya.org.ar/religion/XJornadas/pdf/7/7-Ameigeiras>. PDF. Acesso em março de 2007.

ANSARAH, Marília Gomes dos Reis (Org.). **Turismo. Como aprender, como ensinar**. São Paulo: Editora SENAC, 2001.

ARAÚJO, Silvana Miceli de. Artifício e autenticidade: o turismo como experiência antropológica. In: BANDUCCI Jr. e BACK, Sílvio. **República Guarani**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

BACZKO, Bronislaw. **Imaginação social**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda: 1985.

BANDUCCI JR, Álvaro e BARRETO, Margarita (Orgs.). **Turismo e identidade local**. uma visão antropológica. São Paulo: Papirus, 2001.

BARRETTO, Margarita. As ciências sociais aplicadas ao turismo. In: SERRANO, BRUHNS e LUCHIARI (Orgs.) **Olhares contemporâneos sobre o turismo**. Campinas: Papirus, 2000.

_____. **Turismo e identidade local**: uma visão antropológica. Campinas, SP: Papirus, 2001.

_____. O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, a. 9, n. 20, p. 15-29, outubro de 2003.

BAUMANN, Zygmunt. Turistas e Vagabundos: os heróis e as vítimas da pós-modernidade. Religião pós-moderna? In. **O Mal Estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Jorege Zahar, 1998.

_____. Ascensão e queda do trabalho. In. **O Mal Estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro. Jorege Zahar, 1998.

BENI, Mário Carlos. **Como Certificar o Turismo Sustentável?** Revista Espaço Acadêmico no 37 de Junho de 2004. Universidade Estadual de Maringá. Disponível em [http://www. espacoacademico.com.br/037/37ebeni.htm](http://www.espacoacademico.com.br/037/37ebeni.htm). Acesso em março de 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

_____. **O poder simbólico**. Trad. Fernando de Tomaz. 4 ed. Rio de Janeiro, 2001.

BOYER, Marc. **História do turismo de massa**. Bauru, SP: Edusc, 2003.

BURNS, Peter M. **Turismo e antropologia**: uma introdução. São Paulo: Chronos, 2002.

CAIXETA, Nely. A explosão do turismo. **Revista Exame**, a. 35, nº 5, ed. 735, março? 2001. São Paulo: Editora Abril, 2001.

CASTRO, Celso Antonio Pinheiro de. **Sociologia aplicada ao turismo**. São Paulo: Atlas, 2002.

CASTRO, Iná Elias de. Turismo e Ética. In: CORIOLANO, Luzia Neide M.T. (Org.) **Turismo com ética**. Forateza: Editora FUNECE, 1998.

CHRISTENSEN, Teresa Neumann de Souza. **História do Rio Grande do Sul em suas origens missioneiras**. Ijuí: E. Unijuí, 2001.

CLATERS, Hélène. **Terra sem males**. São Paulo: Salesiana, 2001.

COUSINEAU, Phil. **A arte da peregrinação**: para o viajante em busca do que lhe é sagrado. São Paulo: Agora, 1999.

DALCIN, Ignácio. **Em busca de uma terra sem males**. Porto Alegre: Est/Palmarinca, 1993.

DE LA TORRE, Oscar. **El turismo fenómeno social**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

DIAS, R. e AGUIAR, M. R. **Fundamentos do turismo**: conceitos, normas e definições. Campinas: Alínea, 2002.

DIAS, Reinaldo e SILVEIRA, Emerson J. S. (Org.) **Turismo Religioso**: ensaios e reflexões. São Paulo: Alínea, 2003a.

DIAS, Reinaldo. **Sociologia do turismo**. São Paulo: Atlas, 2003.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia Empírica do Lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

DURKHEIM, Emile. Sociologia da Religião e Teoria do Conhecimento. In: **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1998.

EMBRATUR. **Estudos do turismo brasileiro**. São Paulo: Terragraf, 1998.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FEATHERSTONE, Mike. **O desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade**. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 1997.

FLORIANI, Suelen. **Turismo de saúde e místico**. Artigo. Revista Turismo. Fevereiro de 2004. Disponível em <http://www.revistaturismo.com.br/artigos/saude-mistico.html>.

FRANCO, André Luiz dos Santos. **A presença militar no noroeste gaúcho: uma análise historiográfica da formação social militarizada da região missioneira do Rio Grande do Sul (1754-1929)**. Santo Ângelo: URI, 2004. Trabalho de conclusão de mestrado em História e Geografia com especialização em Metodologia do Ensino.

FURLONG, Guillermo. **Los Jesuítas y la cultura rioplatense**. Montevideu: Urrta y Curbelo, 1933.

GEERTZ, Clifford. A religião como sistema cultural. In: **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GOMES TAVARES. **Religião, turismo e cura: modulações do olhar nos deslocamentos contemporâneos**. Trabalho apresentado em mesa redonda: Peregrinação e turismo religioso. 2005.

GRIEBELER, Carlos. A força do imaginário. **Missioneria**, Santo Ângelo, 2006, n. 44, p. 7-25.

_____. A utopia da terra sem males. **Missioneira**, Santo Ângelo, 2002, n. 28, p. 11-30.

HAULOT, Arthur. **Turismo social**. México: Trillas, 2000.

HEELAS, Paul. A Nova Era no contexto cultural. **Religião & Sociedade**, v. 17, n. 1-2, ago. 1996, Rio de Janeiro: ISER, 1994, p. 16-33.

JAEGER, L. G. **Jesuítas no sul do Brasil: os bem aventurados Roque Gonzales, Afonso Rodrigues e João de Castilhos, mártires do Caaró e Pirapó**. Porto Alegre: Selbach, 1951.

JORNAL EL CORREO GALEGO. Santiago de Compostela. Disponível em http://www.caminhodesantiago.com/albergue/noticias_acacio/estadisticas_2006.html

JUNIOR, Nilo Alves. **Turismo Religioso: de Santiago a Canindé**. Fortaleza: SEBRAE, 2003.

JUSTEN, Simone. **Sepé Tiaraju no imaginário gaúcho**. Porto Alegre: La Salle, 2002.

KERN, Arno Álvarez. **Missões: uma utopia política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

_____. **Missões: uma utopia**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

KREUTZ, Estanislau Amadeu. **Missões jesuítico-guaranis: síntese histórica**. Santo Ângelo: Venâncio Ayres, 2007.

KRIPPENDORF, Jost. Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989. In: VAL, Nilton Soares. **Turismo, Sustentabilidade e a Paisagem**. Disponível em <http://www.senac.br/informativo/BTS/301/boltec301f.htm>. Acesso em março de 2007.

_____. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. São Paulo: Aleph, 2001.

MALLMANN, Alfeu Nilson. **Retrato sem retoque das Missões Guaranis**. Porto Alegre: Martins, 1986.

MARIANO, Ricardo. Secularização do Estado, liberdade e pluralismo religioso. www.naya.org.ar/congrsso2002/ponencias/ricardo_mariano.htm. Acesso em março de 2007.

MARRAMAO, Giacomo. **Céu e terra: genealogia da secularização**. São Paulo: Unesp, 1997.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

MELIÁ, Bartomeu. **A experiência religiosa guarani**. In: O rosto índio de deus. Petrópolis: Vozes, 1989.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Plano Nacional de Turismo 2007/2010. Uma Viagem de Inclusão**.

MONTEJANO, Jordi Montaner. **Estructura del mercado turístico**. Madri: Síntesis, 2001.

MOREIRA, Thiago. **Tenha fé nos negócios**. Revista Meu Próprio Negócio. Edição 52. Ano 5. Junho 2007. Editora OnLine.

OLIVEIRA, Christian D. M. de. **Viagens a santuários: uma modalidade de turismo religioso ou de religiosidade turística**. Boletim d Turismo e Administração Hoteleira do Unibero. São Paulo, vol. 9, nº 2. 2000.

_____. **Basílica de Aparecida: um templo para a cidade-mãe**. São Paulo: Olho D'água, 2001.

_____. **Turismo Religioso**. São Paulo: Aleph, 2004.

PAIVA, Maria das Graças. **Sociologia do turismo**. São Paulo: Papirus, 2001.

PELLEGRINI, A. F. Ecologia, cultura e turismo. Campinas, SP: Papirus, 1993. In: VAL, Nilton Soares. **Turismo, Sustentabilidade e a Paisagem**. Disponível em <http://www.senac.br/informativo/BTS/301/boltec301f.htm>. Acesso em março de 2007.

PETROCCHI, Mario. **Turismo: planejamento e gestão**. São Paulo: Editora Futura, 2001.

PIPPI, Gládis Maria. 300 anos da redução de Santo Ângelo. Ed. Comemorativa aos 300 anos da fundação da Redução de Santo Ângelo Custódio. **Revista das Missões**, n. 13, 2006.

Portal da Família. Artigo 082. **Mensagem de Sua Santidade João Paulo II por Ocasão do XXII Dia Mundial do Turismo**. Disponível em <http://www.portaldafamilia.org/artigos/artigo082.shtml>.

PRANDI, Reginaldo. **Religião pagã, conversão e serviço**. Novos Estudos CEBRAP, nº 45. 1996.

PUHL, João Ivo; SUÁREZ, Pedro. Memória Incômoda: história das cidades do sul do Brasil. **Revista Missioneira**, nº 14, novembro, 1998, p. 45-58.

RUSCHMANN, Doris. **Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente**. 4ª ed. Campinas: Papirus, 1999. (Coleção Turismo) In: VAL, Nilton Soares. **Turismo, Sustentabilidade e a Paisagem**. Disponível em <http://www.senac.br/informativo/BTS/301/boltec301f.htm>. Acesso em março de 2007.

RUSCHMANN, Doris. **Turismo no Brasil: análises e tendências**. Barueri: Manole, 2002.

SACHS, I. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2000.

SANTANA, Augustín. **Antropologia y turismo: Nuevas hordas, viejas culturas**. Barcelona: Ariel, 1991.

SANTOS Filho, João dos. Ensaio sociológico sobre o fenômeno do lazer em Karl Marx e Paul Lafargue. **Turismo em Análise**. Vol. 15, n. 2, 2004. São Paulo, CRP/ECA/USP: Aleph, 1990.

SANTOS, Simone Bruch. **Construção de uma proposta de tematização para o município de Santo Ângelo – RS**. Trabalho de conclusão do Curso de Administração Projetos e Empreendimentos Turísticos. Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões. 2007.

SARTOR, Lourdes Fellini. **Introdução ao Turismo**. Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul; Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1997. 89 p.

SEPP, A. **Viagem às missões jesuíticas e trabalhos apostólicos**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

SERRANO, Célia; BRUHNS, Heloisa; LUCHIARI, Maria Tereza (Orgs.). **Olhares contemporâneos sobre o turismo**. São Paulo: Papirus, 2001.

SIEBENEICHLER, Flávio B. **Jurgen Habermas: Razão comunicativa e emancipação**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1990.

STEIL, Carlos Alberto. **Peregrinação e Turismo: O Natal em Gramado e Canela**. XXII Reunião Anual da ANPOCS, GT Religião e Sociedade, Caxambu, 1998.

_____. Peregrinação, Romaria e Turismo Religioso: raízes etimológicas e interpretações antropológicas. In: ABUMANSUR, Edin Sued (Org.). **Turismo Religioso: Ensaio antropológico sobre religião e turismo**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

_____. **A modernidade fragmentou o campo religioso e fez emergir uma diversidade de religiões**. Revista do Instituto Humanitas Unisinos, p. 14 - 18, 21 maio 2007.

SWARBROOKE, John. **Turismo Sustentável: Conceitos e Impacto Ambiental**. São Paulo: Aleph, 2000.

URRY, John. **O olhar do Turista**. São Paulo: Studio Nobel: Sesc, 1996.

VITAL, Christina. **Tenha fé nos negócios**. Revista Meu Próprio Negócio. Edição 52. Ano 5. Junho 2007. Editora OnLine.

WERNET, Augustin. Peregrinação a Aparecida: das romarias programadas ao turismo religioso. In: RODRIGUES, Adyr B. **Turismo, modernidade, globalização**. São Paulo: Hucitec, 1992.

ANEXOS

Pesquisa para Dissertação de Mestrado
Questionário – Caminho das Missões

Dados de Identificação

Data: __/__/__

Nome: _____

IDADE: _____ SEXO: _____ ESTADO CIVIL: _____

INSTRUÇÃO: _____ PROCEDÊNCIA: _____

PROFISSÃO: _____ RELIGIÃO: _____

E-mail: _____

1. Você já realizou um caminho anteriormente? Qual?

2. Como você tomou conhecimento sobre o Caminho das Missões?

3. Porque você escolheu as Missões?

4. Quais informações você possui das Missões?

5. Qual o motivo de realizar o Caminho das Missões?

() Aprofundar o conhecimento sobre a História e a cultura das Missões

() Religião () Reflexidade do Eu () Misticismo

() Outros _____

6. Expectativa sobre a jornada.

QUESTIONÁRIO PEREGRINOS – CAMINHO DAS MISSÕES

IDENTIFICAÇÃO

Nome:

Sexo:

Idade:

Estado civil:

Profissão/Atividade:

Local de origem:

CARACTERÍSTICAS INDIVIDUAIS

Jornada de trabalho (em horas diárias):

Principais alternativas de lazer:

Religião/crença pessoal:

Você já trocou de Religião ou freqüentou/participou de outras religiões antes/juntamente com a atual:

HISTÓRICO DE ATIVIDADES TURÍSTICAS

Freqüência de viagens:

mensal

semestral

anual

sem critério definido

Critérios para escolha do destino:

preço do pacote turístico

possibilidade de vivência mística

atrativos históricos ou culturais

aspectos ambientais – preservação – ecologia

esportes - aventura

indicação de amigos/parentes/conhecidos

outro(s):

Preferência em viajar:

sozinho(a)

acompanhado(a) de amigos/parentes/conhecidos

em grupo

sem preferência

CONSIDERAÇÕES ACERCA DO CAMINHO DAS MISSÕES

Fonte de informação sobre o roteiro:

- Internet
 - mídia impressa (jornais, revistas)
 - televisão
 - relatos de amigos/parentes/conhecidos
 - outra:
-

Principal razão para escolha do roteiro:

- Ineditismo do roteiro
 - Curiosidade acerca das Missões
 - Expectativa de vivência mística
 - Religiosidade
 - Exercício – Caminhada em si – parte física
 - Contato com a natureza
 - Sugestão de amigos/parentes/conhecidos
 - Outra(s):
-

Meio de deslocamento até as Missões:

- aéreo
- rodoviário
- ambos

Que outros Caminhos já fez:

Principais impressões sobre o Caminho das Missões:

Qual sua impressão sobre o Ritual de Iniciação no Caminho das Missões (entrega da Cruz e do Cajado, escolha do padrinho/afilhado etc.) e a chegada em frente a Catedral de Santo Ângelo ?

Relato de alguma vivência mística ou religiosa vivenciada no Roteiro

O que mais o(a) marcou - Qual a maior experiência na realização do Caminho:

O que você entende por ser um "Peregrino"? Você se sentiu um Peregrino no Caminho das Missões?

Que notas daria de Zero a Cinco:

- () Locais de Hospedagem
- () Recepção dos Hospedeiros
- () Alimentação
- () Organização do Caminho
- () Amigo Peregrino

Observações ou Considerações sobre alguns destes últimos Itens:

QUESTIONÁRIO AMM - FUNMISSÕES
ENTREVISTA GRAVADA
ROTEIRO BÁSICO

- 1 – Histórico da entidade (data de fundação, principais motivos que levaram à sua criação, agentes envolvidos).
- 2 – Área de abrangência da AMM - Funmissões (linha do tempo – municípios fundadores e atuais participantes).
- 3 – Análise do potencial de participação política da entidade (conquistas, ações efetivadas, projetos em andamento).
- 4 – Caracterização do envolvimento da AMM - Funmissões com o setor turismo, em sua área de abrangência.
- 5 – Principais atividades relacionadas ao turismo propostas pela entidade (linha do tempo).
- 6 – Como a entidade vê a implantação e o desenvolvimento do produto turístico denominado Caminho das Missões?
- 7 – Qual a participação da AMM - Funmissões no fomento ao modelo de turismo proposto pelo Caminho das Missões (turismo “espiritual”/religioso/cultural)?
- 8 – Em relação aos projetos voltados ao incentivo ao turismo em sua área de abrangência, como a AMM - Funmissões classificaria o "case" apresentado pelo Caminho das Missões?
- 9 – A entidade conhece e/ou procura viabilizar algum outro roteiro com a potencialidade demonstrada pelo Caminho das Missões, em sua área de abrangência?
- 10 – Existe, por parte da AMM - Funmissões, participação ativa no financiamento de produtos turísticos na região das Missões?

QUESTIONÁRIO CAMINHO DAS MISSÕES – EMPREENDEDORES
ENTREVISTA GRAVADA
ROTEIRO BÁSICO

- 1 – Histórico da criação do roteiro turístico (principais referenciais envolvidos, base teórica, grupo de trabalho).
- 2 – Descrição das etapas de implantação do produto turístico (fases de testes, experimental e comercial).
- 3 – Configuração jurídica do negócio (Caminho das Missões Ltda? – sócios – se possível, anexar cópia Contrato Social e alterações).
- 4 – Organograma da empresa (estrutura funcional).
- 5 – Itinerários oferecidos e custos envolvidos em cada modalidade.
- 6 – Exposição de dados estatísticos sobre o desenvolvimento e afirmação do roteiro (número de peregrinos, volume de negócios, presença na mídia).
- 7 – Principais aspectos do estabelecimento de parcerias para a implantação do roteiro (contatos com hospedeiros, acompanhamento, avaliação dos serviços prestados).
- 8 – O Caminho das Missões se configura como um roteiro de turismo religioso ou procura transcender este rótulo, agregando elementos que dizem respeito à espiritualidade do tipo Nova Era?
- 9 – Ainda em relação ao questionamento anterior: existe, no processo de constituição do roteiro turístico, algum subsídio esotérico/espiritualista, capaz de ter influenciado em sua definição?
- 10 – Qual as principais fontes de captação de peregrinos para o cumprimento do roteiro? (Pode-se afirmar que os caminhantes compartilhem algum(ns) traço(s) culturais/comportamentais similares? – origem, situação econômico-financeira, crenças).

QUESTIONÁRIO HOSPEDEIROS
ENTREVISTAS GRAVADAS
ROTEIRO BÁSICO

IDENTIFICAÇÃO

Nome:

Sexo:

Idade:

Estado civil:

Filhos:

Profissão:

Localidade:

CARACTERÍSTICAS INDIVIDUAIS

Grau de instrução:

Atividade atual (além de hospedeiro)

O que fazia antes?

Religião:

CONSIDERAÇÕES ACERCA DO TRABALHO DESENVOLVIDO JUNTO AO CAMINHO DAS MISSÕES

Atuação junto ao Caminho das Missões:

Freqüência de participação nas atividades do Caminho:

() diária

() semanal

() mensal

Renda mensal originada do roteiro:

1 - Como entrou no Projeto “Caminho das Missões” ?

2 – Você acredita que o Caminho das Missões tenha contribuído para a melhoria de suas condições de vida?

3 – Sua vida profissional sofreu algum tipo de mudança desde o surgimento do Caminho das Missões?

4 - Como é a relação entre os turistas (peregrinos) e os hospedeiros ?

5 - Na sua opinião, qual a principal necessidade dos hospedeiros, para melhor atender aos peregrinos que percorrem o Caminho das Missões?

IMPRESSÕES ACERCA DOS PEREGRINOS DO CAMINHO DAS MISSÕES

1 – O que você pensa das pessoas que se deslocam até as Missões, para percorrerem as trilhas do Caminho?

2 – Você acredita que os peregrinos possam vivenciar experiências místicas ao longo do percurso do Caminho?

3 – O que mais lhe chama a atenção nas pessoas que percorrem o Caminho das Missões?

4 – Na sua vivência junto ao Caminho, algum peregrino lhe solicitou informações sobre locais de vivência religiosa (igrejas, cemitérios, etc) ou sobre pessoas com algum tipo de “poder” espiritual (curandeiros, benzedeiros, etc)?

5 - Os peregrinos mostram sua religiosidade? De que forma?

6 – Em seus contatos com os peregrinos, que situação lhe pareceu mais estranha ou diferente, em relação às atividades cotidianas dos turistas?

7 - Os peregrinos influenciaram – de alguma forma – em algum fator da sua vida ?

Fotos de um grupo de peregrinos do qual fez parte este pesquisador:



Caminho das Missões -

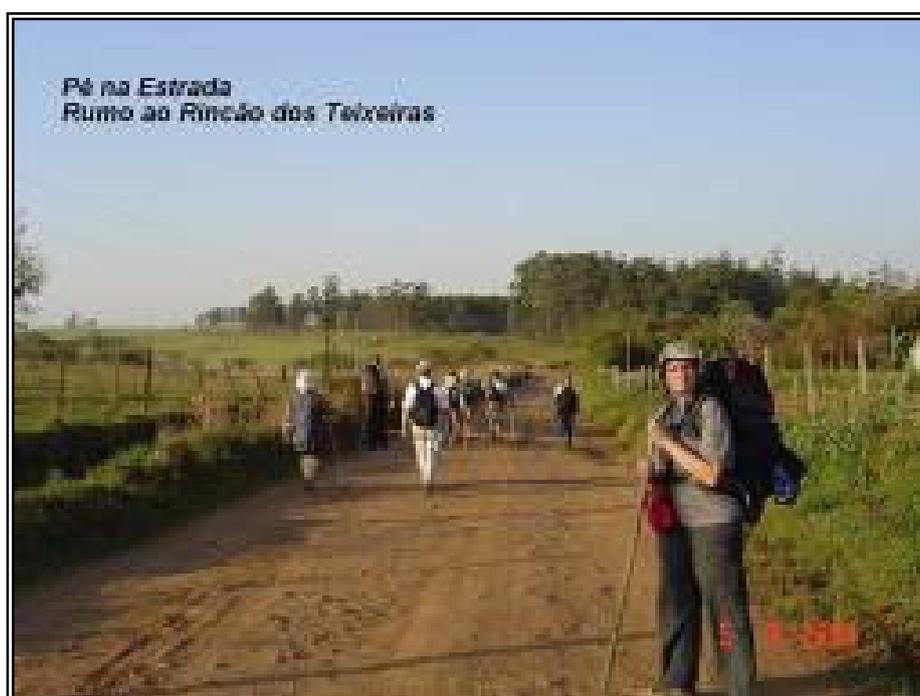
Chegada as Missões - Dia da apresentação do grupo – foto em frente a Catedral Angelopolitana em Santo Ângelo.



Caminho das Missões – Chegada as Missões – Véspera do início da caminhada - sítio arqueológico - município de São Nicolau.



Caminho das Missões – I Dia – Saída do grupo – manhã - município de São Nicolau.



Caminho das Missões – I Dia – manhã - São Nicolau – rumo ao Rincão dos Teixeiras.



Caminho das Missões – I Dia – manhã - São Nicolau – rumo ao Rincão dos Teixeiras.



Caminho das Missões – I Dia – tarde – São Nicolau – estrada rumo ao Rincão dos Teixeiras.



Caminho das Missões – I Dia – tarde – pausa para água –
rumo ao Rincão dos Teixeiras .



Caminho das Missões – II Dia – manhã - Rincão dos Teixeiras
– Saída do ponto de hospedagem – município de São Nicolau.
Na foto com o grupo a hospedeira, D. Antonia.



Caminho das Missões – II dia – manhã – Gruta Nossa Senhora de Lourdes – homenagem a Luis Carlos Prestes – São Luiz Gonzaga.



Caminho das Missões – II dia - tarde - Catedral São Luiz Gonzaga.



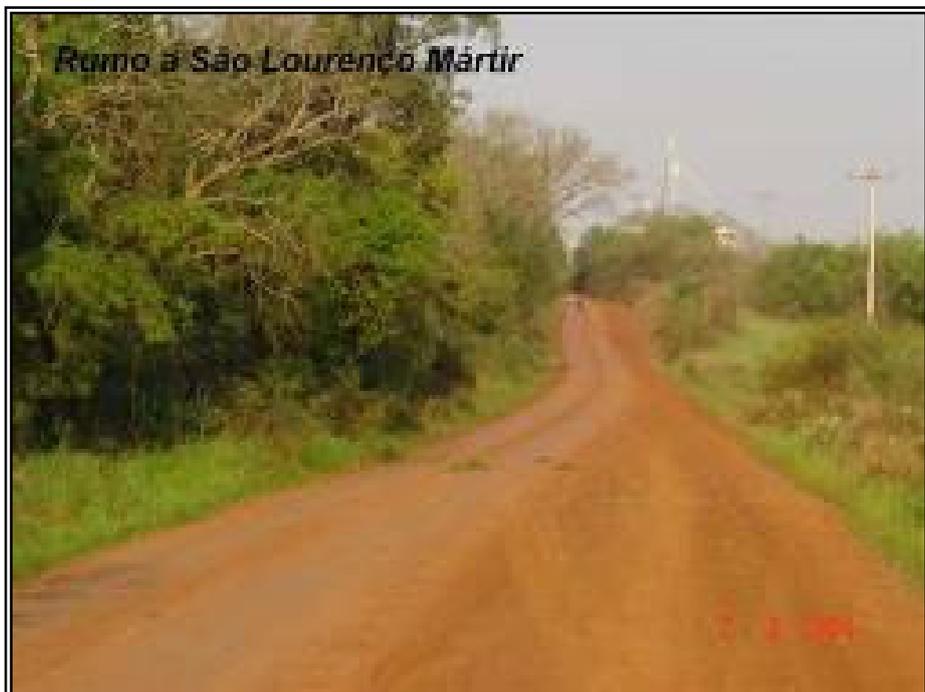
Caminho das Missões – III Dia – manhã - São Luiz Gonzaga – saída do ponto de hospedagem. Na foto, com o grupo, a hospedeira Margarete.



Caminho das Missões – III Dia – meio-dia – parada para o almoço - hospiteiros Maria e Argemiro – São Luiz Gonzaga – área rural.



Caminho das Missões – III Dia – partida após o almoço – São Luiz Gonzaga - área rural.



Caminho das Missões – III Dia – manhã - estrada rumo a São Lourenço Mártir.



Caminho das Missões – III Dia – tarde - visita ao sítio arqueológico de São Lourenço Mártir



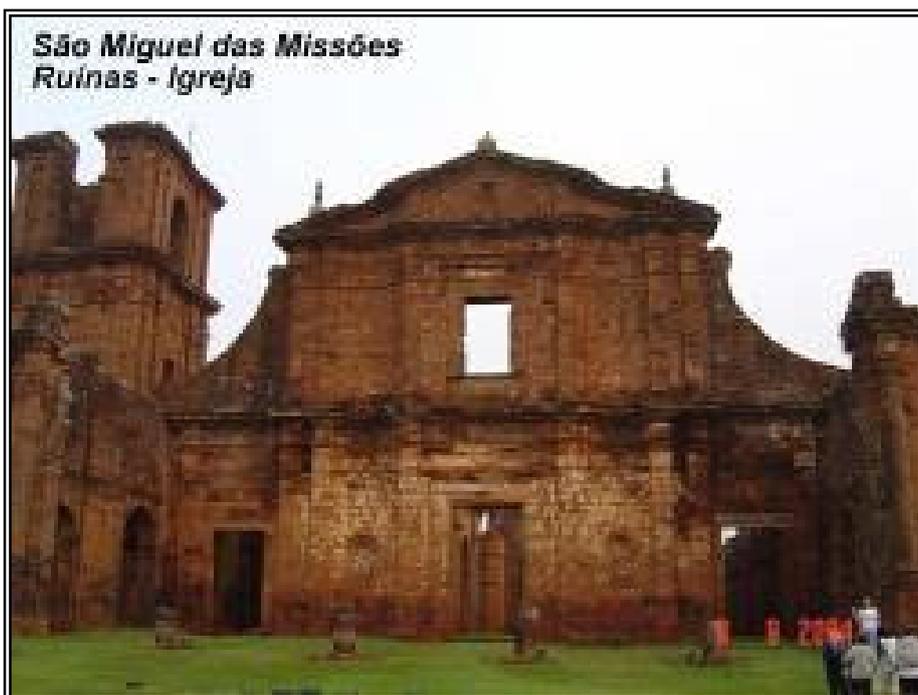
Caminho das Missões – III Dia - tarde - sítio arqueológico de São Lourenço Mártir



Caminho das Missões – IV Dia – manhã – partida de São Lourenço Mártir – na foto, com o grupo, a hospedeira Roselaine.



Caminho das Missões - IV dia - manhã - rumo a São Miguel das Missões.



Caminho das Missões – IV dia – tarde - visita do grupo de peregrinos ao Sítio Arqueológico São Miguel Arcanjo.



Caminho das Missões – IV dia – tarde - grupo visita o Sítio Arqueológico São Miguel Arcanjo.



Caminho das Missões – V dia – parada de almoço –
Esquina Ezequiel – na foto, com o grupo, os hospiteiros
Sandra e Mário.



Caminho das Missões – V dia - noite – hospedagem na
residência da D. Neli e João de Mattos, na localidade de
Carajzinho.



Caminho das Missões – VI dia - manhã - estrada rumo a São João Batista.



Caminho das Missões – VI dia – tarde - visita ao sítio arqueológico de São João Batista, município de entre-Ijuís.



Caminho das Missões – VII dia - manhã – estrada em área rural – rumo a Santo Ângelo.



Caminho das Missões – VII dia – manhã - parada para chimarrão e frutas – estrada rumo a Santo Ângelo.



Caminho das Missões – VII dia - manhã – travessia de balsa pelo Rio Ijuí – município de Entre Ijuís – rumo a Santo Ângelo.



Caminho das Missões – VII dia – primeira hora da tarde – chegada com chuva na praça – frente a Catedral Angelopolitana. – Santo Ângelo/RS.



Santo Ângelo
Chegada na Catedral

Caminho das Missões – VII dia - chegada a Santo Ângelo - entrada na Catedral Angelopolitana – ponto final do Caminho das Missões.

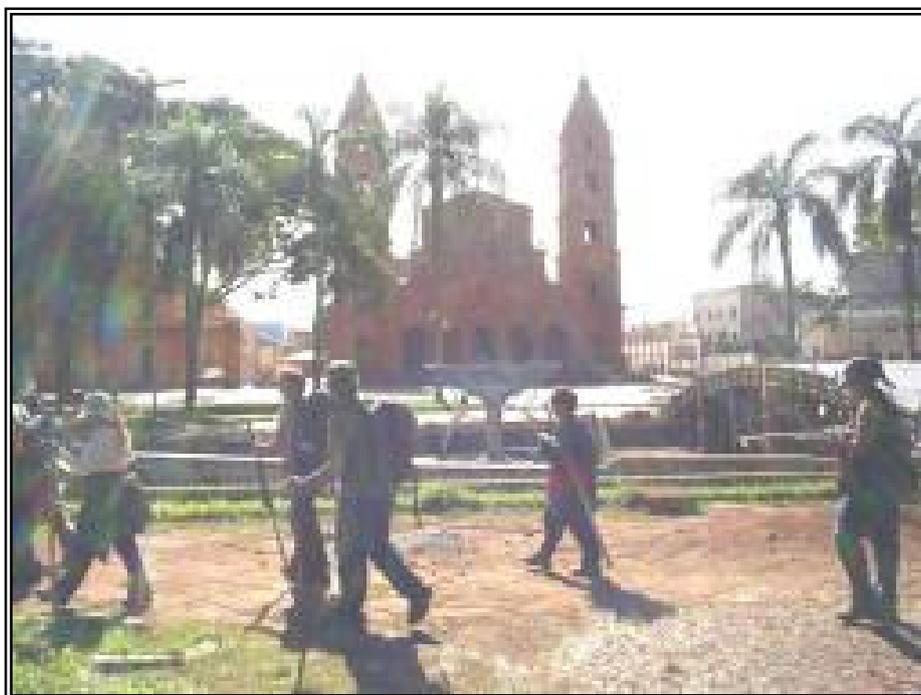


Santo Ângelo
Almoço de Confraternização

Caminho das Missões - VII dia - Almoço de confraternização – despedida – entrega dos certificados.



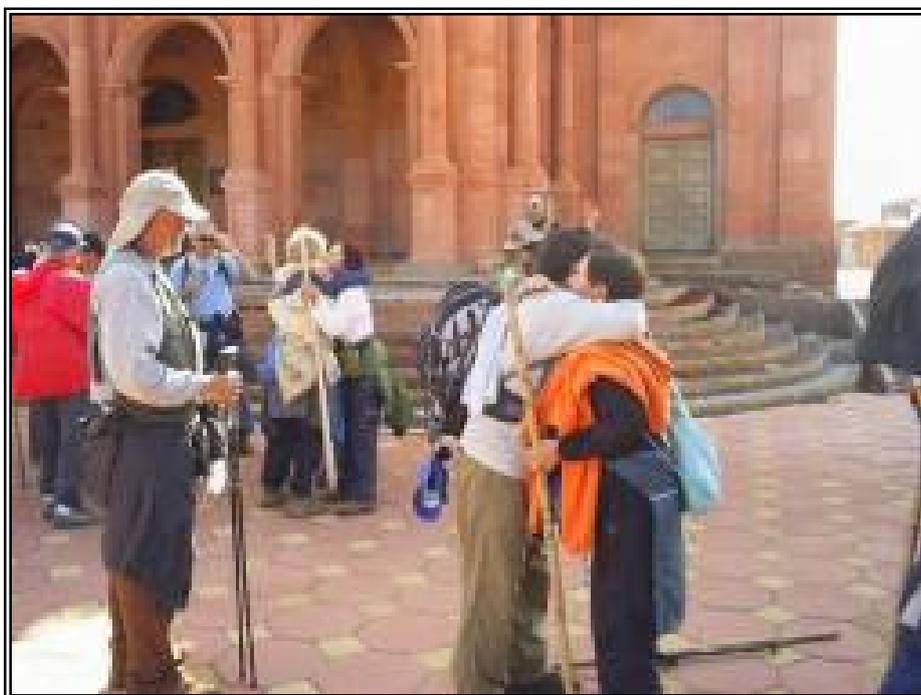
Caminho das Missões – foto de peregrinos na Rua da Redução, antes de adentrarem a praça Pinheiro Machado e chegada do trajeto.



Caminho das Missões – grupo de peregrinos no ponto final do Caminho, na Praça de Santo Ângelo em processo de reconstrução. Em frente, a Catedral Angelopolitana.



Caminho das Missões – novo grupo de peregrinos chegando na Catedral Angelopolitana.



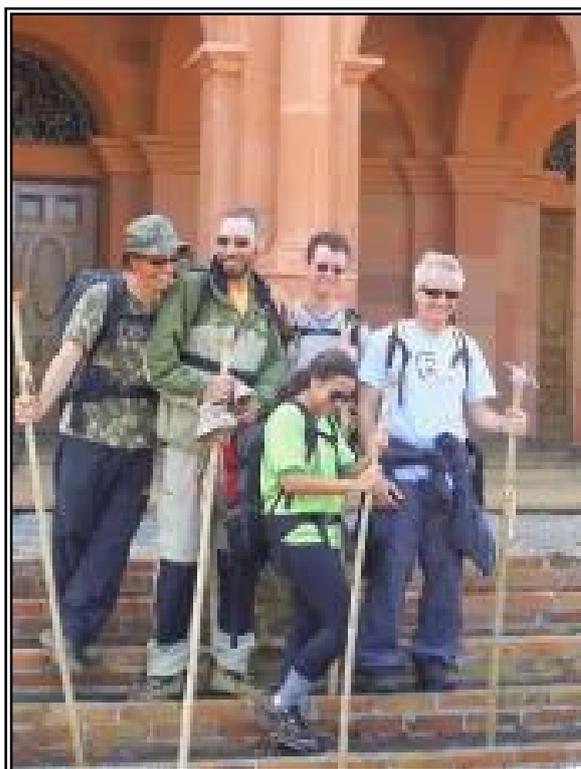
Caminho das Missões – confraternização dos peregrinos no momento da chegada.



Caminho das Missões – confraternização de peregrinos no momento da chegada.



Caminho das Missões – foto “oficial” de um grupo de peregrinos nas escadarias da Catedral Angelopolitana.



Caminho das Missões – grupo de peregrinos na escadaria na Catedral Angelopolitana.



Caminho das Missões – peregrinos da Associação de Amigos de Santiago de Compostela realizando o Caminho das Missões.



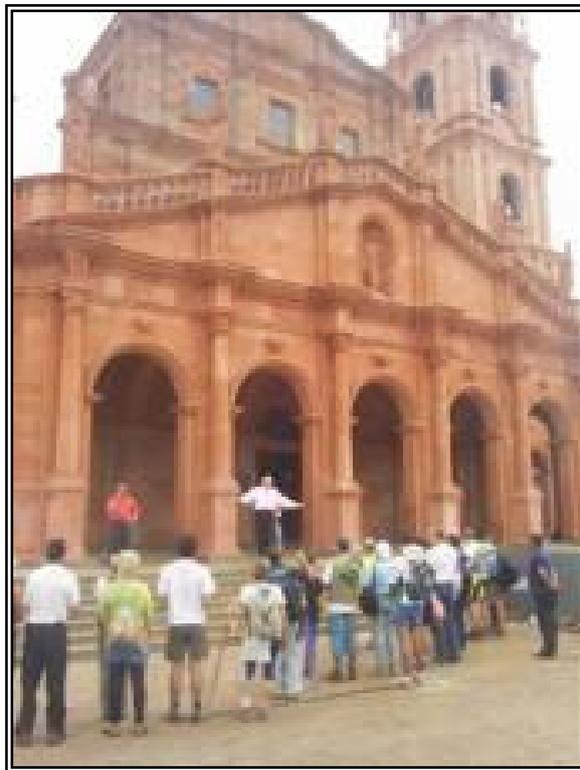
Caminho das Missões – peregrinos da Associação de Amigos de Santiago de Compostela realizando o Caminho das Missões.



Caminho das Missões – amigos de Santiago de Compostela chegando na rua da Redução em Santo Ângelo.



Caminho das Missões – grupo de peregrinos na Praça Pinheiro Machado, ponto final do Caminho.



Caminho das Missões – grupo de peregrinos sendo recebido pelo Bispo Emérito de Santo Ângelo, Dom Estanislau Amadeus Kreutz.



Caminho das Missões – grupo de peregrinos ouvindo as boas vindas do bispo Emérito de Santo Ângelo.



Caminho das Missões – almoço de confraternização e entrega dos certificados.



Caminho das Missões – Ritual de Abertura, entrega dos cajados.



Caminho das Missões – Ritual de Abertura, entrega dos cajados.



Caminho das Missões – Ritual de Abertura.



Caminho das Missões – Ritual de Abertura. material usado.



Caminho das Missões – índios guarani, expondo e vendendo artesanato no Sítio Arqueológico São Miguel Arcanjo. São Miguel das Missões.



Caminho das Missões – índios guarani, no Sítio Arqueológico São Miguel Arcanjo. São Miguel das Missões.



Caminho das Missões – índios guarani, expondo e vendendo artesanato no Sítio Arqueológico São Miguel Arcanjo. São Miguel das Missões.



Caminho das Missões – artesanato guarani, Sítio Arqueológico São Miguel Arcanjo. São Miguel das Missões



Caminho das Missões – Hospedeiros – dona Antônia – São Nicolau.



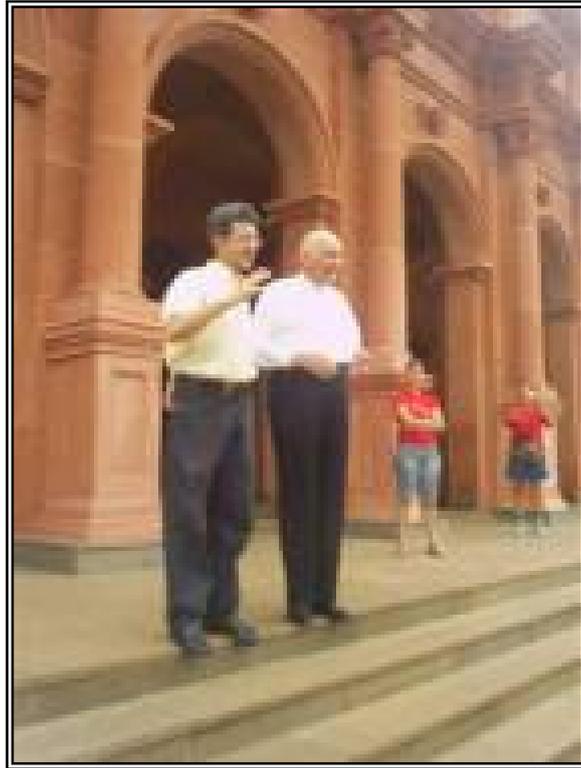
Caminho das Missões – Hospedeiros – Margarete Reichert – São Luiz Gonzaga.



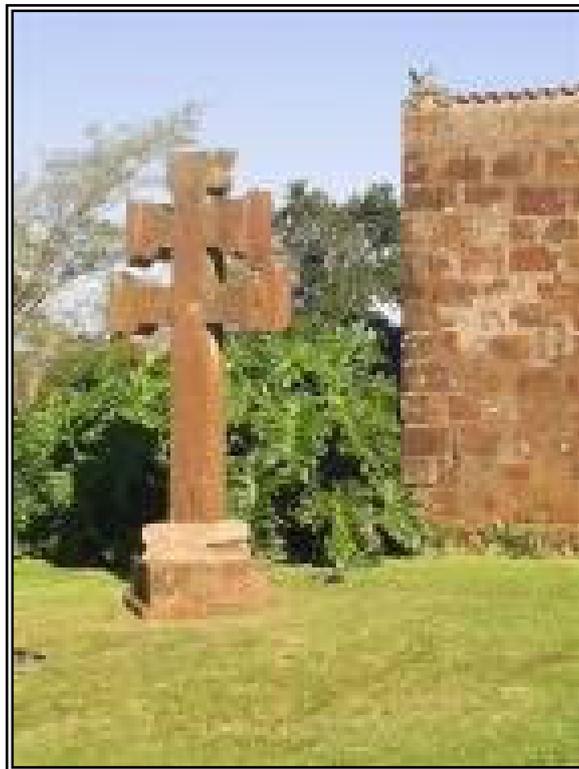
Caminho das Missões – Hospedeiros - Roselaine – São Lourenço Mártir.



Caminho das Missões – Hospedeiros - Mario Simon – Entre-Ijuís.



Caminho das Missões – José Roberto Oliveira e Bispo Emérito Dom Estanislau Amadeu Kreutz, recebem um grupo de peregrinos.



Caminho das Missões – Cruz Missioneira – Sítio Arqueológico São Miguel Arcanjo – São Miguel das Missões.



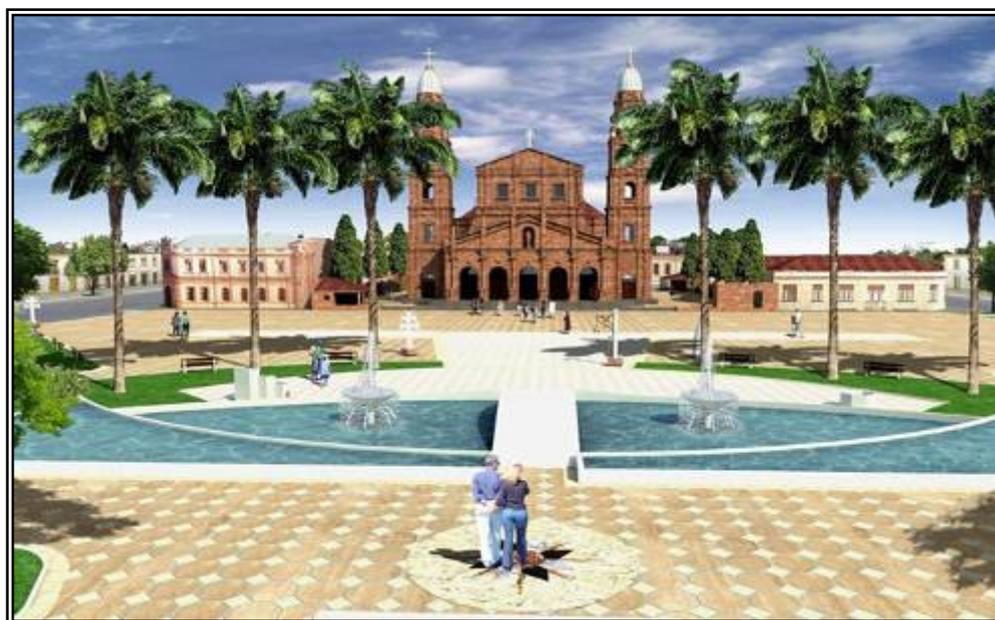
Caminho das Missões – Catedral Angelopolitana. Santo Ângelo – RS.



Caminho das Missões – Igreja São Miguel Arcanjo, patrimônio da humanidade. São Miguel das Missões.



Caminho das Missões – maquete da nova praça Pinheiro Machado. Portal dos Peregrinos. Catedral Angelopolitana. Santo Ângelo. RS.



Caminho das Missões – maquete da nova praça Pinheiro Machado. Catedral Angelopolitana. Santo Ângelo. RS.

**PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
MESTRADO**

CARLOS AUGUSTO SILVEIRA ALVES

**O CAMINHO DAS MISSÕES E SEUS PEREGRINOS:
NOVA MODALIDADE DE PRODUTO TURÍSTICO
NA REGIÃO DAS MISSÕES**

PROF. DRº RICARDO MARIANO
ORIENTADOR

**Porto Alegre
2007**

